UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM

PSICOLOGIA E SAÚDE

Clara Faes Schönardie

Saúde e mobilização subjetiva no trabalho de policiais militares efetivos e em formação do Batalhão de Operações Especiais do Rio Grande do Sul

Porto Alegre

2023

Clara Faes Schönardie

Saúde e mobilização subjetiva no trabalho de policiais militares efetivos e em formação do Batalhão de Operações Especiais do Rio Grande do Sul

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde da Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Profª. Drª. Mayte Raya Amazarray

Porto Alegre

2023

Catalogação na Publicação

Faes Schönardie, Clara
Saúde e mobilização subjetiva no trabalho de policiais militares efetivos e em formação do Batalhão de Operações Especiais do Rio Grande do Sul / Clara Faes Schönardie. -- 2023.
122 p. : 30 cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde, 2023.

Orientador(a): Mayte Raya Amazarray.

1. Saúde do Trabalhador. 2. Polícia Militar. 3. Operações Especiais. I. Título.

Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da UFCSPA com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Saúde e mobilização subjetiva no trabalho de policiais militares efetivos e em formação do Batalhão de Operações Especiais do Rio Grande do Sul

BANCA AVALIADORA

Prof. Dr. Adolfo Pizzinato

Departamento de Psicologia

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Fernando Ribas Feijó

Departamento de Medicina Preventiva e Social

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Profª. Drª. Sheila Gonçalves Câmara

Departamento de Psicologia

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA)

Porto Alegre

2023

Àqueles(as) que percorrem caminhos áridos com sementes na mão. Pela terra de plantio que compartilhamos...

AGRADECIMENTO

Ou

É preciso uma aldeia para escrever uma dissertação...

Agradeço a tudo que a vida tem me ofertado e, sobretudo, a possibilidade de seguir viva. Que alegria estar em mim.

À minha mãe, Rosani, pelo que compartilhamos desde as entranhas, pelos dias ao meu lado nos momentos mais necessários. Pelos nossos corações selvagens e transbordantes em lágrimas.

Ao meu pai, Marcos, pela força e pelo acreditar na emancipação através do estudo. Sei que ele fez tudo que pôde para me dar acesso a um mundo que ele próprio não viveu.

À minha irmã, Natália, minha "fiscal" de leituras desde os 8 anos, sem o gosto pelos livros, nada disso estaria aqui. Pelas discussões potentes, pelo bancar um argumento, duas coisas que têm minha paixão, e há pouco (re)descobri que compartilhamos. A minha outra irmã, que não pôde ser, agradeço o existir na história.

À Céu, companheira canina de todas as horas e escritas. A Yasmim por me ensinar desde o dia que nasceu a importância do respeito e por me mostrar potência, o mundo te espera. Aos meus tios e dinda que, ainda que de mais longe, se orgulham e me impulsionam. Aos meus avôs e avós pelo que eles puderam.

À Priscila por mergulhar comigo durante anos, pela revolução, pelo lugar permanente na minha história, pela chave que deixo com ela. Às minhas queridas amigas da Psicanálise, a gestão 2030. Aos(às) colegas e amigos(as) de coletivo Psicanálise na Praça. Às minhas supervisoras.

Todos(as) policiais que apostam nesta pesquisa.

Mayte, minha orientadora no significado mais amplo que essa palavra pode ter. Pela amizade, presença calma, sensível. Pelo modelo e pelo confiar no que construo.

Aos(às) pacientes que confiam e apostam comigo na força da palavra. Que me apresentam suas histórias, me permitem fazer parte delas e me transformam a cada dia no consultório e na praça.

À banca que compõe esse trabalho pelas suas contribuições.

À Universidade Pública que me permitiu ser, que me apresentou mundos que não pareciam possíveis e hoje são. À Psicologia por transformar minha vida.

Agradeço e honro vocês, minha aldeia.

Um brinde:

às dores, a paixão e ao amor, estes sentimentos potentes e revolucionários que transformam e fazem a vida pulsante.

APRESENTAÇÃO

Andanças institucionais ou a maior aula de análise institucional que eu poderia ter: Uma pequena apresentação desta dissertação de mestrado e da autora.

Ainda lembro de ter 13 anos e ser a leitora mais assídua da biblioteca da escola. Lembro dos sonhos na cabeça e dos livros que movimentavam. Lembro do quanto um mundo mais justo sempre tocou meu coração de um jeito que era difícil de explicar. As palavras me alcançam ao longo da vida no tempo delas, não necessariamente no tempo que eu quero. Lembro da escolha pela Psicologia, do percurso até o meu primeiro dia de aula, do meu primeiro dia de análise...

Quando entrei na Universidade tive minha vida transformada por tanto conhecimento, pessoas, realidades. Essa dissertação é a materialização desse percurso. A vida não está toda aqui. Mas eu estou. E quem sou eu? De onde essa escrita parte?

Há quem questione a academia entendendo que seu lugar não é dentro. O meu lugar é dentro, ainda que questionando. Lembro das aulas em que aprendi sobre análise institucional, da minha empolgação, dos textos e das discussões. Eu funciono com aquilo que me movimenta, seja bom ou ruim. Quando entrei no mestrado queria pesquisar o fenômeno da *uberização* do trabalho, escrevi um projeto, li livros, artigos e ainda assim parecia que aquilo não andava. Não foi exatamente uma briga, mas desanimei. Como surgiu esta pesquisa com o BOPE?

Em uma das reuniões do grupo, a Mayte chegou com a notícia de que tinha sido contatada pela psicóloga do BOPE que havia compartilhado o interesse da instituição em estudar a personalidade dos policiais que se propõem a fazer o curso de formação de operadores especiais. Essa possibilidade de pesquisa tornou-se debate nas reuniões. Enunciei: “Para quê? E para quem serviria esse conhecimento?”. De início, senti que esse projeto não teria a ver comigo, que eu não me identificava com diversas questões relacionadas à polícia e me coloquei fora. Lembro da conversa com um amigo sobre a importância de entender policiais também como trabalhadores. Com o tempo, fui me aproximando do BOPE e percebendo que nosso trabalho passava por construir aberturas: para além da personalidade, poderíamos pesquisar aspectos do trabalho, de saúde e adoecimento. Sinto que um verdadeiro trabalho de construção de demanda foi feito; o trabalho prescrito e solicitado e o que está para além dele...

Lembrei de um texto da Suely Rolnik (1985) em que ela aponta tipos de leitura possíveis quando entramos em contato com um autor novo: a leitura molar, que é aquela que busca fincar mais do que depressa o marco de terra, nomeando, possuindo,

transformando o vazio em área de reprodução cega, de enunciação estereotipada, esterilizando. E a leitura molecular, que se propõe a construir zonas de transparência. Por um tempo a minha leitura para o BOPE foi só molar e a tarefa foi construir o molecular. Como eu disse: funciono no movimento. De um desses, nasce então essa dissertação, sobre o BOPE.

As palavras me encontram no tempo delas, também já disse isso. E desde que estive no BOPE fui bem recebida e aprendi sobre amizade, companheirismo e outras tantas coisas. Eu não quero enxergar tudo a partir de uma só visão e eu acredito na ciência que produz movimento inclusive no pesquisador. É difícil questionar o que já está instituído, ainda mais quando ele está em nossos discursos. Ainda bem que conseguimos encontrar palavras diferentes algumas vezes. “O autor não é um pedaço de mim, eu mais ele não somos um, o que implica que nem ele é um, nem eu sou mim. Entre nós há zonas-de-transparência que colocam subjetividades em contato” (Rolnik, 1985, p. 9). Das subjetividades em contato, o BOPE aceitou embarcar nesse desafio, uma instituição por vezes tão fechada em si disposta a se olhar e ser olhada. Eu também aceitei.

Enquanto escrevia essa apresentação me dei conta que o processo de construção dessa dissertação foi uma aula de análise institucional. Encontrei meu lugar nos estudos com o BOPE criando zonas-de-transparência. Aprendendo até (!) sobre pesquisa quantitativa. Caminho se faz no caminhar, já dizia o poeta Antônio Machado. Coloco a utopia nessa caminhada na forma como quero poder ser enxergada e enxergar o outro, na forma como quero que esse mundo possa ser com as palavras que tenho hoje: mais justo, democrático e solidário. Essa dissertação é um fruto de tudo isso. Pela Clara de 13 anos e, talvez, um lembrete para mim mesma hoje: existem muitos sentidos para uma coisa, muitos olhares e possibilidades quando nos colocamos abertos, moleculares.

“Na parede de um botequim de Madri, um cartaz avisa:

“Proibido cantar”.

Na parede do aeroporto do Rio de Janeiro, um aviso informa:

“É proibido brincar com os carrinhos porta-bagagem”.

Ou seja:

Ainda existe gente que canta, ainda existe gente que brinca”.

Eduardo Galeano

“Da minha parte, eu quero fazer histórias. Com todos os descendentes infiéis dos deuses celestes, com meus companheiros de ninhada que se regozijam em ricas bagunças interespécie, eu quero fabricar uma **agitação crítica e alegre**. Eu não resolverei o problema, mas pensarei com ele, me deixarei incomodar por ele. A única maneira que eu conheço para fazê-lo é convocar a alegria criadora, o terror e o pensamento coletivo”.

Donna Haraway

RESUMO

Essa dissertação apresenta dois artigos provenientes de estudo sobre a relação entre saúde e mobilização subjetiva associadas ao contexto de trabalho de policiais militares vinculados às operações especiais de um estado do Sul do país. Na primeira etapa do estudo (objeto do artigo 1, quantitativo de natureza correlacional), 124 participantes responderam a nove instrumentos [questionário sociodemográfico elaborado pelas autoras, três testes psicológicos (Inventário Fatorial de Personalidade II, Bateria Fatorial de Personalidade e Escala de Avaliação da Impulsividade), cinco questionários padronizados autoaplicáveis (questionário de saúde geral, escala de percepção do estresse, *World Health Organization Quality of Life – bref* para avaliação da qualidade de vida, COPE para avaliação das estratégias de coping, e Copenhagen Psychosocial Questionnaire II versão média para avaliação dos fatores psicossociais do trabalho)]. Neste, são apresentados os resultados das avaliações de personalidade, impulsividade, saúde geral, estresse, qualidade de vida, *coping* e fatores psicossociais do trabalho, bem como dois modelos preditivos do bem-estar psíquico deste grupo ocupacional. Identificaram-se variáveis de risco que impactam diretamente no bem-estar psíquico e seu peso preditor, tais como: conflito trabalho-família, menor percepção de possibilidade de desenvolvimento, falta de concentração e persistência, *coping* evitativo, e depressão. Como protetivas ao bem-estar psíquico: boa saúde geral, domínio psicológico da qualidade de vida e *coping* focado no problema. Na segunda etapa do estudo (objeto do artigo 2, estudo qualitativo de natureza exploratória), foram realizados três grupos focais dos quais participaram 19 policiais vinculados de forma efetiva ao BOPE, com o intuito de conhecer vivências e percepções no que diz respeito às relações entre seu contexto laboral e mobilização subjetiva. O conjunto dos dados traz o foco para as vivências dos processos de saúde-adoecimento e seus determinantes para essa categoria profissional. Discutiu-se sobre a identidade subjetiva atravessada pelas vivências de trabalho e aspectos grupais, como amizade e sentimentos de sobre humanidade. Os achados dos artigos descrevem um grupo coeso com senso de pertencimento, que tem bons índices de saúde. Propõem-se a contribuir com tais subsídios para a visibilidade de processos de saúde-adoecimento no trabalho, evidenciando a forma como o trabalho de sujeitos que atuam na segurança pública é vivenciada, que é de relevância para toda a sociedade, bem como a discussão sobre o bem-estar no trabalho e a elaboração de políticas públicas nessa direção.

Palavras-chave: Saúde do Trabalhador; Polícia militar; Operações Especiais; Bem-estar; Mobilização subjetiva.

ABSTRACT

This dissertation presents two articles from a study about the relationship between health and subjective mobilization associated with the work context of military police officers linked to special forces in a southern state of Brazil. In the first stage of this study (object of article 1, quantitative and correlational), 124 participants answered nine instruments [sociodemographic questionnaire organized by the authors, three psychological tests ("Inventário Fatorial de Personalidade II", "Bateria Fatorial de Personalidade" and "Escala de Avaliação da Impulsividade"), five self-administered standardized questionnaires (General Health Questionnaire, Perceived Stress Scale, World Health Organization Quality of Life – bref for assessing quality of life, COPE for assessing coping strategies, and Copenhagen Psychosocial Questionnaire II medium version for assessment of psychosocial factors at work)]. The results of the assessments of personality, impulsivity, general health, stress, quality of life, coping and psychosocial factors at work are presented, as well as two predictive models of the psychic well-being of this occupational group. Risk variables that directly impact psychological well-being and their predictive weight were identified, such as: work-family conflict, lower perception of the possibility of development, lack of concentration and persistence, avoidant coping, and depression. As protective to psychic well-being: good general health, psychological domain of quality of life and problem-focused coping. On the second stage of the study (object of article 2, qualitative study and exploratory), three focal groups were conducted, in which 19 military police officers effectively linked to special forces participated, with the aim of knowing the experiences and perceptions regarding the relationship between its work context and subjective occupation. The set of data brings the focus to the experiences of health-illness processes and their determinants for this professional category. Subjective identity crossed by work experiences and group aspects, such as friendship and feelings of humanity, were discussed. The findings of the articles describe a cohesive group with a sense of belonging, which has good health indices. They propose to contribute with such results to the visibility of health-illness processes at work, highlighting the way in which the work of a subject who participates in public safety is experienced, which is relevant to society in general, as well as the discussion about well-being at work and the elaboration of public policies in this direction.

Key words: Occupational health; Military police; Special operations; Well-being; Subjective mobilization.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BET – Bem-estar no Trabalho

BFP – Bateria Fatorial de Personalidade

BM – Brigada Militar

BOPE – Batalhão de Operações Especiais

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

COE – Curso de Operações Especiais

COPE – *Coping Orientation to Problems Experienced Inventory*

COPSOQ – *Copenhagen Psychosocial Questionnaire*

GHQ 12 – General Health Questionnaire

IFP – Inventário Fatorial de Personalidade

PM – Polícia Militar

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 14

2 REVISÃO DE LITERATURA 15

3 OBJETIVOS 19

3.1 OBJETIVO GERAL 19

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS 19

4 REFERÊNCIAS DA DISSERTAÇÃO 20

5 ARTIGO 1 23

6 ARTIGO 2 66

7 CONCLUSÃO GERAL 94

APÊNDICES 96

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 96

APÊNDICE B – Questionário Online 99

APÊNDICE C – Questionário sociodemográfico e laboral 100

APÊNDICE D – Escala de Estresse Percebido 103

APÊNDICE E – *Coping Orientation to Problems Experienced Inventory* (COPE) .. 104

APÊNDICE F – WHOQOL BREF (Qualidade de Vida) 105

APÊNDICE G – Questionário de Saúde Geral (GHQ-12) 108

APÊNDICE H – Copenhagen Psychosocial Questionnaire II - Versão média 109

APÊNDICE I – Roteiro Grupos Focais 113

APÊNDICE J – Convite Participação Pesquisa 115

APÊNDICE K – Convite Grupos Focais 116

ANEXO A - Parecer Consubstanciado do CEP 117

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado foi desenvolvida para obtenção do grau de Mestre em Psicologia e Saúde pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), junto ao Laboratório de Psicologia em Trabalho & Saúde (PETRAS), coordenado pela Profª Drª Mayte Raya Amazarray. Está vinculada ao projeto de pesquisa *"Formação e cotidiano laboral de policiais militares do Batalhão de Operações Especiais do Rio Grande do Sul: dimensão psicossocial do trabalho, saúde mental e qualidade de vida",* de delineamento longitudinal e com método misto (técnicas quantitativas e qualitativas de coleta e análise de dados).

Para esta dissertação, foram organizados dois artigos empíricos. O primeiro artigo, quantitativo de natureza correlacional, apresenta os resultados relativos à avaliação de saúde, percepção de estresse, estratégias de *coping*, personalidade, impulsividade e aspectos psicossociais do trabalho de policiais vinculados ao BOPE (em caráter efetivo e em formação no curso de operações especiais). Além disso, apresenta e discute dois modelos explicativos da variabilidade do bem-estar psíquico deste grupo ocupacional. O artigo 2, de natureza qualitativa, apresenta os dados provenientes de três grupos focais que tiveram por objetivo conhecer vivências e percepções de policiais militares atuantes de forma efetiva junto ao BOPE, no que diz respeito às relações entre seu contexto laboral e as mobilizações subjetivas pelo exercício dessa atividade. Neste artigo, discute-se acerca da identidade subjetiva atravessada pelas vivências de trabalho e os processos de saúde-adoecimento. São discutidos, também, aspectos relacionados às vivências em grupo, tais como a sensação de sobre humanidade e de pertencimento a um coletivo.

Este documento está organizado, a seguir, com revisão de literatura e contextualização geral da dissertação. Depois, são apresentados os objetivos da dissertação, seguidos pelos dois artigos. Por fim, constam as considerações finais gerais da dissertação e os documentos e materiais anexos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Os estudos no campo da Saúde do Trabalhador apontam para os atravessamentos complexos presentes no mundo do trabalho, sendo este influenciado por dimensões econômicas, políticas e históricas (Antunes, 2018; Lancman et al., 2020). Dessa forma, a análise do trabalho e do sujeito trabalhador é indissociável de seus determinantes sociais e históricos (Bendassoli & Soboll, 2011; Jacques, 2003; Sato et al., 2018). Evidenciando a centralidade do trabalho nas construções identitárias dos sujeitos individuais e coletivos, as reestruturações produtivas do capital reformam, também, o modo como se mobiliza a subjetividade, materializando novos modos de ser e estar no mundo, novas formas de subjetivação e sociabilidade (Fonseca, 2002; Silva, 2020, Strausz & Silva, 2021).

A ética do contemporâneo passa a ser a da aprimoração contínua e a vida é tomada como empresa (Gaulejac, 2007; Lazarrato & Negri, 2001). A subjetividade é aliciada e desterritorializada de suas possíveis origens sociais e culturais que não estejam em convergência com os valores neoliberais (Dardot & Laval, 2016; Pagés et al., 1993). Quando os trabalhadores não conseguem cumprir exigências opressivas de performance, são vistos como perdedores e o sucesso ou o fracasso são encarados como resultados de esforços e responsabilidades unicamente individuais (Gaulejac, 2007; Moro & Amador, 2015; Moro & Amazarray, 2019; Sennett, 2001). Nesse cenário, a precarização e o enfraquecimento do coletivo constituem-se como elementos estruturais nas relações de trabalho contemporâneas (Alves, 2011; Antunes, 2018), engendrando sujeitos sem força de ação política (Dardot & Laval, 2016).

A lógica da competição como um princípio político materializa a mercantilização do mundo e das relações sociais (Dardot & Laval, 2016; Minayo & Tôrres, 2013). Frente aos coletivos fragmentados, o estabelecimento de nexo entre aspectos do sofrimento/adoecimento e os processos de trabalho é ainda mais dificultado (Tittoni, 2017). Considerando as transformações do mundo do trabalho, atreladas às mudanças da sociedade, a análise dos processos de trabalho, de saúde-adoecimento, e das mobilizações subjetivas também é transformada e precisa habitar a complexidade. Trabalhar é sempre uma atividade relacional e, nos encontros coletivos, produzem-se movimentos que podem ser de captura e buscam produzir corpos em sua totalidade inseridos nas tecnologias de poder, engendrando subjetividades a serviço da acumulação capitalista (Wermuth & Santos, 2018), mas que também podem comportar dimensões inventivas e de realização humana que resistem à totalização (Dejours, 2012; Gaulejac, 2007). O poder exercido sobre a vida é chamado de biopoder (Foucault, 1999) e a ele responde e resiste o poder da vida, a biopotência (Mizoguchi, 2007;

Pelbart, 2016) de forma que o trabalho parece comportar dimensões de assujeitamento, marcadas pelo biopoder, bem como pode configurar-se como espaço de realização dos sujeitos quando a potência de vida pode emergir.

Entretanto, as transformações subjetivas nem sempre ocupam o campo da alienação. Dejours (2012) aponta para as diferenças entre o trabalho que é prescrito e pautado em rigidez e o trabalho real, de fato executado pelos sujeitos, e que comporta uma dimensão inventiva e criativa. Há sempre uma dimensão subversiva e transgressora no trabalhar que ultrapassa o prescrito A subjetividade está inteiramente mobilizada nos processos de trabalho (Dardot & Laval, 2016; Dejours, 2012), podendo ser também ativada em instâncias criadoras.

Considerando o exposto, compreende-se o termo mobilização subjetiva a partir da Psicodinâmica do Trabalho, no que diz respeito às tentativas de dar conta dos conflitos entre o trabalho prescrito e o real, buscando construir sentidos e aproximar o trabalho do prazer e do reconhecimento (Dejours, 1997). No presente projeto, optou-se por realizar uma aproximação teórica dos conceitos da Psicodinâmica do Trabalho com as produções de Christian Laval e Pierre Dardot (2016) no que tange ao neoliberalismo como razão-mundo. A mobilização subjetiva engloba dimensões inventivas e de saúde, que permitem o aparecimento da inteligência prática, criativa e astuciosa, que depende da coletividade encontrada na situação de trabalho, estando ancorada nas dinâmicas de solidariedade, valorização e reconhecimento (Dejours, 2012). Entretanto, também pode estar vinculada às dimensões adoecedoras articuladas às formas alienantes de governo da vida. Essa escolha de aproximação teórica estrutura-se a partir do entendimento de que as mudanças históricas e sociais adentram o campo da subjetividade engendrando um “neossujeito” (Dardot & Laval, 2016). Ao mesmo tempo em que se produzem subjetividades a serviço da acumulação capitalista (Wermuth & Santos, 2018), tais quais o “neossujeito”, incessantemente, contracondutas também são criadas como formas alternativas de existência (Dardot & Laval, 2016). A recusa de dirigir a si mesmo como empresa e de conduzir a relação com o outro pela norma da concorrência também podem existir no mundo do trabalho contemporâneo. O trabalho pode servir como fonte de prazer, saúde e instância agregadora tanto quanto como instância desagregadora e geradora de violência contexto de trabalho

Considerando as transformações dos modos de trabalho, bem como da sociedade, pode-se estabelecer uma análise para os processos de saúde/adoecimento envolvidos na interação trabalhadores-atividade laboral. Neste estudo, são investigados esses processos com Policiais Militares vinculados às forças especiais. Ao trabalharem com a segurança pública, estes se veem constantemente expostos a situações de risco, tanto físicos quanto psicológicos. Há exigências, desde o ingresso na PM, de mudanças

pessoais atreladas à cultura organizacional e à natureza do trabalho que conduzem os sujeitos a adquirirem traços próprios da corporação e da atividade profissional (Lustoza, 2017).

O BOPE trabalha com “situações que envolvam grave perturbação à ordem pública e ocorrências que necessitem de intervenções de elevado rigor tático e estratégico, com atuação em todo território do Estado” (BM, 2021). Dentre as competências desse Batalhão, encontra-se o gerenciamento de crises, o qual é feito a partir de uma atuação militar caracterizada pela estratégia e inteligência policial. As exigências e os riscos ocupacionais são elevados e diferentes das demais atividades policiais, sendo missão do BOPE atuar em ocorrências com reféns, remoções/desativações de artefatos explosivos, escoltas de alto risco, rebeliões em estabelecimentos carcerários, ataques a instituições financeiras, buscas e capturas em ambiente rural, entre outras (BM, 2021b).

O ingresso no BOPE é descrito como um processo de construção do sujeito que se deseja. O “ser caveira”, como se denominam os policiais vinculados ao BOPE, envolve um processo seletivo tão difícil e doloroso que pertencer é reconhecido, por vezes, como o bem mais precioso daquele sujeito (Soares et al., 2006). Os batalhões de forças especiais, costumam constituir-se como grupos muito coesos em que sentimentos de irmandade e camaradagem prevalecem (Soares et al., 2006), podendo abarcar dimensões moleculares que rompem com o esquema de exploração subjetiva proposta pelo capital como realidade dominante. No BOPE, a competição individual não prevalece, e sim a ideia que se articula, muitas vezes, com uma noção de sobre humanidade da “vitória sobre a morte” (Storani, 2006), vitória que não é exercida por um sujeito, e sim por um grupo (Gomes, 2016). Paradoxalmente, o próprio exercício da atividade policial parece conjugar uma dimensão contraditória: coíbe-se a violência e, ao mesmo tempo, exerce-a de forma legitimada (Amador, 2002). Estudos precedentes apontaram fatores de risco para os profissionais da segurança pública: a opinião pública negativa a respeito da polícia militar (Minayo et al., 2008), a exposição a fatores psicossociais do trabalho, bem como problemas de saúde relacionados ao trabalho (Fonseca et al., 2014) e o frequente risco físico e psíquico (Derenusson & Jablonski, 2010; Minayo et al., 2008).

Para abordar a complexidade do contexto de trabalho e dos processos de saúde-adoecimento desse grupo ocupacional, buscou-se investigar a contribuição de diferentes construtos, medidas e determinantes. Foram mensuradas questões de saúde, qualidade de vida, estresse, estratégias de *coping*, impulsividade, personalidade e fatores psicossociais do trabalho. Além disso, foram realizados grupos focais sobre as percepções a respeito do trabalho, suas repercussões subjetivas e na vida pessoal. A

este respeito, posiciona-se pelo entendimento da complementaridade das medidas quantitativas e qualitativas. A articulação e conjugação das diferentes naturezas de informação acerca do fenômeno em estudo direcionam-se para uma abordagem complexa do trabalho. Nesta compreensão, pretende-se que a realidade de trabalho seja confrontada e leve em conta a percepção dos trabalhadores acerca de seu próprio trabalho. Não é necessário confundir pensamento com taxinomia, pois pensar é, antes de tudo, conjugar caminhos (Dejours, 2012; Gagnebin, 2006).

Ademais, apesar de existirem estudos que versem sobre as questões de saúde de policiais dos Batalhões de Operações Especiais, não foram identificados estudos que investiguem a relação entre saúde, mobilização subjetiva e fatores psicossociais do trabalho. Constatou-se a inexistência de estudos com o BOPE, no estado em que se realizou a pesquisa, que tenham levado em conta os processos de saúde-adoecimento no trabalho e as possíveis estratégias para fazer frente às diferentes demandas que se apresentam nesse cotidiano laboral.

O presente projeto, portanto, propõe-se a conhecer as vivências de trabalho e saúde deste grupo ocupacional de forma subsidiar futuras estratégias de intervenções preventivas e de promoção de saúde e bem-estar. Buscando-se avançar na construção de conhecimento que abra caminhos para uma sociedade mobilizada pelo humano em que o trabalho possa comportar dimensões criativas e de realização humana (Gaulejac, 2007). Para isso, propõe-se, também, em nível macro a contribuir para a discussão sobre trabalho e saúde-adoecimento no âmbito político, econômico, social e das produções acadêmicas.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Investigar a relação entre saúde e mobilização subjetiva associadas ao contexto de trabalho de policiais militares vinculados ao BOPE de um estado do Sul do país.

3.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar os participantes do ponto de vista sociodemográfico;

- Descrever aspectos de personalidade dos participantes;

- Investigar a saúde dos policiais a partir da avaliação de saúde geral, estresse, qualidade de vida, estratégias de *coping* e personalidade;

- Descrever a avaliação dos fatores psicossociais do trabalho;

- Verificar as correlações entre variáveis sociodemográficas, laborais, de personalidade e de saúde (saúde geral, estresse, qualidade de vida e *coping*);

- Investigar variáveis preditoras do bem-estar psíquico;

- Conhecer vivências e percepções de policiais militares efetivos do BOPE no que diz respeito às relações entre seu contexto laboral e mobilização subjetiva;
- Discutir sobre os impactos subjetivos (em termos de mobilizações subjetivas e modos de subjetivação) deste trabalho para os policiais em estudo.

4 REFERÊNCIAS DA DISSERTAÇÃO

Alves, G. (2011). Terceirização e acumulação flexível do capital: Notas teórico-críticas sobre as mutações orgânicas da produção capitalista. *Estudos de Sociologia*, *16*(31) 409-420. https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/4513/3960

Amador, F. S. (2002). *Violência policial: verso e reverso do sofrimento.* EDUNISC.

Antunes, R. (2018). *O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. Boitempo.

Bendassolli, P. F., & Soboll, L. A. P. (2011). Introdução às clínicas do trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações. In L. A. P. Soboll, & P. F. Bendassolli (Eds.), *Clínicas do trabalho: Fundamentos, abordagens e aplicações* (pp. 3-21). Atlas.

Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Boitempo.

Dejours, C. (1997). Fator Humano, O. FGV Editora.

Dejours, C. (2012). *Trabalho Vivo - Tomo I: Sexualidade e Trabalho*. Paralelo 15.

Derenusson, F. C., & Jablonski, B. (2010). Sob fogo cruzado: o impacto do trabalho policial militar sobre a família do policial. *Aletheia*, (32), 22-37.

Fonseca, D. M., Silva, M. D. O., & Silva, R. J. N. (2014). *A organização do trabalho e os riscos psicossociais na Polícia Militar do Distrito Federal*. Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente, Universidade de Brasília.

Foucault, M. (1999). *Em defesa da sociedade: Curso dado no Collège de France (1975- 1976).* Martins Fontes.

Fonseca, T. M. G. (2002). Modos de trabalhar, modos de subjetivar em tempos de reestruturação produtiva. In T. Fonseca & C. Grisci (Eds.), *Modos de trabalhar, modos de subjetivar* (pp. 13-27). UFRGS Editora.

Gagnebin, J. M. (2006). O método desviante. *Rev Trop [Internet]*. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4455290/mod_resource/content/0/GAGNEBIN_O_metodo_desviante.pdf

Galeano, E. (1994). As palavras andantes. L&PM.

Gaulejac, V. (2007). *Gestão como doença social: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social.* Ideias & Letras.

Gomes, M. M. (2016). *BOPE, o fardo da farda: narrativas sobre grupos especiais de polícia.* Insular.

Haraway, D. J. (2016). *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene*. Duke University Press.

Jacques, M. G. C. (2003). Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. *Psicologia & Sociedade, 15*(1), 97-116. https://doi.org/10.1590/S0102-71822003000100006

Lancman, S., Daldon, M. T. B., Jardim, T. D. A., Rocha, T. D. O., & Barros, J. D. O. (2020). Intersetorialidade na saúde do trabalhador: velhas questões, novas perspectivas?. *Ciência & Saúde Coletiva*, *25*, 4033-4044.

Lazzaratto, M., & Negri, A. (2013). *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Lamparina.

Lustoza, D. B. S. (2017). Psicologia na Polícia Militar: desafios no âmbito da cultura organizacional. *Rev. Psicologia: Saúde Mental e Seg. Pública*, 6, 35-50.

Minayo, M. C. S., Souza E. R., Constantino P. (2008) *Missão prevenir e proteger: condições de vida, trabalho e saúde dos policiais militares do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Minayo, M., & Tôrres, J. (2013). Visão complexa para uma forma complexa de agir. *Vigilância Sanitária Em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia*, *1*(1), 12-20. https://doi.org/10.3395/vd.v1i1.14

Mizoguchi, D. H. (2015). Modulações da amizade: os conceitos e a produção do mundo. *Mnemosine*, *11*(1), 190-207.

Moro, A. L. C., & Amazarray, M. R. (2019). Trabalho, subjetividade e gestão gerencialista: um estudo com trabalhadores do comércio. *Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho*, *22*(2), 117-130. https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v22i2p117-130

Moro, C. V. M., & Amador, F. S. (2015). O trabalho da gestão: notas sobre poder e subjetividade. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, *15*(2), 201-211. https://doi.org/10.17652/rpot/2015.2.511

Pagès, M., Bonetti, M., Gaulejac, V., & Descendre, D. (1993). *O poder das organizações: a dominação das multinacionais sobre os indivíduos* (9a ed.) Atlas. (Originalmente publicado em 1987).

Pelbart, P. P. (2016). *Vida capital: ensaios de biopolítica*. Iluminuras.

Rolnik, S. (1985). Prefácio. In: F. Guattari (1985) *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. Brasiliense.

Sato, L., Coutinho, M. C., & Bernardo, M. H. (2018). *Psicologia social do trabalho*. Editora Vozes Limitada.

Sennett, R. (2001). *A corrosão do caráter.* Record.

Silva, E. (2020). Trabalho e subjetividade na universidade: Por uma visão global e multifacetada dos processos de sofrimento e adoecimento. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, 28(14), 1-30.

Soares, L. E., Batista, A., & Pimentel, R. (2006). *Elite da tropa*. Objetiva.

Soares, R. J. O., Barba, M. L., Negraes, F. C., Bussardes, L. D. P. B., Oliveira, M. S., & da Costa, R. M. (2021). Saúde dos Policiais Militares: um estudo de revisão. *Brazilian Journal of Development*, 7(7), 68816-68826. https://doi.org/10.1590/0101-6628.241

Storani, P. (2008). Vitória sobre a morte: O rito de passagem na construção da identidade dos operações especiais do Bope. *Eduff*

Strausz, M. C., & Silva, J. M. (2021). Produção de conhecimento até quanto e para quem? In L. C. F. de Vasconcellos (Org.), *Saúde do trabalhador em tempos de desconstrução: caminhos de luta e resistência.* (pp. 103-136). Cebes.

Tittoni, J. (2017). *Trabalho, poder e sujeição: trajetórias entre o emprego, o desemprego e os" novos" modos de trabalhar*. Dom Quixote.

Wermuth, M. Â. D., & Santos, L. M. (2018). Biopoder e resistência: A (bio) potência da multidão. *Revista Brasileira de Sociologia do Direito*, *5*(3).

5 ARTIGO 1

Título pleno em português

Fatores associados ao trabalho e bem-estar psíquico de policiais militares de operações especiais

Título abreviado

Bem-estar psíquico de policiais militares

Título pleno em inglês

Factors associated with work and psychic welfare in special operations military police

Título pleno em espanhol

Factores associados al trabajo y bienestar psíquico de policías militares de operaciones especiales

Título abreviado para inglês

Psychic welfare in military police

Título abreviado para o espanhol

Bienestar psíquico de policías militares

Resumo

As operações policiais especiais são estruturadas por atividades de alta complexidade que demandam exposição a riscos biopsicossociais. Este estudo quantitativo investigou saúde, características individuais e de personalidade e aspectos psicossociais do trabalho, avaliando seu potencial preditor de bem-estar psíquico em policiais especiais. Participaram 124 policiais vinculados de forma efetiva ou em formação a um Batalhão de Operações Especiais brasileiro. Os dados foram analisados mediante estatística descritiva, correlacional e regressão linear múltipla. Emergiram dois modelos preditivos do bem-estar psíquico compostos pelas variáveis de risco: conflito trabalho-família, menor percepção de possibilidade de desenvolvimento, falta de concentração e persistência, *coping* evitativo e depressão. Como protetivas ao bem-estar psíquico: boa saúde geral, domínio psicológico da qualidade de vida e *coping* focado no problema. Discute-se os preditores do bem-estar psíquico, enquanto subsídio para a implementação de ações focadas na prevenção de riscos e na promoção de saúde.

Palavras-chave: Saúde do Trabalhador; Polícia militar; Bem-estar.

Abstract

Special police operations are structured by highly complex activities that demand exposure to biopsychosocial risks. This quantitative study investigated health, individual characteristics and personality and psychosocial aspects of work, evaluating their potential predictor of psychic well-being in special police officers. 124 police officers effectively linked to or in training with a Brazilian Special Operations Battalion

participated. Data were analyzed using descriptive and correlational statistics and multiple linear regression. Two predictive models of psychic well-being emerged, composed of risk variables: work-family conflict, lower perception of the possibility of development, lack of concentration and persistence, avoidant coping and depression. As protective to psychic well-being: good general health, psychological domain of quality of life and problem-focused coping. The predictors of psychic well-being are discussed, as a subsidy for the implementation of actions focused on risk prevention and health promotion.

Keywords: Occupational Health; Military police; Well-being.

Resumen

Las operaciones policiales especiales están estructurados por actividades de alta complejidad que exigen exposición a riesgos biopsicosociales. Este estudio cuantitativo investigó características de salud, individuales y de personalidad y aspectos psicosociales del trabajo, evaluando su potencial predictor del bienestar psíquico en policías especiales. Participaron 124 policías efectivamente vinculados o en formación con un Batallón de Operaciones Especiales de Brasil. Los datos se analizaron mediante estadística descriptiva y correlacional y regresión lineal múltiple. Surgieron dos modelos predictivos del bienestar psíquico, compuestos por variables de riesgo: conflicto trabajo-familia, menor percepción de posibilidad de desarrollo, falta de concentración y persistencia, afrontamiento evitativo y depresión. Como protectores del bienestar psíquico: buena salud general, dominio psicológico de la calidad de vida y afrontamiento centrado en el problema. Se discuten los predictores del bienestar psíquico, como soporte para la implementación de acciones enfocadas a la prevención de riesgos y promoción de la salud.

Palabras-clave: Salud Laboral; Polícia militar; Bienestar.

O trabalho é atividade vital humana e seus determinantes sociais e históricos são categorias centrais para o entendimento da complexidade e dinamicidade dos processos de saúde-adoecimento (Antunes, 2018; Heleno et al., 2021; Marx, 2014; Lancman et al., 2020). Parte-se do entendimento de que as transformações do capitalismo, ao maximizarem seu alcance, orquestram transformações em todas as dimensões da vida em escala global (Harvey, 2016; Lazzarato & Negri, 2013; Strausz & Silva, 2021). Nesse sentido, o trabalho passa a ser encarado não como meio de subsistência e realização humana, e sim como finalidade da existência (Gaulejac, 2007). Cada sujeito é convocado a incorporar nas relações com o outro e consigo mesmo uma subjetividade contábil que deve assumir plenamente as expectativas do capital, utilizando a si próprio como capital humano, como uma empresa (Dardot & Laval, 2016; Gaulejac, 2007).

Os estudos no campo da Saúde do Trabalhador consideram as vivências dos processos de saúde-adoecimento no trabalho como multideterminadas, atravessadas por características pessoais, pelas condições de trabalho, práticas de gestão, relações socioprofissionais estabelecidas (Costa, 2012; Costa & Barbosa, 2021). Ao considerar a centralidade do trabalho na vida, este campo se coloca de maneira a contribuir para que sua vinculação com a saúde seja visibilizada. Diversos estudos recentes têm apontado esta relação, especialmente no que diz respeito ao sofrimento psíquico (Borsoi, 2007;

Costa et al., 2015; Oliveira & Moraes, 2021; Schönardie & Amazarray, 2022). Por outro lado, quando o trabalho se constitui de determinada forma, sendo percebido pelo sujeito que o realiza como um trabalho com sentido, pode ser fonte de prazer e potencializar aspectos de saúde (Amazarray et al., 2019). Essa é a contradição inerente ao modo de produção capitalista: o trabalho se situa entre o que é vital e, ao mesmo tempo, degradante, entre felicidade e servidão, entre possibilidade de emancipação e alienação (Antunes, 2018; Antunes, 2015).

Na agenda de desenvolvimento sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU, 2015), a equidade entre objetivos econômicos e sociais é preconizada, tal como o crescimento sustentável que envolva empregos plenos, produtivos e trabalho decente, com saúde e bem-estar de todos e todas. Por sua vez, o trabalho decente é objeto de campanha da Organização Internacional do Trabalho desde 1999 (OIT, 2015) e no Brasil, apesar de verificar-se um aumento dos estudos sobre bem-estar nos contextos de trabalho (Pantaleão & Veiga, 2019), houve avanço das políticas de flexibilização e desregulamentação dos direitos socio-trabalhistas (Abílio, 2021). Apesar de aumentarem em número os estudos científicos sobre bem-estar nos contextos ocupacionais, estes costumam focar em estratégias individuais dos trabalhadores e nas práticas organizacionais, sem refletir em ação política sobre a diminuição constante do Estado de Bem-estar Social. O bem-estar é consolidado como medida preditora de saúde para os trabalhadores e tem sido apontado como preditor de resultados organizacionais (Vazquez et al., 2019; Warr & Nielsen, 2018). García-Buades et al. (2020), apresentam revisão sistemática da literatura sobre bem-estar subjetivo e a tese de que pessoas felizes têm melhores performances no trabalho. Em suas conclusões, refletem que as tentativas de materialização do bem-estar em boas performances devem levar em conta seus

moderadores, tais como: características das lideranças, trabalhos em equipe, clima organizacional de apoio, recursos e treinamentos de equipe.

O bem-estar, ainda que amplamente abordado, é um construto que não apresenta consenso conceitual. Encontra-se o uso do termo como: bem-estar subjetivo (Diener, 1984), definido como respostas emocionais, afetos positivos frequentes, rara experiência emocional negativa e satisfação com a vida (Albuquerque & Trócolli, 2004; Pachoal & Tamayo, 2008); bem-estar psicológico (Ryff, 1989) considerado como nível pleno de funcionamento psíquico, composto por dimensões que enfatizam a autorrealização (Paz et al., 2020); bem-estar geral, modelo que engloba definições do bem-estar subjetivo e do bem-estar psicológico, sendo definido como funcionamento e experiencia psicológica adequados, não se tratando da ausência de doenças, mas de um estado de satisfação consigo e com o ambiente a sua volta (Pachoal & Tamayo, 2008; Ryan & Deci, 2001); e como bem-estar no trabalho, com perspectiva interdisciplinar, conceituado como a prevalência de emoções positivas no trabalho e a percepção de que, no trabalho, o indivíduo se expressa e desenvolve seus potenciais e habilidades englobando aspectos afetivos e cognitivos (Danna & Griffin, 1999; Paschoal & Tamayo, 2008).

Hirschle e Gondim (2020) realizaram revisão de literatura sobre as relações entre estresse e bem-estar no trabalho (BET), em que analisaram 50 artigos nacionais e internacionais de natureza empírica, revisões e meta-análises. Considerando a diversidade dos estudos e a dinamicidade do construto bem-estar no trabalho variáveis testadas se comportaram em alguns estudos como preditoras e em outros como moderadoras. Os preditores negativos de BET mais consolidados foram: a falta de suporte social dos pares e chefias, estresse, falta de recursos e a dificuldades nas relações. Os preditores positivos mais consolidados foram os relacionados a recursos pessoais como a autoeficácia, regulação emocional e a estratégia de *coping* focada no problema. As estratégias de

enfrentamentos ligadas ao *coping* evitativo apesar de associadas em maior número de vezes a indicadores negativos de BET, em alguns estudos apresentaram efeitos benéficos. Nesse sentido, apontam sobre a importância da flexibilidade regulatória de acordo com o contexto.

Em revisão sistemática de estudos longitudinais que abordam o risco de depressão associados aos fatores psicossociais do trabalho, Bonde (2008) enfatiza que não se pode afirmar a existência de uma relação de causalidade estabelecida entre estes. Entretanto, frisa a necessidade de que estudos com bases sólidas sejam realizados e que gestores e organizações levem em conta que trabalhos com altas demandas, baixa possibilidade de participação nos processos decisórios, injustiças organizacionais, baixo equilíbrio entre esforço-recompensa, podem ser disparadores de episódios depressivos em trabalhadores.

As formas de gestão do trabalho não representam um mal em si, mas a forma como estão organizadas atualmente impacta diretamente a vida dos sujeitos trabalhadores que, em nome de uma suposta racionalidade, são tomados como recurso e convidados a um engajamento total com o trabalho (Dardot & Laval, 2016; Lazzarato & Negri, 2013). Ao adotar que a finalidade da sociedade é exclusivamente econômica, o discurso capitalista busca apresentar como desenvolvimento e melhoria da qualidade aquilo que é somente otimização de resultados financeiros (Gaulejac, 2007). O trabalho que adoece tem impacto social, econômico e financeiro, de forma que se configura como uma questão de saúde pública mundial (Silva-Junior & Fischer, 2018). O campo de estudos da saúde do trabalhador, ao analisar o mundo do trabalho de forma crítica e complexa, entende que o desenvolvimento organizacional só tem sentido se contribuir para a melhoria da sociedade e, portanto, para o bem-estar individual e coletivo e, definitivamente, se estiver a serviço da vida e relações sociais (Gaulejac, 2007).

Por serem atravessadas pelas condições materiais de trabalho, as categorias profissionais estão expostas a diferentes fatores de proteção e de risco no trabalho. A conexão do trabalho com seus determinantes sociais e históricos é atravessada pela sua materialidade e especificidade de atuação; um operário da indústria e um analista de sistemas numa empresa de *softwares* têm trabalhos que se conectam de diferentes maneiras com seus determinantes (Tittoni & Nardi, 2011). Nesse sentido, o trabalho policial no Brasil é constituído em complexa trama atravessada pela desigualdade social, pelo aumento da violência e pelas altas taxas de mortalidade e letalidade, exigindo um alto investimento emocional do policial que enfrenta conflitos cotidianamente em seu exercício profissional (Minayo et al., 2008; Oliveira e Faiman, 2019). A exposição aos riscos biopsicossociais acaba por configurar-se como fator estruturante da profissão no país (Derenusson & Jablonski, 2010; Minayo, Assis & Oliveira, 2011).

A atuação policial no Brasil é, em grande parte, guiada pela lógica da "guerra", atravessada por modos de ser pautados pelo confronto e belicosidade (Souza & Minayo, 2017). A polícia responsável pelas ações ostensivas é a Polícia Militar (Amador, 2002; Decreto-Lei Nº 2.010,1983) gerida pelos governos estaduais e, por isso, com especificidades presentes em cada estado. Quando comparada à Polícia Civil, a Polícia Militar apresenta taxas de mortalidade e letalidade expressivamente mais altas. Conforme estatísticas, em 2021, ocorreram 4257 mortes decorrentes de intervenções policiais militares em serviço ou fora dele e 158 policiais militares foram mortos (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2022). A atuação policial militar constitui-se num campo de forças atravessado e constituído entre a ação ostensiva e a prevenção; entre a violência física legítima e ilegítima e a manutenção do bem-estar social e o abuso de poder (Amador, 2002; Santos 1997). Somam-se a isso a forma rígida de organização do trabalho e exigência de disciplina (Spode & Merlo, 2006), bem como àa prescrição do

espírito de camaradagem e civilidade presentes no regulamento disciplinar do exército brasileiro (Brasil, 2002).

O impacto desse tipo de trabalho vem sendo estudado por diversos autores sob diferentes perspectivas: analisando qualidade de vida (Arroyo et al., 2019; Silva, 2017; Tavares et al., 2021), níveis de estresse presente no exercício laboral cotidiano (Almeida et al., 2016; Pelegrini et al., 2018; Pinheiro & Duarte, 2021), saúde mental (Amador, 2002; Couto et al., 2012; Oliveira & Santos, 2010; Soares et al., 2021), e como fonte de prazer e pertencimento a um coletivo (Derenusson & Jablonski, 2010; Minayo et al., 2011)

As forças especiais da polícia militar, por nomenclatura, apontam a atuação voltada a situações extraordinárias. Os policiais vinculados a Batalhões de Operações Especiais trabalham com situações classificadas como de grave perturbação, atuando em ocorrências que envolvem risco direto de morte, de reféns, artefatos explosivos, escoltas de alto risco, rebeliões em estabelecimentos carcerários, ataques a instituições financeiras, buscas e capturas em ambiente rural, entre outras. Constituem-se como unidades altamente especializadas, capazes de intervir rapidamente em situações de crise utilizando estratégias e inteligência policial (Pinheiro-Neto, 2013). O próprio ingresso para atuação no BOPE se dá a partir de formação extenuante, em que os policiais são postos à prova sob diversos aspectos, levados à exaustão física e psicológica. Entretanto, pertencer ao BOPE denota receber o reconhecimento entre pares de fazer parte de um "grupo especial", há a percepção de uma diferenciação moral conquistada por aquele que se submeteu e venceu (Gomes, 2016).

Apesar de existirem estudos com esse grupo ocupacional, percebe-se um déficit de análises que considerem a complexidade dos determinantes do bem-estar e dos processos de saúde-adoecimento. Os objetivos do presente estudo, portanto, foram

investigar aspectos psicossociais do trabalho, saúde, qualidade de vida, estresse, características individuais e de personalidade, tais como impulsividade e estratégias de *coping*, de policiais militares vinculados (de forma efetiva e em formação) a um Batalhão de Operações Especiais do sul do país. Ademais, avaliou-se o potencial preditor dessas variáveis para o bem-estar psíquico, buscando contribuir para a ampliação de análises e implementação de ações estratégicas focadas na prevenção de riscos e na promoção do bem-estar psíquico nesse contexto.

Método

Este trabalho é recorte de um projeto de pesquisa longitudinal, que teve por objetivo investigar potencialidades e dificuldades na formação e no cotidiano laboral de policiais militares de um Batalhão de Operações Especiais (BOPE) do sul do Brasil. Neste artigo, apresentam-se resultados da primeira coleta de dados com os participantes. Configura-se como um estudo de natureza correlacional, pelo qual se investigou saúde, características individuais e de personalidade e aspectos psicossociais do trabalho, avaliando seu potencial preditor de bem-estar psíquico.

Participantes

Participaram deste estudo 124 policiais militares vinculados às operações especiais; 50 destes compunham o efetivo do BOPE e 74 estavam em formação no Curso de Operações Especiais com vistas a integrar o Batalhão. No momento da coleta de dados, todos os policiais ativos foram convidados a fazer parte do estudo, excluindo-se aqueles que se encontravam em licença, afastamento ou férias. A tabela 2 apresenta a caracterização dos participantes.

Instrumentos

Foram utilizados nove instrumentos, sendo um questionário sociodemográfico elaborado pelas autoras, cinco questionários padronizados autoaplicáveis, e três testes psicológicos.

Questionário sociodemográfico e laboral, elaborado pelas autoras para este estudo e composto por questões sociodemográficas e laborais, tais como: gênero, idade, escolaridade, cidade, função exercida, se membro efetivo do BOPE ou em formação, relacionamento, filhos, renda, se possui familiar na corporação, problema de saúde, se realiza acompanhamento médico, psicológico, se já esteve em licença-saúde, entre outros. Tais variáveis foram utilizadas para descrever os participantes, e para análises de correlações com as variáveis principais.

Questionário de Saúde Geral – GHQ-12 desenvolvido por Goldberg (1972/1978), validado para a população brasileira por Gouveia et al. (2003) e avaliado fatorialmente por Sarriera et al. (1996) $\alpha = 0,80$, Borges et al. (2002) $\alpha = 0,88$ e Gouveia et al. (2012) $\alpha = 0,84$. É um questionário para avaliar saúde/bem-estar psíquico utilizado internacionalmente. Contém 12 questões, cujas respostas estão organizadas em uma escala de quatro pontos do tipo *Likert* e se referem ao nível de concordância com o item apresentado. Na avaliação deste instrumento, as pontuações maiores indicam piores resultados de saúde/bem-estar psíquico.

WHOQOL-bref (World Health Organization Quality of Life – bref), instrumento de avaliação da qualidade de vida em sua versão reduzida, elaborado pela Organização Mundial da Saúde (1998). É utilizado mundialmente e foi validado para o contexto brasileiro por Fleck et al. (2000). É composto por 26 questões organizadas em uma escala *Likert* de cinco pontos. As duas primeiras questões avaliam a qualidade de vida global e a percepção geral de saúde e as questões restantes dizem respeito aos Domínios: Físico (DF), Psicológico (DP), Relações Sociais (DR) e Meio-ambiente (DM).

Escala de Estresse Percebido (PSS-10), desenvolvida originalmente por Cohen et al., (1983), validada para o contexto brasileiro por Reis et al., (2010) é um dos instrumentos mais utilizados para avaliar a percepção do estresse e da imprevisibilidade e incontrolabilidade dos eventos experienciados pelo respondente no último mês (Remor, 2006; Machado et al., 2014). A escala é composta por 10 itens, seis positivos e quatro negativos, respondidos em uma escala tipo *Likert* de 0 (nunca) a 4 (sempre).

Coping Orientation to Problems Experienced Inventory (COPE) Versão Reduzida, desenvolvida por Carver (1997) e validada para o contexto brasileiro por Câmara et al., (2019). Tem por objetivo identificar as estratégias de enfrentamento utilizadas para lidar com eventos estressores. É composta por 18 itens, respondidos em uma escala do tipo *Likert* de 1 (nunca) a 4 (costumo fazer isso muito). Contempla três dimensões: foco na emoção, foco no problema e *coping* evitativo.

Copenhagen Psychosocial Questionnaire COPSOQ II – versão média, questionário desenvolvido por Kristensen, Høgh & Borg (2005) com abordagem multidimensional sobre os fatores psicossociais no trabalho. Neste estudo, foi utilizada a versão média (SESI/PR, 2015; Lima, 2019), com 85 itens cujas respostas são organizadas em uma escala do tipo *Likert* de cinco pontos. Na tabela 1 são apresentadas as dimensões, seus respectivos índices de confiabilidade e forma de interpretação. Para interpretação da COPSOQ, as dimensões Insegurança Laboral, Exigências e ritmos Laborais, Conflito Trabalho-Família, Exigência de esconder as emoções, Conflitos Laborais, Comportamentos Ofensivos, Esgotamento, Estresse, Depressão quando apresentam maiores pontuações indicam melhores avaliações. Por outro lado, as dimensões que com maiores pontuações indicam pior avaliação da dimensão são: Gestão do trabalho, Possibilidade de Desenvolvimento, Transparência de papeis laborais, Relações sociais e comunitárias, Influência no trabalho.

Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) **(**Nunes et al., 2010), instrumento psicológico que avalia personalidade, fundamentado no modelo dos cinco grandes fatores. É composta por 126 itens que descrevem sentimentos, opiniões e atitudes (Nunes et al., 2010). As respostas se dão por meio de uma escala do tipo *Likert* que varia de 1 (descreve-me muito mal) a 7 (descreve-me muito bem). São avaliados cinco fatores que apresentam bons níveis de confiabilidade (valores de alpha entre 0,74 e 0,89) no estudo original: Neuroticismo, Extroversão, Socialização, Realização e Abertura.

Inventário Fatorial de Personalidade II (IFP II) (Leme et al., 2013), instrumento psicológico que avalia personalidade e é fundamentado na teoria das necessidadesbásicas. O conceito de necessidade envolve força psicoquímica que organiza e direciona o comportamento para sua satisfação (Murray, 1951). É composto por 100 itens em que o sujeito avalia suas impressões pessoais; as respostas se dão numa escala *Likert* de 1 (nada característico) a 7 (totalmente característico) (Leme et al., 2013).

Escala de Avaliação da Impulsividade Formas A-B **(**Ávila-Batista & Rueda, 2011), instrumento psicológico em que impulsividade é entendida como "a propensão a reações rápidas e não planejadas a partir de estímulos externos ou internos, sem que sejam levadas em consideração as consequências negativas que podem decorrer das ações para a própria pessoa ou para outras" (Ávila-Batista & Rueda, 2011). É uma escala de autorrelato composta por 31 itens, organizados em uma escala do tipo *Likert* de 1 (nunca) a 5 (sempre). Avalia quatro dimensões da impulsividade: falta de concentração e persistência, controle cognitivo, planejamento futuro e audácia/temeridade.

Procedimento de Coleta de Dados e Cuidados Éticos

O estudo atendeu às Resoluções do Conselho Nacional de Saúde 466/2012 e 510/2016, no que diz respeito à pesquisa com seres humanos e foi aprovado pelo Comitê

de Ética em Pesquisa registrado sob o protocolo de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de nº 47533321.7.0000.5345. Após esta aprovação, o projeto foi submetido ao Instituto de Pesquisa da corporação militar onde se realizou o presente estudo. Os participantes foram convidados a participar mediante reuniões informativas realizadas presencialmente no BOPE, convites impressos afixados no batalhão. O armazenamento das informações coletadas foi realizado em meio físico e eletrônico, conforme a modalidade da coleta obtida, com acesso exclusivo da equipe de pesquisa. Cada participante recebeu um código de identificação de forma que não houve identificação nominal durante a realização do estudo, garantindo o sigilo e confidencialidade dos dados em todas as etapas. Os participantes que concordaram voluntariamente em fazer parte do estudo assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tendo sido informados sobre os objetivos, procedimentos, etapas, riscos e benefícios de sua participação. A aplicação dos instrumentos com uso privativo de psicólogos se deu de forma presencial, com aplicação coletiva conduzida por profissional psicólogo e correção informatizada. Os outros instrumentos utilizados foram coletados de forma *online* pela disponibilização de *link* de formulário hospedado pelo *Google Forms*.

Procedimentos de Análise dos Dados

Os dados obtidos foram analisados no *software* IBM SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 23.0. As informações sobre personalidade eimpulsividade foram corrigidas de maneira informatizada e as pontuações foram indexadas manualmente ao SPSS. Procedeu-se à limpeza e organização do banco de dados e criação das variáveis principais conforme manuais dos testes e orientações dos autores dos demais instrumentos. Foram realizadas análises da confiabilidade dos instrumentos e suas dimensões a partir do cálculo do Alfa de Cronbach (Tabela 1). Todosapresentaram bons índices de consistência interna.

Com relação ao COPSOQ II – versão média, foi realizada análise da confiabilidade da estrutura fatorial proposta em sua adaptação (SESI/PR, 2015; Lima, 2019) e procedeu-se à readequação de alguns itens nas dimensões, a partir da análise dos índices de confiabilidade de cada dimensão e a correlação de itens. As dimensões ritmo de trabalho e exigências laborais foram unificadas, bem como as dimensões relações sociais e comunidade no trabalho. Essa nova configuração resultou em um modelo de uso dos dados com bom nível de consistência interna.

Tabela 1

Instrumentos padronizados, suas respectivas dimensões e Alfas de Cronbach

Instrumento	**Dimensão**	**α**
GHQ-12		0,83
WHOQOL	Domínio Físico	0,77
	Domínio Psicológico	0,69
	Domínio Relações Sociais	0,68
	Domínio Ambiental	0,79
PSS-10		0,75
COPE	Foco no Problema	0,76
	Foco na Emoção	0,67
	Coping Evitativo	0,41
COPSOQ II	Gestão do trabalho	0,97
	Possibilidade de Desenvolvimento	0,83
	Transparência de papeis laborais	0,83
	Relações sociais e comunitárias	0,82
	Influência no trabalho	0,83
	Insegurança Laboral	0,71
	Exigências e ritmos Laborais	0,79
	Conflito Trabalho-Família	0,81
	Exigência de esconder as emoções	0,66
	Conflitos Laborais	0,80
	Comportamentos Ofensivos	0,66
	Esgotamento	0,88
	Estresse	0,93
	Depressão	0,78

Nota. α=alfa de Cronbach

Realizaram-se análises descritivas (frequências, porcentagens, médias, desvios-padrão e amplitude) das características sociodemográficas e laborais dos participantes, assim como das variáveis principais em estudo. Foram realizadas análises de correlação

para verificar a força e direção das interrelações. A partir das correlações significativas, realizou-se análise de regressão linear múltipla (método *stepwise)* para verificar variáveis preditoras e a contribuição de cada uma para a construção de um modelo explicativo da variabilidade do bem-estar psíquico.

No presente estudo, a saúde geral e o domínio psicológico da qualidade de vida foram consideradas a variável dependente de bem-estar psíquico. A saúde geral, mensurada a partir do GHQ-12, é considerada uma medida de bem-estar psíquico amplamente utilizada. Por sua vez, o domínio psicológico da qualidade de vida foi elencado devido a sua composição por itens que avaliam sentimentos positivos e negativos, capacidade de pensar, aprender, autoestima, crenças pessoais; por já ter sido apontado em estudos como variável correlacionada significativamente com inventários de depressão, desesperança (Fleck,et al., 2000), morbidades (Santos & Tavares, 2012) e com escala de vulnerabilidade ao estresse no trabalho (Ottati & Freitas, 2013); e pela aproximação dos itens investigados nesse domínio com as concepções de bem-estar psicológico e subjetivo. Como variáveis preditoras, utilizaram-se todas as variáveis do estudo (sociodemográficas e laborais, de personalidade, de impulsividade, de estratégias de *coping*, estresse percebido, qualidade de vida e fatores psicossociais do trabalho) que apresentaram correlações significativas com cada uma das variáveis dependentes.

Resultados

Os 124 policiais participantes deste estudo foram provenientes de dois grupos ocupacionais distintos, sendo 50 do efetivo do Batalhão de Operações Especiais e 74 em formação buscando adentrar o batalhão. As comparações dos construtos mensurados entre esses grupos não apresentaram diferenças estatisticamente significativas. Portanto, os resultados são apresentados sem distinção entre os grupos, considerando os

participantes como vinculados às operações especiais. Os principais dados de caracterização dos participantes encontram-se na tabela 2.

Tabela 2

Caracterização sociodemográfica e laboral dos participantes (n=124)

Variáveis	**Especificações**	**F (%)**		**Média(dp)**
Policial	Efetivo Formação	50 (40,3) 74 (59,7)		
Idade				34,1(6,9)
Idade de ingresso na PM				23,2(2,4)
Tempo na PM (em anos)				9(7,4)
Gênero	Feminino Masculino	2(1,6) 122(98,4)		
Cidade	Capital	57 (46)		
	Região Metropolitana	38 (30,6)		
	Outros	29 (23,4)		
Escolaridade	Ens. Médio	42 (33,9)		
	Sup. Incompleto	42 (33,9)		
	Sup. Completo	40 (32,2)		
Renda (em salários mínimos)	Até 3 4 – 6 Acima de 7	15 (12,1) 71 (57,3) 38 (30,6)		
Companheira(o)		Sim 81(65,3)	Não 43(34,7)	
Tempo de união (em anos)				9,5(6,8)
Filhos		78(62,9)	46(37,1)	
Familiar na PM		55(44,4)	69(55,6)	
Acompanhamento Psicológico		34(27,4)	90(72,6)	
Licença-saúde		56(45,2)	68(54,8)	
Vivência de desfecho de morte em decorrência do trabalho		73(58,9)	51(41,1)	

Nota. F= frequência; dp= desvio-padrão

A tabela 3 apresenta as análises estatísticas descritivas dos instrumentos utilizados. No que diz respeito à impulsividade e qualidade de vida, apresentaram resultados médios, condizentes com padrões populacionais, apresentaram baixapercepção de estresse, bons escores de bem-estar psíquico, estratégias adaptativas de *coping* e, no que diz respeito à personalidade, valores médios, o que indica níveis de ajustamento comuns à população em geral e escores baixos em extroversão e abertura.

Na avaliação dos fatores psicossociais do trabalho, apenas as dimensões gestão do trabalho e influência no trabalho apresentaram escores intermediários. Todas as outras dimensões apresentaram valores avaliados como satisfatórios. Na avaliação da qualidade de vida pelo WHOQOL-*bref* não há um ponto de corte, mas cada dimensão é avaliada numa escala de 0 a 100, de forma que maiores resultados indicam melhores índices. A avaliação de saúde e estresse é feita pela comparação de médias com outros estudos e os resultados com relação as estratégias de *coping* indicam quais estratégias são mais frequentemente utilizadas, sem classificação.

Tabela 3

Resultados descritivos e classificação dos construtos avaliados

Construto	**Variáveis**	**Média(dp)**	**Amplitude**	**Classificação**
Saúde Geral		1,5(0,3)	1- 2,9	Sem ponto de corte
Qualidade de vida	Domínio físico	82,5(12)	46,5 –100	
	Domínio Psicológico	80,6(11,4)	45,8 – 100	
	Domínio Social	83,3(13)	41,6 – 100	
	Domínio Ambiental	73,7(12)	43,7 – 100	
Estresse		10(6)	10 – 30	

Coping	Foco no problema	2,9(0,5)	1,6 - 4	
	Foco na emoção	2(0,5)	1 - 3	
	Coping evitativo	1,3(0,3)	1 - 2,5	
Fatores Psicossociais do Trabalho	Insegurança Laboral	4(0,7)	1 – 5	Satisfatório
	Exigências e ritmos Laborais	3,6(0,6)	1,4 – 4,7	
	Conflito Trabalho-Família	3,5(0,8)	1 – 5	
	Exigência de esconder as emoções	3,4(0,9)	1 – 5	
	Conflitos Laborais	3,5(0,7)	1,4 – 5	
	Comportamentos Ofensivos	4,7(0,4)	2 – 5	
	Esgotamento	3,9(0,7)	1 – 5	
	Estresse	3,9(0,8)	1,6 – 5	
	Depressão	4,3(0,7)	2,3 – 5	
	Possibilidade de Desenvolvimento	2(0,8)	1 – 4,7	
	Transparência de papeis laborais	1,5(0,6)	1 – 4,8	
	Relações sociais e comunitárias	1,8(0,6)	1, 4,5	Intermediário
	Gestão do trabalho	2,3(0,9)	1 – 4,6	
	Influência no trabalho	2,5(0,9)	1 – 5	
Impulsividade	Falta de concentração e persistência	25,2(6,9)	12 - 40	Média
	Controle Cognitivo	31,1(4,6)	20 - 40	
	Planejamento Futuro	15,7(3,4)	5 - 24	
	Audácia e Temeridade	17,4(3,8)	7-30	
		Percentil médio		
Bateria Fatorial de Personalidade	Neuroticismo	23,9		Baixo
	Extroversão	39,6		
	Abertura	21,6		
	Realização	58,5		Médio
	Socialização	59,1		
Inventário Fatorial de Personalidade	Ordem	41,2		Médio fraco
	Intracepção	44,7		
	Agressão	43,9		
	Desempenho	45,1		
	Deferência	43,1		
	Afiliação	44,9		
	Dominância	39		
	Autonomia	57,7		Médio forte
	Exibição	35,5		Fraco
	Afago	36,1		
	Assistência	52		
	Persistência	48,4		
	Mudança	51,2		
Segunda Necessidade - Afetivas				

42,6	Médio			
de organização 42,5				
	Ordem	s	de controle e oposição	39,4

As correlações significativas entre as variáveis do estudo e o bem-estar psíquico são apresentadas na tabela 4. Constatou-se que quanto mais alto os escores de agressão e neuroticismo (personalidade), falta de concentração e persistência (impulsividade) e percepção do estresse, pior o indicador do bem-estar psíquico. Com relação aos fatores psicossociais do trabalho, quanto mais baixos os escores em possibilidade de influência no trabalho, relações sociais e comunitárias e transparência de papeis, pior o indicador do bem-estar psíquico. Por outro lado, quanto mais altos os escores em ordem, realização e socialização (personalidade) e controle cognitivo (impulsividade), mais alto o indicador de bem-estar psíquico. Ainda, quanto mais altos os escores em esgotamento, estresse e depressão, conflito trabalho-família, conflitos laborais, exigências laborais e insegurança laboral (fatores do trabalho que com pontuações maiores indicam melhores resultados), mais alto o indicador de bem-estar psíquico. No que diz respeito às variáveis categóricas viver na capital indicou melhores escores no domínio psicológico da qualidade de vida e realizar acompanhamento psicológico indicou piores escores na variável dependente "saúde geral".

Tabela 4

Correlações entre as variáveis do estudo e o bem-estar psíquico

Bem-estar psíquico	**Correlações Positivas**	**ρ**	**Correlações Negativas**	**ρ**
Questionário de Saúde Geral	Estresse percebido	(.478)	Depressão COPSOQ	(-.544)
	Agressão	(.397)	Estresse COPSOQ	(-.499)
	Transparência de Papeis	(.363)	Dom. Físico da QV	(-.472)
	Falta de Concentração e Persistência	(.355)	Esgotamento COPSOQ	(-.441)
	Neuroticismo	(.300)	Dom. Ambiental da QV	(-.436)

	Relações Sociais	(.246)	Conflito Trabalho-Família	(-.436)
	Planejamento Futuro	(.228)	Insegurança Laboral	(-.410)
	Influência no Trabalho	(.226)	Conflitos Laborais	(-.390)
	Acomp. Psicológico*	(p=0,022)	Exigências Laborais	(-.381)
			Dom. Social da QV	(-.339)
			Realização	(-.241)
			Ordem	(-.236)
			Controle Cognitivo	(-.208)
			Socialização	(-.192)
Domínio Psicológico da Qualidade de Vida	Dom. Físico da QV	(.686)	Falta de Concentração e Persistência	(-.588)
	Depressão COPSOQ	(.662)	Neuroticismo	(-.547)
	Dom. Ambiental da QV	(.630)	Estresse percebido	(-.511)
	Estresse COPSOQ	(.588)	Agressão	(-.384)
	Esgotamento COPSOQ	(.524)	Transparência de Papeis	(-.365)
	Dom. Social da QV	(.499)	Relações Sociais e comunitárias	(-.355)
	Realização	(.406)	Nec. de Controle e Oposição	(-.347)
	Conflitos Laborais	(.398)	Possibilidade de Desenvolvimento	(-.302)
	Foco no problema	(.377)	Influência no Trabalho	(-.301)
	Ordem	(.370)	Exibição	(-.267)
	Conflito Trabalho-Família	(.364)	*Coping* evitativo	(-.212)
	Controle Cognitivo	(.359)		
	Exigências Laborais	(.338)		
	Insegurança Laboral	(.334)		
	Tempo na PM	(.286)		
	Exigência de Esconder Emoções	(.264)		
	Socialização	(.257)		
	Persistência	(.257)		

	Necessidades de Organização	(.222)
	Assistência	(.216)
	Afiliação	(.210)
	Cidade*	(p=0,018)

Nota. p<0,005; ρ= coeficiente de correlação. Saúde geral maiores escores indicam piores resultados. Domínio Psicológico da Qualidade de Vida maiores escores indicam melhores resultados. *=variáveis categóricas.

Com o intuito de verificar as variáveis preditoras do bem-estar psíquico e seus respectivos pesos, realizou-se análise de regressão linear múltipla com o método *Stepwise*. As variáveis preditoras utilizadas na regressão foram todas aquelas que obtiveram correlações significativas com as variáveis dependentes Saúde Geral e Domínio Psicológico da Qualidade de Vida (conforme tabela 4). Emergiram dois modelos explicativos (tabela 5). O modelo com a variável dependente "saúde geral" que explica 53,6% (R^2 ajustado=0.536) da sua variabilidade (F=43.8, gl=(3,108), p<0.001), composto pelas variáveis preditoras: depressão do COPSOQ II, domínio psicológico da qualidade de vida e conflito trabalho-família,. O outro modelo foi composto pela variável dependente "domínio psicológico da qualidade de vida" e explica 67,3% (R^2 ajustado=0.673) da sua variabilidade, composto por seis variáveis: depressão da COPSOQ II, falta de concentração e persistência, possibilidade de desenvolvimento, saúde geral, foco no problema e *coping* evitativo.

Tabela 5

Modelos explicativos da variabilidade do bem-estar psíquico

Variável dependente	**Variável preditora**	**B**	**SE**	**β**	**T**	***p***	95% I.C. para B	
							Inf.	Sup.
"Saúde Geral"	Depressão COPSOQ II	-0,19	0,05	-0,38	-3,99	0,000	-0,29	-0,10
	Domínio Psicológico da Qualidade de Vida	-0,009	0,00	-0,28	-2,88	0,005	-0,01	-0,00
	Conflito Trabalho-Família	-0,08	0,03	-0,21	-2,88	0,005	-0,14	-0,02
R^2	0,549					F=43,8		
R^2 ajustado	0,536					gl= (3,108)		

p<0,001	Durbin-Watson= 2,108							
"Domínio Psicológico da QV"	Falta de concentração e persistência	-0,47	0,11	-0,29	-4,21	0,000	-0,70	-0,25
	Depressão COPSOQ II	4,43	1,46	0,26	3,03	0,003	1,53	7,33
	Saúde geral	-8,17	2,43	-0,25	-3,36	0,001	-13,00	-3,34
	Possibilidade de Desenvolvimento	-2,33	0,70	-0,18	-3,30	0,001	-3,73	-0,93
	Foco no problema	3,10	1,19	0,15	2,60	0,011	0,73	5,47
	Coping evitativo	-4,69	2,01	-0,13	-2,33	0,022	-8,70	-0,69
R^2	0,691					F= 38,7		
R^2 ajustado	0,673					gl= (6,104)		
p<0,001	Durbin-Watson= 2,227							

Nota. B = coeficientes não padronizados; β = coeficientes de regressão padronizados; SE = erro-padrão; t = teste t; *p* = teste de significância; R^2 = coeficiente de regressão.

No modelo do bem-estar psíquico (medido pela saúde geral), todas as variáveis explicativas apresentam sinal negativo nos coeficientes de regressão (tabela 5). Isso ocorre, pois as pontuações maiores na medida de saúde geral indicam piores resultados, e o contrário é verdadeiro na mensuração das variáveis preditoras. A variável depressão advinda do COPSOQ II teve maior poder explicativo da variação da saúde geral. O sinal negativo indica que a pontuação maior em depressão (que indica melhores índices) é preditiva de melhora da saúde (diminui o escore de saúde geral). O segundo maior coeficiente de regressão foi relativo ao domínio psicológico da qualidade de vida. Em terceiro lugar de importância, o conflito trabalho-família, isto é, escores que indicam relações menos conflituosas entre vida familiar e trabalho melhoram a saúde dos sujeitos.

O segundo modelo traz como variável dependente o domínio psicológico da qualidade de vida (tabela 5). As variáveis depressão (COPSOQ II) e estratégia de *coping* foco no problema tiveram coeficientes de regressão positivos: isto é, se aumentam, também cresce a pontuação do domínio psicológico da qualidade de vida. Por outro lado, as variáveis preditoras falta de concentração e persistência, saúde geral e *coping* evitativo se comportam em sentido inverso com as pontuações do domínio psicológico da qualidade de vida (se a primeira diminui, a segunda aumenta e vice-versa). Maiores

pontuações na variável possibilidade de desenvolvimento, pela COPSOQ II indicam, na verdade, a percepção de menos possibilidade de desenvolvimento no trabalho. E, conforme os resultados da análise, quanto menor a percepção desse desenvolvimento, pior o índice no domínio psicológico da qualidade de vida.

Discussão

Os policiais participantes deste estudo eram em sua maioria homens, com média de idade de 34 anos que ingressaram na carreira militar policial no início dos seus 20 anos. Apenas duas mulheres fizeram parte do estudo, o que reflete os ambientes policiais brasileiros que ainda contam com pouquíssimas mulheres compondo seu efetivo (Calazans, 2003; Ribeiro, 2018). Cerca de 45% dos participantes têm um familiar vinculado à PM e já estiveram em licença-saúde. Mais da metade dos participantes (58%) já vivenciou desfecho de morte em serviço, dado que vai ao encontro do número alto de ocorrência de mortes decorrentes de intervenções policiais militares no Brasil reportadas pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Na região Sul do país, ocorreram 584 mortes por intervenções policiais militares em 2021 (Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2022).

Em relação às análises descritivas das variáveis (tabela 3), a avaliação da saúde geral indicou valores médios baixos, que dizem respeito a bons escores gerais de bem-estar psíquico. Ademais, quando comparados com policiais civis de Porto Alegre que responderam ao mesmo instrumento, apresentam melhores escores (Wagner et al., 2012). Na avaliação da qualidade de vida, todos os domínios apresentaram médias consideradas satisfatórias, sendo maior para o domínio social - resultado que pode estar relacionado ao forte sentimento de identidade grupal e pertencimento presente em equipes de operações especiais (Gomes, 2016). O domínio ambiental foi o que apresentou menor escore, o que pode estar relacionado a natureza da exposição à violência presente no trabalho policial.

Ainda assim, os participantes apresentaram índices de qualidade de vida mais elevados comparativamente ao que se observou em outros estudos com policiais militares (Arroyo et al., 2019; Barbosa, 2019), inclusive em relação a um estudo realizado em batalhão de operações especiais do sul do país (Tavares et al., 2021).

Houve uma baixa percepção do estresse e os participantes apresentaram maiores pontuações em estratégias de *coping* focado no problema, seguida do *coping* focado na emoção e, por último, o *coping* evitativo que reflete uma estratégia considerada menos adaptativa (Carver, 1997; Carver & Connor-Smith, 2010; Llamedo, 2022). Os resultados de *coping* e estresse são similares aos achados de Llamedo (2022), em estudo em que foram utilizados os mesmos instrumentos, com policiais portugueses. Esses resultados vão ao encontro de outros da literatura que indicam a tendência de que sujeitos com menor grau de vulnerabilidade ao estresse, costumam adotar estratégias focadas no problema e na emoção (Llamedo, 2022; Yamaguchi, 2022).

Quanto aos fatores psicossociais do trabalho, a maioria das dimensões apresentaram valores avaliados como satisfatórios, não indicando percepções de risco na dimensão psicossocial do trabalho. Apenas as dimensões gestão do trabalho e influência no trabalho apresentaram escores intermediários. Ambas versam sobre a avaliação da qualidade da liderança, a forma de planejamento e distribuição das tarefas, bem como quanto o sujeito percebe que pode interferir e/ou definir questões em seu trabalho (Kristensen, Høgh & Borg, 2005; Lima 2019). Neste sentido, essas são dimensões que dizem respeito a fatores externos aos sujeitos, mais relacionadas à organização dotrabalho e relações hierárquicas. Considerando que a PM é o âmbito deste estudo, esses resultados vão ao encontro do que costuma ser apontado como base das instituições militares: a hierarquia e a disciplina (Antunes, 2019; Spode & Merlo, 2006) que podem se expressar em pouca autonomia e espaço para o questionamento de decisões.

Os participantes apresentaram níveis de impulsividade de acordo com a classificação média, com percentis entre 41 e 60 (Ávila-Batista & Rueda, 2013), indicando tendência de responder de forma satisfatória quando demandados de forma imediata. No contexto policial, a prudência é necessária, ao mesmo tempo, determinadas situações demandam ações rápidas em que pode ser necessário certo grau de impulsividade. Entretanto, o grau de impulsividade que poderia ser útil ao contexto policial não é consenso (Rueda & Ávila-Batista, 2013), de forma que resultados médios indicam, maior probabilidade de respostas adequadas.

No tocante à avaliação de personalidade, a partir do BFP, os baixos escores em neuroticismo indicam estabilidade emocional, referindo-se a bons níveis de ajustamento. Os escores baixos em extroversão e abertura apontam uma tendência, entre os participantes, para pessoas menos comunicativas, menos abertas a experiências novas, podendo ser mais dogmáticas e rígidas. Realização e Socialização apresentaram valores médios, que indicam padrões comportamentais, cognitivos e emocionais comuns à maior parte da população, são padrões adaptativos e usuais (Nunes et al., 2010).

Ainda no âmbito da avaliação da personalidade, de acordo com o IFP II, apenas os fatores exibição e afago apresentaram percentis baixos. Estes resultados indicam baixa presença de vaidade, pouco desejo de impressionar, fraca busca de apoio e proteção, e possivelmente pessoas mais seguras. Os outros fatores avaliados pelo teste apresentaram percentis médios, indicando padrões adaptativos e usuais da sociedade em geral (Leme et al., 2013).

A tabela 4 apresenta o número expressivo de correlações significativas entre as variáveis do estudo e o bem-estar psíquico. A correlação positiva mais forte com o bem-estar psíquico, quando avaliado pelo GHQ-12, foi o estresse percebido, indicando que quanto mais alta a percepção do estresse pior será o indicador do bem-estar psíquico. Por

outro lado, a correlação negativa mais forte com o bem-estar psíquico, quando avaliado pelo GHQ-12, foi com a variável depressão do COPSOQ II, indicando que quanto melhor o indicador de bem-estar psíquico menor serão as pontuações de depressão. As correlações mais significativas com o bem-estar psíquico, quando avaliado pelo domínio psicológico da qualidade de vida foram: de forma positiva, o domínio físico da qualidade de vida - indicando que quanto mais altas pontuações neste domínio, maior são os indicadores de bem-estar psíquico - e de forma negativa a falta de concentração e persistência - indicando que quanto mais altas pontuações nesta variável há uma piora nos indicadores do bem-estar psíquico.

Ainda sobre os resultados presentes na tabela 4, destaca-se a presença das variáveis categóricas "cidade" e "acompanhamento psicológico"; viver na capital indicou melhores índices de bem-estar psíquico e realizar acompanhamento psicológico indicou piores índices. Esses dados fazem refletir sobre a relação negativa que outros estudos apontam entre o tempo de deslocamento para o trabalho e a qualidade de vida e saúde (Matias, 2021; Santos et al., 2020). Em referência à variável acompanhamento psicológico, discutem-se duas questões: a possibilidade de que aquele que busca este acompanhamento já percebe prejuízos em seu bem-estar psíquico, bem como de que este sujeito tenha maior capacidade de autopercepção no que diz respeito à avaliação crítica do próprio processo de saúde-adoecimento.

No que diz respeito às análises de regressão linear múltipla (tabela 5), os modelos preditivos apresentaram poder explicativo do bem-estar psíquico considerado médio-alto, explicando 53,6% a partir da variável dependente "saúde geral" e 67,3% no caso da variável dependente domínio psicológico da qualidade de vida. O modelo da variável dependente saúde geral, composto pelas variáveis preditoras depressão, domínio psicológico da qualidade de vida e conflito trabalho-família, ressalta a importância dos

aspectos psíquicos que compõem a saúde, e os impactos do trabalho na vida dos sujeitos, a forma como estes são manejados e a importante interface do âmbito laboral com outras dimensões de vida. O conflito trabalho-família é apontado como frequente e significativo nas organizações policiais e militares (Castro & Cruz, 2015; Derenusson & Jablonski, 2010; Hirschle & Gondim, 2020; Oliveira & Faiman, 2019). O fato desta dimensão fazer parte deste modelo que explica boa parte da variabilidade da saúde geral ressalta a importância do olhar atento para o manejo equilibrado entre relações de trabalho e vida pessoal.

O outro modelo, que examinou a variabilidade do domínio psicológico da qualidade de vida, foi composto por seis variáveis. Depressão e saúde geral fizeram parte deste modelo, indicando que maior adoecimento prediz resultados piores de bem-estar psíquico (Aigner et al., 2006; Bonicatto et al., 2001). As estratégias de *coping* com foco no problema e evitativas apareceram de forma a contribuir para a discussão sobre estratégias adaptativas e desadaptativas e a flexibilidade regulatória e suas contribuições para o bem-estar. Neste modelo, o *coping* focado no problema configurou-se como estratégia adaptativa predizendo melhores resultados no domínio psicológico da qualidade de vida, enquanto o *coping* evitativo atuou de maneira inversa. Estes dados vão ao encontro de da literatura (Hirschle & Gondim, 2020; Llamedo, 2022), que constataram o *coping* focado no problema enquanto uma abordagem prática frente às situações adversas que, consequentemente, traz maior probabilidade de ajustamento.

Ainda nesse modelo, a falta de concentração e persistência e menor percepção de possibilidade de desenvolvimento no trabalho predisseram resultados piores no domínio psicológico da qualidade de vida. No tocante ao aspecto da falta de concentração e persistência, pode ser explicado pelo fato de que pessoas com menor senso de autoeficácia tendem a pontuar menos no domínio psicológico da qualidade de vida, uma vez que este

aborda capacidades de pensar, aprender, autoestima, crenças pessoais (Mésa-Fernandez et al., 2019). Quanto à influência negativa de uma menor percepção de possibilidades de desenvolvimento no trabalho, reflete-se a respeito da hierarquização presente em organizações militares, que pode criar distanciamento entre aqueles que exercem o comando e os que o executam, impedindo o exercício de um trabalho pautado pela cooperação (Oliveira & Santos, 2010; Warr & Nielsen, 2018; Winter & Alf, 2019).

Os policiais participantes deste estudo apresentaram bons resultados nas avaliações de saúde, qualidade de vida e percepção do estresse, contrariando achados de outros estudos realizados com policiais (Almeida et al., 2016; Arroyo et al., 2019; Pelegrini et al., 2018; Rodrigues et al., 2021; Silva, 2017; Tavares et al., 2021). Estes resultados podem ser entendidos como expressão de um grupo coeso, que se sente bem realizando seu trabalho, lançando mão de estratégias individuais e coletivas que mitigam os aspectos negativos relacionados a essa ocupação (Barradas, 2021). O que vai ao encontro de outros achados que relacionam o BOPE à construção de um espírito de corpo coletivo que é materializado no convívio com os pares (Storani, 2008; Soares, 2000)

Indivíduos pertencentes a grupos que são expostos a fatores externos comuns podem apresentar reações afetivas semelhantes, visto que o bem-estar em nível grupal é resultado de trocas sociais (Barradas, 2021). Ademais, o grupo de policiais vinculados ao BOPE parece se constituir por uma identidade comum compartilhada e engendrada para pertencer, de forma que alguns resultados também podem estar atravessados pela desejabilidade social do que se espera do perfil de um policial do BOPE (Castro, 2011; Soares et al., 2006).

Os aspectos da personalidade não compuseram os modelos explicativos da variabilidade do bem-estar psíquico por não apresentarem valor preditivo significativo. O que contraria aspectos do senso comum que costumam endereçar os processos de

saúde-adoecimento a concepções individualistas, em detrimento de determinantes sociais e históricos (Amador, 2002). Por outro lado, os fatores psicossociais do trabalho foram importantes preditores, remetendo à importância da análise dos contextos de trabalho para pensar os processos de saúde-adoecimento dos sujeitos. As estratégias de *coping* já foram apontadas como possíveis de serem moduladas em treinamentos de habilidades sociais (Bezerra et al., 2022) e compuseram os modelos como variáveis preditoras do bem-estar psíquico, indicando seu potencial para intervenções que busquem maior ajustamento e promoção de saúde neste grupo ocupacional.

Considerando os objetivos deste estudo, destaca-se os resultados alcançados e sua relevância para a ampliação de análises e implementação de ações estratégicas focadas na prevenção de riscos e na promoção do bem-estar psíquico nesse contexto ocupacional.À vista disso, considerando a complexidade das dimensões avaliadas, a amostra reduzida pode ter impactado a estabilidade de alguns resultados e impede a possibilidade de generalização. Além disso, algumas variáveis, por avaliarem aspectos que dizem respeito à saúde e ajustamento de forma ampla, podem refletir medidas sobrepostas, como por exemplo os sintomas depressivos e a qualidade de vida, o que pode resultar em medidas menos acuradas (Aigner et al., 2006).

Por isso, sugere-se que novos estudos sejam conduzidos com diferentes categorias profissionais de forma a avaliar, também, as interações dessas medidas. Além disso, medidas longitudinais, conforme previsto no projeto maior do qual este estudo é derivado, podem ser de grande valia para verificar a estabilidade dos preditores de bem-estar psíquico. Da mesma forma, sugere-se que estudos qualitativos possam ser realizados para investigar as vivências dos trabalhadores em relação aos processos de saúde-adoecimento no trabalho e seus impactos no bem-estar psíquico, buscando formas de aproximação que

englobem também os aspectos de pensamentos e comportamentos grupais e sua relevância para esta categoria profissional.

Ao dar luz aos possíveis preditores do bem-estar psíquico, esse estudo tem dupla relevância. Amplia a possibilidade de intervenções e pesquisas realizadas sob essa ótica e demonstra o estado de um determinado grupo ocupacional, ampliando o olhar para fatores protetivos e de risco ao bem-estar psíquico presentes em sua atuação profissional. Além disso, reflete-se sobre a necessidade de que estudos com amostras maiores sejam realizados de forma a contribuir para a discussão sobre o bem-estar no trabalho contemplando a dimensão crítica que possa colaborar para a elaboração de políticas públicas nessa direção. Como já apontado anteriormente, há algum tempo o bem-estar figura nas agendas de organizações internacionais; urge que a produção acadêmica seja considerada na busca pelo bem-estar dos sujeitos e coletivos.

Referências

Abílio, L. C., Amorim, H., & Grohmann, R. (2021). Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. *Sociologias*, *23*, 26-56. https://doi.org/10.1590/15174522-116484

Aigner, M., Förster-Streffleur, S., Prause, W., Freidl, M., Weiss, M., & Bach, M. (2006). What does the WHOQOL-Bref measure? *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 41, 81-86. https://doi.org/10.1007/s00127-005-0997-8

Albuquerque, A. S., & Tróccoli, B. T. (2004). Desenvolvimento de uma escala de bem-estar subjetivo. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 20, 153-164. https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000200008

Almeida, D. M., Lopes, L. F. D., Costa, V. M. F., Santos, R. C. T., & Corrêa, J. S. (2016). Satisfação no trabalho dos policiais militares do Rio Grande do Sul: um estudo

quantitativo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36, 801-815. doi: https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000362016

Amador, F. S. (2002). *Violência policial: verso e reverso do sofrimento.* EDUNISC.

Amazarray, M. R., Oliveira, G. F., & Feijó, F. R. (2019). Contexto de trabalho e transtornos mentais comuns em trabalhadores do judiciário federal no Rio Grande do Sul, Brasil. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 19(3), 687-694. http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2019.3.16744

Antunes, E. J. F. (2019). Hierarquia na Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro: uma análise crítica de seus impactos na saúde. Repositório Institucional da Fiocruz. https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/34188/ve_Elisa_Junger_ENSP_2019?sequence=2&isAllowed=y

Antunes, E. J. F. (2019). Hierarquia na Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro: uma análise crítica de seus impactos na saúde. Repositório Institucional da Fiocruz. https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/34188/ve_Elisa_Junger_ENSP_2019?sequence=2&isAllowed=y

Antunes, R. (2015) *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. Cortez. (Original publicado em 1995)

Antunes, R. (2018). *O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. Boitempo.

Arroyo, T. R., Borges, M. A., & Lourenção, L. G. (2019). Saúde e qualidade de vida de policiais militares. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 32. https://doi.org/10.5020/18061230.2019.7738

Ávila-Batista, A. C., & Rueda, F. J. M. (2011). Construção e estudos psicométricos de uma Escala de Avaliação da Impulsividade. *Psico-USF*, 16, 285-295. https://doi.org/10.1590/S1413-82712011000300005

Ávila-Batista, A. C., & Rueda, F. J. M. (2013) *Escala de Avaliação da Impulsividade - Formas A e B EsAvI-Formas A e B.* Vetor.

Barbosa, Y. L. B. (2019). Qualidade de vida de policiais militares ativos e sedentários: Um estudo com policiais militares do 20º Batalhão de Polícia Militar do Maranhão (20º BPM-MA). Biblioteca digital de monografias da Universidade Federal do Maranhão. https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/4360

Barradas, A. de A. (2021). O impacto dos estilos afetivos e da coesão do grupo no bem-estar e na qualidade de vida dos alunos da Academia Militar. Repositório Comum. http://hdl.handle.net/10400.26/40161

Bonde, J. P. E. (2008). Psychosocial factors at work and risk of depression: a systematic review of the epidemiological evidence. *Occupational and environmental medicine*, 65(7), 438-445. http://dx.doi.org/10.1136/oem.2007.038430

Bonicatto, S. C., Dew, M. A., Zaratiegui, R., Lorenzo, L., & Pecina, P. (2001). Adult outpatients with depression: worse quality of life than in other chronic medical diseases in Argentina. *Social science & medicine*, 52(6), 911-919. https://doi.org/10.1016/S0277-9536(00)00192-1

Borsoi, I. C. F. (2007). Da relação entre trabalho e saúde à relação entre trabalho e saúde mental. *Psicologia & Sociedade*, 19, 103-111. https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400014

Brasil (2002). Regulamento Disciplinar do Exército Brasileiro (R-4). Aprovado pelo Decreto nº 4.346, de 26 de agosto de 2002. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4346.htm

Brasil. Decreto-lei nº. 2.010, de 12 de janeiro de 1983. Altera o Decreto-Lei nº 667, de 02 de julho de 1969, que reorganiza as Polícia Militares e os Corpos de Bombeiros Militares dos Estados, dos Territórios e do Distrito Federal e dá outras providências.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decretolei/del2010.htm#:~:text=Del2010&text=DECRETO%2DLEI%20N%C2%BA%202.010%2C%20DE,Federal%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAncias.

Brasil. Decreto-lei nº. 2.010, de 12 de janeiro de 1983. Altera o Decreto-Lei nº 667, de 02 de julho de 1969, que reorganiza as Polícia Militares e os Corpos de Bombeiros Militares dos Estados, dos Territórios e do Distrito Federal e dá outras providências. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decretolei/del2010.htm#:~:text=Del2010&text=DECRETO%2DLEI%20N%C2%BA%202.010%2C%20DE,Federal%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAncias.

Calazans, M. E. D. (2003). A constituição de mulheres em policiais: um estudo sobre policiais femininas na Brigada Militar do Rio Grande do Sul. LUME – Repositório digital UFRGS. http://hdl.handle.net/10183/2940

Câmara, S. G., Carlotto, M. S., & Bedin, L. M. (2019). Evidências de Validade da Versão Reduzida do Coping Orientation to Problems Experienced Inventory COPE com Trabalhadores Brasileiros. *Psicogente*, 22, 1-18. https://doi org/10 17081/psico 22 41 3301

Carver, C. S. (1997). You want to measure coping but your protocol's too long: Consider the Brief COPE. *International Journal of Behavioral Medicine*, 4, 92-100. https://doi.org/10.1207/s15327558ijbm0401_6

Castro, M. C. A., & Cruz, R. M. (2015). Prevalência de transtornos mentais e percepção de suporte familiar em policiais civis. *Psicologia: ciência e profissão*, 35, 271-289. https://doi.org/10.1590/1982-370300702013

Castro, P. A. L. (2011). Os convencionais e os especiais: Um estudo sobre a construção da identidade dos integrantes do Batalhão de Operações Especiais da PMDF. Repositório Institucional da UnB. https://repositorio.unb.br/handle/10482/9983

Cohen, S., Kamarck, T., & Mermelstein, R. (1983). A global measure of perceived stress. *Journal of Health and Social Behavior*, 24 (4), 385-396. https://doi.org/10.2307/2136404

Costa, M. T. P. (2012). Saúde psíquica e condições de trabalho dos profissionais de saúde nos hospitais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/17395

Costa, M. T. P., & Barbosa, S. C. (2021). A Investigação da saúde mental no trabalho: do modelo conceitual à prática. In L.O. Borges, S. C. Barbosa, & L. A. M. Guimarães (Orgs.) *Psicossociologia do Trabalho: Temas Contemporâneos* (pp. 253-272). Editora CRV.

Couto, G., Brito, E. D. A. G., Vasconcelos-Silva, A., & Lucchese, R. (2012). Saúde mental do policial militar: Relações interpessoais e estresse no exercício profissional. *Psicologia argumento*, *30*(68), 185-194. https://doi.org/10.7213/psicol.argum.5896

Danna, K., & Griffin, R. W. (1999). Health and well-being in the workplace: A review and synthesis of the literature. *Journal of management*, *25*(3), 357-384.

Derenusson, F. C., & Jablonski, B. (2010). Sob fogo cruzado: o impacto do trabalho policial militar sobre a família do policial. *Aletheia*, (32), 22-37.

Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95(3), 542–575. https://doi.org/10.1037/0033-2909.95.3.542

Fleck, M., Louzada, S., Xavier, M., Chachamovich, E., Vieira, G., Santos, L., & Pinzon, V. (2000) Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação da qualidade de vida" WHOQOL-bref". *Revista de saúde pública*, *34*, 178-183

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2022). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022*. https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2022). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2022*. https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5

García-Buades, M. E., Peiró, J. M., Montañez-Juan, M. I., Kozusznik, M. W., & Ortiz-Bonnín, S. (2020). Happy-productive teams and work units: A systematic review of the 'happy-productive worker thesis'. *International journal of environmental research and public health*, 17(1), 69. https://doi.org/10.3390/ijerph17010069

Gaulejac, V. (2007). *Gestão como doença social: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social.* Ideias & Letras.

Goldberg, D. P. (1972). *The detection of psychiatric illness by questionnaire*. Oxford University Press.

Goldberg, D. P. (1978). *Manual for the General Health Questionnaire*. National Foundation for Educational Research.

Gomes, M. M. (2016). *BOPE, o fardo da farda: narrativas sobre grupos especiais de polícia*. Insular.

Gouveia, V. V., Chaves, S. S. D. S., Oliveira, I. C. P. D., Dias, M. R., Gouveia, R. S., & Andrade, P. R. D. (2003). The use of the GHQ-12 in a general population: a study of its construct validity. *Psicologia: teoria e pesquisa*, *19*, 241-248. https://doi.org/10.1590/S0102-37722003000300006

Gouveia, V. V., Lima, T. J. S. D., Gouveia, R. S. V., Freires, L. A., & Barbosa, L. H. G. M. (2012). Questionário de Saúde Geral (QSG-12): o efeito de itens negativos em sua

estrutura fatorial. *Cadernos de Saúde Pública, 28,* 375-384. https://doi.org/10.1590/S0102-311X2012000200016

Harvey, D. (2017). *17 contradições e o fim do capitalismo*. Boitempo Editorial.

Heleno, C. M., Borges, L. O., & Agulló-Tomás, E. (2021). 4ª Revolução industrial e precarização no trabalho: dois discursos e o mesmo fenômeno?. In L.O. Borges, S. C. Barbosa, & L. A. M. Guimarães (Orgs.) *Psicossociologia do Trabalho: Temas Contemporâneos* (pp. 253-272). Editora CRV.

Hirschle, A. L. T., & Gondim, S. M. G. (2020). Estresse e bem-estar no trabalho: uma revisão de literatura. *Ciência & Saúde Coletiva, 25,* 2721-2736. https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.27902017

Kristensen T. S., Hannerz, H., Høgh, A., & Borg, V. (2005). The Copenhagen Psychosocial Questionnaire - a tool for the assessment and improvement of the psychosocial work environment. *Scand Journal Work Environmental Health*, 31(6), 438–449.

Lancman, S., Daldon, M. T. B., Jardim, T. A., Rocha, T. O., & Barros, J. O. (2020) Intersetorialidade na saúde do trabalhador: velhas questões, novas perspectivas? *Ciência & Saúde Coletiva,* 25 10, 4033-4044. https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.27572018

Lazzaratto, M., & Negri, A. (2013). *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Lamparina.

Leme, I. F. A. S., Rabelo, I. S., & Alves, G. S. A. (2015) *Atualização dos estudos psicométricos e normas do Inventário Fatorial de Personalidade – IFP II*. Casa do Psicólogo.

Lima, I. A. X. (2019). Risco psicossocial de trabalhadores das indústrias de abate processamento de aves em Santa Catarina, Brasil. Repositório Institucional Universidade Federal de Santa Catarina. https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/211703

Llamedo, M. B. A. (2022) Coping e stress em agentes da polícia de segurança pública. Veritati - Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. http://hdl.handle.net/10400.14/38437

Machado, W. D. L., Damásio, B. F., Borsa, J. C., & Silva, J. P. D. (2014) Dimensionalidade da escala de estresse percebido - Perceived Stress Scale, PSS-10 em uma amostra de professores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27, 38-43. https://doi org/10 1590/S0102-79722014000100005

Marx, K. (2014). *O Capital: crítica da economia política*. Boitempo.

Matias, A. B. (2022). Características do trabalho e saúde mental de docentes de uma universidade pública: um estudo de métodos mistos. Repositório Institucional da Universidade de São Paulo. https://doi.org/10.11606/T.5.2022.tde-18042022-110401

Mesa-Fernández, M., Pérez-Padilla, J., Nunes, C., & Menéndez, S. (2019). Bienestar psicológico en las personas mayores no dependientes y su relación con la autoestima y la autoeficacia. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24, 115-124. https://doi.org/10.1590/1413-81232018241.35302016

Minayo, M. C. S., Assis, S. G., & Oliveira, R. V. C. (2011). Impacto das atividades profissionais na saúde física e mental dos policiais militares do Rio de Janeiro. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, 16(4), 2199-2209. doi: 10.1590/ S1413-81232011000400019

Minayo, M. C. S., Souza E. R., Constantino P. (2008) *Missão prevenir e proteger: condições de vida, trabalho e saúde dos policiais militares do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Murray, H. A. (1951). Some basic psychological assumptions and conceptions. *Dialetica*, v. 5, pp. 266-292. https://www.jstor.org/stable/42964005

Nunes, C. H. S., Hutz, C. S., & Nunes, M. O. (2010) *Bateria fatorial de personalidade - manual técnico*. Casa do Psicólogo

OIT. (2015). *Uma década de trabalho decente no Brasil: uma estratégia de ação baseada no diálogo social.* Organização Internacional do Trabalho. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasilia/documents/publication/wcms_467352.pdf

Oliveira, K. L. D., & Santos, L. M. D. (2010). Percepção da saúde mental em policiais militares da força tática e de rua. *Sociologias*, *12*, 224-250. https://doi.org/10.1590/S1517-45222010000300009

Oliveira, K. T. D., & Moraes, T. D. (2021). Saúde mental e trabalho em profissionais do corpo de bombeiros militar. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, *21*(1), 1388-1397. http://dx.doi.org/10.5935/rpot/2021.1.21135

Oliveira, T. S., & Faiman, C. J. S. (2019). Ser policial militar: reflexos na vida pessoal e nos relacionamentos. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 19(2),607-615. https://doi.org/10.17652/rpot/2019.2.15467

Organização das Nações Unidas (ONU). (2015). *Transformando nosso mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável.* ONU. https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf

Organização Mundial da Saúde. (1998). Development of the World Health Organization WHOQOL-BREF quality of life assessment. *Psychological medicine*, *28*(3), 551-558. https://doi.org/10.1017/S0033291798006667

Ottati, F., & Freitas, V. (2013). Evaluación de la calidad de vida y la vulnerabilidad al estrés en el contexto del hospital. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, *4*(1), 15-

29. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072013000100003&lng=pt&tlng=.

Pantaleão, P. F., & Veiga, H. M. S. (2019). Bem-estar no trabalho: Revisão sistemática da literatura nacional na última década. *Holos*, 5, 1-24.

Paschoal, T., & Tamayo, A. (2008). Construção e validação da escala de bem-estar no trabalho. *Avaliação psicológica*, *7*(1), 11-22.

Pelegrini, A., Cardoso, T. E., Claumann, G. S., Pinto, A.A., & Felden, E. P. G. (2018). Percepção das condições de trabalho e estresse ocupacional em policiais civis e militares de unidades de operações especiais. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 26(2), 423-430. https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoao1160

Pinheiro-Neto, A. (2013). A Competência Essencial do BOPE: uma análise exploratória. Repositório Digital Fundação Getúlio Vargas. https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/11460

Reis, R. S., Hino, A., & Rodriguez-Añez, C. R. (2010) Perceived Stress Scale: Reliability and Validity Study in Brazil. *Journal of Health Psychology*, 15 (1), 107-114

Remor, E. (2006). Psychometric properties of a European Spanish version of the Perceived Stress Scale – PSS. *Spanish Journal of Psychology*, *9*(1), 86-93. https://doi.org/10.1177/1359105309346343

Ribeiro, L. (2018). Polícia Militar é lugar de mulher? *Revista Estudos Feministas*, *26*. https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n143413

Rodrigues, A. P. G., Pinheiro, D., & Duarte, L. R. (2021). A vulnerabilidade ao estresse apresentada pelo policial militar diante do clima organizacional da corporação. *Revista Brasileira de Estudos de Segurança Pública*, *14*(1). https://revista.ssp.go.gov.br/index.php/rebesp/article/view/503

Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual review of psychology*, 52, 141.

Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of personality and social psychology*, *57*(6), 1069. https://doi.org/10.1037/0022-3514.57.6.1069

Santos, E. C., Espinosa, M. M., & Marcon, S. R. (2020). Qualidade de vida, saúde e trabalho de professores do ensino fundamental. *Acta Paulista de Enfermagem*, 33.

Santos, J. V. T. D. (1997). A arma e a flor: formação da organização policial, consenso e violência. *Tempo social*, 9, 155-167.

Santos, N. M. D. F., & Tavares, D. M. D. S. (2012). Correlação entre qualidade de vida e morbidade do cuidador de idoso com acidente vascular encefálico. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 46, 960-966. https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020AO0286

Sarriera, J. C., Schwarcz, C., & Câmara, S. G. (1996). Bem-estar psicológico: análise fatorial da escala de Goldberg (GHQ-12) numa amostra de jovens. *Psicologia: reflexão e crítica*, *9*(2), 293-306.

Schönardie, C. F., & Amazarray, M. R. (2022). Trabalho, gestão e saúde-adoecimento: um estudo qualitativo sobre as vivências de bancários no Rio Grande do Sul. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, *25*.

Serviço Social da Indústria do Paraná - SESI/PR. (2015). Modelo Sesi de avaliação de riscos psicossociais. SESI/PR

Silva, A. C. (2017). Qualidade de vida no trabalho: influência de estressores na atuação de policiais militares no Distrito Federal. Repositório Institucional da Universidade de Brasília. https://bdm.unb.br/handle/10483/23468

Silva-Junior, J. S., & Fischer, F. M. (2015). Afastamento do trabalho por transtornos mentais e estressores psicossociais ocupacionais. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 18, 735-744. https://doi.org/10.1590/1980-5497201500040005

Soares, L. E., Batista, A., & Pimentel, R. (2006). *Elite da tropa*. Objetiva.

Soares, R. J. O., Barba, M. L., Negraes, F. C., Bussardes, L. D. P. B., Oliveira, M. S., & da Costa, R. M. (2021). Saúde dos Policiais Militares: um estudo de revisão. *Brazilian Journal of Development*, 7(7), 68816-68826. https://doi.org/10.1590/0101-6628.241

Souza, E. R. D., & Minayo, M. C. D. S. (2017). Segurança pública num país violento. *Cadernos de Saúde Pública*, 33. https://doi.org/10.1590/0102-311X00036217

Spode, C. B., & Merlo, Á. R. C. (2006). Trabalho policial e saúde mental: uma pesquisa junto aos Capitães da Polícia Militar. *Psicologia: Reflexão e crítica, 19*, 362-370. https://doi.org/10.1590/S0102-79722006000300004

Strausz, M. C.; Silva, J. M. da (2021). Produção de conhecimento até quanto e para quem? In: L. C. F. de Vasconcellos [et al.]. (Organizadores), *Saúde do trabalhador em tempos de desconstrução: caminhos de luta e resistência* (pp. 103-136). Rio de Janeiro: Cebes.

Tavares, J. P., Vieira, L. S., Pai, D. D., Souza, S. B. C. D., Ceccon, R. F., & Machado, W. D. L. (2021). Rede de correlações entre qualidade de vida, resiliência e desequilíbrio esforço-recompensa em policiais militares. *Ciência & Saúde Coletiva*, *26*, 1931-1940. https://doi.org/10.1590/1413-81232021265.10702019

Tittoni, J., & Nardi, H. (2011). Subjetividade e trabalho. In A. Cattani & L. Holzmann (Eds.), *Dicionário de trabalho e tecnologia* (pp.375-378). Zouk.

Vazquez, A. C. S., Santos, A. S. D., Costa, P., Freitas, C. P. P. D., de Witte, H., & Schaufeli, W. (2019). Trabalho e Bem-Estar: Evidências da Relação entre Burnout e

Satisfação de Vida. *Avaliação Psicológica*, 18(4), 372-381. http://dx.doi.org/10.15689/ap.2019.1804.18917.05

Wagner, L. C., Stankievich, R. A. P., & Pedroso, F. (2012). Saúde mental e qualidade de vida de policiais civis da região metropolitana de Porto Alegre. *Rev Bras MedTrab*, *10*(2), 64-71.

Warr, P., & Nielsen, K. (2018) Wellbeing and work performance. In E. Diener, S, Oishi, & L. Tay (Eds.), *Handbook of well-being*. DEF Publishers.

Winter, L. E., & Alf, A. M. (2019). A profissão do policial militar: vivências de prazer e sofrimento no trabalho. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 19(3), 671-678. http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2019.3.13214

6 ARTIGO 2

Identidade subjetiva, franquia e pertencimento: vivências de policiais de um Batalhão de Operações Especiais

Resumos

Este estudo qualitativo de natureza exploratória teve o intuito de conhecer vivências e percepções de policiais militares que atuam em um Batalhão de Operações Especiais no que diz respeito às relações entre seu contexto laboral e mobilização subjetiva. Adotou-se o referencial da Psicologia Social do Trabalho numa perspectiva crítica ao capitalismo. Foram realizados três grupos focais em que participaram 19 policiais. Os tópicos da discussão abordavam percepções sobre o trabalho, e suas repercussões subjetivas e na vida pessoal. As sessões grupais foram transcritas e submetidas à análise temática, resultando em dois fluxos. O primeiro é relacionado à identidade subjetiva franquiada, construída no/pelo trabalho, ligado à sensação de sobre humanidade e processos de mal-estar. O segundo associa as vivências do trabalho a um grupo constituído por relações de amizade, senso de pertencimento e relacionado a processos de saúde. Discute-se a complexidade do contexto e das vivências de trabalho deste grupo ocupacional.

Palavras-chave: Polícia; Operações Especiais; Trabalho; Identidade Subjetiva; Psicologia Social.

Abstract

This qualitative exploratory study aimed to know the experiences and perceptions of military police officers who work in Special Operations Forces regarding the relationship between their work context and subjective mobilization. The framework of the Social Psychology of Work was adopted in a critical perspective of capitalism. Three focal groups were conducted in which 19 police officers participated. Discussion topics addressed perceptions about work, and its subjective and personal life repercussions. The group sessions were transcribed and submitted to thematic analysis, resulting in two flows. The first is related to the franchised subjective identity, built in/by work, linked to the feeling of over humanity and processes of illness. The second associates work experiences with a group made up of friendships, a sense of belonging and related to health processes. The complexity of the context and work experiences of this occupational group are discussed.

Keywords: Police; Special operations; Work; Subjective Identity; Social Psychology**.**

Resumen

Este estudio cualitativo exploratorio tuvo como objetivo conocer las experiencias y percepciones de policías militares que actúan en un Batallón de Operaciones Especiales cuanto a la relación entre su contexto de trabajo y la movilización subjetiva. Se adoptó el marco de la Psicología Social del Trabajo en una perspectiva crítica del capitalismo. Se realizaron tres grupos focales en los que participaron 19 policías. Los temas de discusión abordaron las percepciones sobre el trabajo y sus repercusiones en la vida subjetiva y personal. Las sesiones grupales fueron transcritas y sometidas a análisis temático, resultando en dos flujos. El primero está relacionado con la identidad subjetiva franquiciada, construida en/por el trabajo, ligada al sentimiento de sobrehumanidad y procesos de malestar. El segundo asocia experiencias de trabajo con un grupo conformado por amistades, sentido de pertenencia y relacionado con procesos de salud. Se discute la complejidad del contexto y las experiencias de trabajo de este grupo ocupacional.

Palabras llave: Policía; Operaciones Especiales; Trabaja; Identidad Subjetiva; Psicología Social.

Introdução

O capitalismo, em suas transformações e reestruturações, ampliou seu domínio de forma global, materializando-se em mutações sociais e conformando modos de subjetivação atravessados radicalmente pelas suas prescrições (Cangi & Penissi, 2015; Gaulejac, 2007; Guattari, 2009; Negri & Guattari, 2017). Ao trabalho subsumido ao capital soma-se à vida, em sua totalidade, submetida e convocada (Gorz, 2005; Lazzarato & Negri, 2013). Essa é a forma de atuação do capitalismo mundial integrado, descentralizado e ampliado em sua extensão: em um só bloco exerce prescrições produtivas-econômicas-subjetivas (Guattari, 2009), sua regulação ultrapassa a relação fabril e adentra as formas de organização social. Nesse sentido, a visão econômica do mundo e as relações pautadas pelo consumo estabelecem-se como princípios políticos e materializam a concorrência interindividual e o enfraquecimento dos coletivos (Antunes, 2018; Dardot & Laval, 2016; Minayo & Tôrres, 2013).

O neoliberalismo, enquanto sistema normativo, ativa e organiza as relações de trabalho, convocando cada sujeito a tornar-se um "gestor de si", e incorporar, na relação consigo mesmo, a expectativa de produção e *performance* (Dardot & Laval, 2016). A gestão do trabalho no contemporâneo configura uma ética atrelada às formas de acumulação flexível do capital (Lapis, 2011; Nardi, 2011), marcada pela massificação da subjetividade social, pelo individualismo e competição exacerbada. Estes são extremados pela incerteza quanto ao futuro, expressas pelo desmantelamento das garantias sociais e do Estado de Bem-estar Social, bem como pelo enfraquecimento dos laços sociais entre os trabalhadores (Grisci, 2011). Não há mais "tempo de trabalho", o que há é tempo de vida colocado em produção de forma que todas as dimensões humanas, até mesmo os sonhos, passam a ser determinados pela semiótica do capital (Lazzarato & Negri, 2013; Negri & Guattari, 2017). Ao buscar ocupar totalmente o espaço da vida humana o trabalho se constitui de forma alienante (Antunes, 2010).

Esvaziado de sentido, o trabalho não possibilita que o sujeito se reconheça nele, torna-se exclusivamente meio para exercício do consumo. Assim, articulam-se quatro momentos do trabalho no contemporâneo: "trabalha-se para consumir, nem que seja a própria identidade" (Bendassoli, 2007, p.16), o sujeito solitário e sem força de ação política frente à falta de sentido presente em seu trabalho busca para si uma identidade através do consumo. Incide, entretanto, na lógica de que "trabalhar significa produzir-se" (Gorz, 2005, p. 11), defrontando-se com a radical indeterminação e a perda de referenciais

o sujeito já não sabe de que lugar parte na busca por si próprio. Nesse ínterim, "o sujeito não diz de si, é falado muito mais do que fala" (Lacan, 1998, p.281), passando a orquestrar, consumir (e até desejar) para si a subjetividade ofertada pelo capital. De maneira que a capacidade crítica do pensar se perde e transforma-se em mera reprodução: "pensar, significa aderir" (Legendre, 1983). Nas dinâmicas socio psíquicas do capital, a excitação do desejo e a mobilização subjetiva são o combustível para a manutenção das relações de dominação e de produção (de si) e consumo (Gaulejac, 2009). O poder gerencialista, por detrás do discurso da flexibilidade, exerce retirada da governabilidade dos sujeitos sobre sua própria vida, ao conferir legitimidade apenas a determinados modos de ser e estar no mundo (Nardi, 2006).

A partir dessa construção social do mercado (de produtos e identidades), o grande papel da publicidade passa a ser o de produzir imagens e solicitar as formas de subjetivação; sob este aspecto, não é o consumidor ou o produto que são engendrados, mas o próprio desejo e o sujeito do capitalismo imaterial (Gaulejac, 2007; Lazzarato & Negri, 2013). A produção e manipulação de símbolos tornou-se a base do capitalismo na passagem do trabalho material para o imaterial (Gorz, 2005; Lazzarato & Negri, 2013). O que antes dizia respeito apenas a modos de produção de mercadorias, hoje agregam-se modos de produção de mundos e sujeitos, de identidades massificadas (Negri & Guattari, 2017). Em um agenciamento coletivo, o capitalismo cria uma necessidade, fornece e satisfaz. O mesmo ocorre com a identidade subjetiva: o convite da aceleração constante dos processos é para que não se pense, é o convite para a institucionalização do monólogo, do discurso majoritário. O poder não se materializa apenas na imposição de uma representação universal, ele se encarna em regras e procedimentos que organizam da sociedade (Gaulejac, 2007).

Desterritorializados de si, os sujeitos passam a procurar no majoritário um sentido para sua vida e seu futuro. Renunciam a seus valores incorporando os do capital: fazem um "pacto com o diabo" (Gaulejac, 2007; Pagès et al., 1993). A servidão voluntária foi apontada por La Boétie (2020) ao questionar-se como era possível que a liberdade fosse, por vezes, abandonada tão facilmente. O hábito, a enganação por parte dos tiranos, e a expectativa de partilha do poder seriam seus mantenedores. Nesse sentido, Foucault (1977) aponta para o amor pelo poder, presente em todos seres humanos "o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e explora" (Foucault, 1977, p.2). Entretanto, ambos apontam guias para a criação de outras realidades: a convocação da

dimensão criativa e revolucionária da vida humana, a alegria e a amizade (Foucault 1977; La Boétie, 2020). A amizade se configura distante de um projeto de poder e de subjugação, relacionando sujeitos na diferença, ofertando uma mudança de paradigma para os sujeitos que a experimentam (Aristóteles, 2017; Blanchot, 2007).

O trabalho é essencialmente relacional e em sua coletividade pode facilitar vias de liberação das singularidades individuais e coletivas produzindo movimentos outros de habitar e subjetivar (Negri & Guattari, 2017). As mobilizações subjetivas podem englobar dimensões inventivas e de saúde, que permitam o aparecimento da inteligência prática e astuciosa, que é ancorada nas dinâmicas de solidariedade e na expressão múltipla de singularidades que convidam ao âmbito comum – instância da atividade criativa (Dejours, 2012; Hardt & Negri, 2001). O trabalho vivo engloba aspectos instituintes, mobilizando a subjetividade e criando inteligibilidade, podendo gerar uma realização de si saudável (Dejours, 2012).

Lazzarato e Negri (2013) apontam que uma das formas mais ingênuas de entender as mudanças do capitalismo é focar em dois polos, opondo momentos analógicos e digitais, por exemplo. A contradição é condição estruturante do capitalismo contemporâneo, de forma que hoje coexistem formas de exploração do trabalho tais quais as operadas no taylorismo, exemplificadas pelas fábricas e os trabalhos completamente informalizados como os relacionados à *uberização*. Compreender o trabalho e os processos pelos quais é vivenciado em sua forma de ser contraditória é entender sua centralidade na vida humana, fonte de prazer e de sofrimento que acompanha as transformações do capitalismo e é atravessado por elas. Não há Psicologia possível senão pela análise das condições de existência dos sujeitos (Foucault, 1999).

A partir disso, apresenta-se o campo deste estudo: um Batalhão de Operações Especiais (BOPE) do sul do país. Dentro da estrutura da PM, esse batalhão é responsável por atuar em situações que envolvem elevado grau de perturbação à ordem pública, tais como: atividades de negociação em situações com reféns, remoção de artefatos explosivos, rebeliões no sistema prisional, entre outras. A natureza do trabalho policial é em si paradoxal e carrega características que tendem a polarizações tal como: “o bem” *versus* “o mal”. No Brasil, a polícia responsável pelo policiamento ostensivo é a polícia militar, que também está autorizada a atuar em situações preventivas, constituindo o polo “prevenção” *versus* “repressão”. O BOPE é cercado de rituais e símbolos que constituem sua doutrina, tais como: o próprio curso de ingresso que é considerado um rito, 10

mandamentos (controle emocional, coragem, disciplina consciente, espírito de corpo, flexibilidade, honestidade, honra, iniciativa, liderança e perseverança), farda preta (que denota severidade e opressão, causa impacto [BOPE, SC, 2016]), símbolo da faca na caveira (que representa vitória sobre a morte), entre outros. O cotidiano laboral desses profissionais é marcado por intensas jornadas de trabalho, altos níveis de estresse e a imprevisibilidade como fator estruturante (Pelegrini et al., 2018; Tavares et al., 2021). Neste trabalho, a polícia não é encarada como boa ou má em si, mas sim como instituição presente na sociedade atual e que atravessa e é atravessada por diversas tramas que conjugam aspectos positivos e negativos. A proposta deste estudo é investigar o lugar que conjuga essas polaridades, o *entre* (Gomes 2016).

Portanto, este trabalho inscreve-se na perspectiva da Psicologia Social do Trabalho, campo que busca trazer visibilidade e questionar aquilo que modula e, por vezes, restringe os modos de ser dos sujeitos, numa perspectiva crítica ao capitalismo (Sato et al., 2018). Entende-se a indissociabilidade entre indivíduo e coletivo, bem como a importância de análises sobre o trabalho que considerem seus determinantes sociais, históricos e suas repercussões subjetivas. E por isso, coloca-se, também, numa perspectiva interdisciplinar (Nardi, 2006). Diante do exposto, o presente artigo buscou conhecer as vivências e percepções de policiais militares que atuam em um Batalhão de Operações Especiais no que diz respeito às relações entre seu contexto laboral, identidade e mobilização subjetiva.

Método

O presente trabalho resultou do recorte de um projeto de pesquisa mais amplo, que teve por objetivo estudar potencialidades e dificuldades no cotidiano laboral de policiais militares de um Batalhão de Operações Especiais (BOPE) do sul do Brasil. Nesse artigo, são apresentados os resultados da etapa qualitativa, que perseguiu um delineamento exploratório e transversal e que teve por objetivo conhecer vivências e percepções de policiais militares que atuam em um BOPE no que diz respeito às relações entre seu contexto laboral e mobilização subjetiva.

Participantes

Foram realizados três grupos focais, com duração aproximada de 110 minutos cada, dos quais participaram ao todo 19 policiais que compõem o efetivo de um BOPE

que já haviam feito parte da fase quantitativa do estudo em que foram informados(as) sobre as etapas do estudo. Os convites para participação da presente etapa foram realizados por meio físico e digital. Os participantes eram todos homens (condizente com a realidade do batalhão, em que 98,4% do efetivo são homens), na ocasião de realização dos grupos, três participantes haviam ingressado no batalhão naquele ano. De forma a facilitar a interação grupal os sujeitos foram convidados a fazer parte dos grupos considerando suas patentes, assim dois grupos foram compostos por sargentos e soldados (que formam a maioria do batalhão) e um grupo por tenentes e capitão (que compõem atividades mais relacionadas ao comando do batalhão).

Tabela 1

Caracterização sociodemográfica dos participantes (n=19)

Variáveis		**F(%)**		**Média (dp)**
Idade				39(7)
Idade de ingresso na PM (em anos)				22(2,7)
Tempo na PM (em anos)				14(9,8)
Tempo no BOPE (em anos)				8,4(5)
Escolaridade	Ensino Médio	7(36,8)		
	Superior Incompleto	4(21,1)		
	Superior Completo	8(42,1)		
Renda	4 – 6 salários-mínimos	8(42,1)		
	Acima de 7 salários-mínimos	11(57,9)		
Companheira		Sim	Não	
		15(78,9)	4(21,1)	
Tempo de união (em anos)				13,8(8,8)
Filhos		18(94,7)	1(5,3)	
Acompanhamento Psicológico		6(31,6)	13 (68,4)	
Licença-saúde		11(57,9)	8(42,1)	

Nota. F= frequência; dp= desvio-padrão

Procedimentos de coleta de dados e aspectos éticos

Para a coleta de dados, utilizou-se a técnica do grupo focal, que prioriza a interação grupal a partir dos temas propostos pelo(a) pesquisador(a). Na etapa quantitativa deste estudo os(as) participantes haviam realizado a assinatura em duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em que eram apresentados os objetivos, a garantia de sigilo e o caráter voluntário de sua participação. Neste, também eram informados(as) sobre os procedimentos do estudo, incluindo todas as etapas

subsequentes, como a qualitativa (grupos focais). A coleta dos dados qualitativos foi realizada nos meses de junho e julho de 2022.

Os grupos ocorreram em sala disponibilizada pelo batalhão e foram conduzidos pela pesquisadora, com a presença de observador(a) que fazia anotações sobre as falas e nomes dos participantes. Foram registrados por meio de gravação de áudio. Contavam com roteiro semiestruturado organizado em tópicos e questionamentos que buscavam estimular a interação grupal, que foram adaptados em sua ordem conforme a discussão. O roteiro abordava a percepção dos sujeitos sobre seu trabalho, suas repercussões subjetivas e na vida pessoal. As questões norteadoras iniciavam com os sentidos atribuídos ao trabalho, a percepção sobre a vivência do curso de formação e aprovação para ingresso no batalhão. Conforme a discussão se constituía, questionava-se sobre aspectos positivos e negativos do trabalho e as respectivas exigências subjetivas. Posteriormente, os participantes eram questionados sobre momentos de lazer e de vivência do não-trabalho. Outro tópico abordado era sobre a escolha e avaliação de sua trajetória profissional, englobando planos para o futuro e se imaginavam filhos(as) exercendo essa profissão.

O estudo atendeu às Resoluções do Conselho Nacional de Saúde que dizem respeito à pesquisa com seres humanos e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, registrado sob o protocolo de Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de nº 47533321.7.0000.5345 e obteve aprovação pelo Instituto de Pesquisa da corporação militar onde foi realizado.

Análise de dados

As gravações dos grupos focais foram transcritas e submetidas à análise temática conforme proposto por Braun e Clarke (2006). A escolha por esta forma de análise se deu pela flexibilidade e independência teórica possível em sua construção em uma ampla gama de dados qualitativos (Terry & Braun, 2016). O processo de análise a partir desse referencial não é linear e ocorre em fases que se movimentam continuamente. São elas: a familiarização com os dados, a geração de códigos iniciais, a busca e revisão dos temas, definição e nomeação e a produção do relatório propriamente dito (Souza, 2019).

No momento de familiarização com os dados, constatou-se, a partir das anotações livres feitas pela pesquisadora, a riqueza das controvérsias e tensões presentes nos discursos dos participantes. Por isso, prezou-se pela construção de uma análise indutiva e reflexiva, isto é, sem partir de temáticas pré-organizadas para analisar os dados, codificando estes de forma flexível e de acordo com seus conteúdos (Braun & Clarke, 2019). Considerando os dados coletados, optou-se por abandonar a tentativa de construção de uma análise homogênea, com categorias fixas, distintas e que não se sobrepusessem. A análise foi construída pensando em fluxos contínuos e, por vezes, contrários presentes nos discursos dos participantes. Buscou-se articular a dinamicidade das falas com o que propôs Latour (2005) na análise de controvérsias: visualizar disputas e desdobramentos. Estabeleceu-se, dessa forma, uma análise que tolera contradições e ambiguidades e não comporta um "isso ou aquilo", e sim a fusão entre polos estimulando a pluralidade, incluindo ao invés de excluir. Além disso, ao pautar-se em referencial teórico crítico ao capitalismo, este estudo entende que a contradição não se opõe à lógica capitalista nas relações de trabalho, pelo contrário, atravessa-a como elemento estruturante (Lazzarato & Negri, 2013).

Resultados e discussão

Utilizou-se o desenho de mapas para abordar a complexidade dos dados, prezando os caminhos para exploração, sem a necessidade de categorizá-los de forma excludente, entendendo que pensamento e reflexão não significam taxinomia (Gagnebin, 2006). Na figura 1, encontra-se imagem produzida pelas pesquisadoras, que busca materializar os fluxos tensionados, mas não opostos. Estes são representados sem ordem de valor e expõem as possíveis contradições entre si como expressão do trabalho real vivenciado pelos sujeitos.

"Nada contra essa vida humana, mas..."

Esse fluxo diz respeito ao modo de ser policial trabalhador do BOPE, o qual foi compreendido como uma busca ou tendência à homogeneização, e a complexa trama envolvendo processos identitários e processos de subjetivação cuja constituição se dá de maneira muito estreita pelo trabalho. Está associado à identidade subjetiva construída como franquia e aos processos de mal-estar no trabalho. Engloba narrativas que buscam destituir ou transcender a dimensão humana (individual e coletiva) e que constituem

ideais de controle sobre toda subjetividade. Alude a comportamentos e falas que tendem a divisões em dois polos: humanos x operadores (super-humanos), corpo x mente, BOPE x policiais militares.

"**Viver em grupo permite expressar nossos sentimentos como humanos",**

Esse fluxo diz respeito a falas que se associam às vivências de um grupo que se constitui como uma família ou uma fratria, pautado em relações de confiança, que percebe a amizade como potência humana criativa e meio de mitigar os aspectos negativos do trabalho. Este é percebido com sentido relacionado a processos de saúde. Articula-se teoricamente com a aposta na amizade e no senso de pertencimento como forma de reinventar o mundo, por sua abertura à potência do vir a ser (Mizoguchi, 2015).

Considerando que as controvérsias surgem onde há espaço para heterogeneidade e a complexidade (Venturini, 2010), no texto a seguir os fluxos são apresentados de forma conjunta, buscando a análise destas e a expressão das tensões e desdobramentos presentes nos dados.

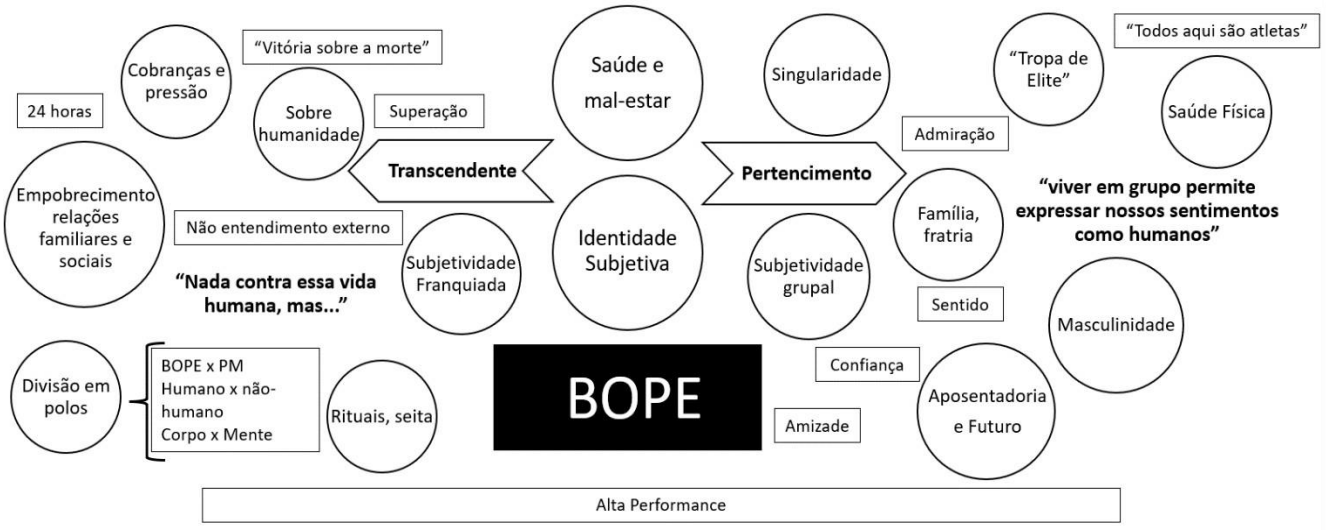


Figura 1.

Mapa da análise temática

No que diz respeito à identidade subjetiva estes fluxos se dividem em dois entendimentos: a subjetividade ofertada como franquia associada à transcendência da dimensão humana e como pertencimento expressada por valores grupais e a noção de família/fratria. Articula-se teoricamente a noção de identidade subjetiva com a

conceituação de franquia, propostas por Gorz (2005) e Lazzarato e Negri (2013). A franquia funciona como uma "firma-mãe", que ao monopolizar/patentear um conhecimento, fornece àquele que o aluga uma identidade, uma "aura" que compõe o produto que é comercializado (Gorz, 2005; Heloani, 2003; Lazzarato & Negri, 2013). Nesta lógica, a construção de imagem para a manutenção das franquias é extremamente importante, a comunicação, o *marketing* e a propaganda. O BOPE, a partir das falas dos sujeitos participantes deste estudo, parece se constituir como uma franquia, uma "firma-mãe", na medida em que oferta àqueles que desejam fazer parte do seu grupo uma "aura" que, neste caso, não é composta por um produto comercializado, mas por uma identidade subjetiva construída e organizada, ofertada em ideais de totalidade. A tensão presente é que a "firma-mãe" não deixa de ser proprietária do que comercializa, assim como parece ser possível conjecturar que o BOPE não deixa de ser proprietário do sujeito que produz, de forma a restringir espaço para outros modos de ser e estar no mundo que não os modos da "aura" de um policial de forças especiais. As falas a seguir exemplificam essa teorização:

> *"...eu sempre quis, sempre foi um sonho ser caveira, sempre quis estar no topo. Mas não para usar uma farda, para operar de certa forma ou não. Eu sempre pensei que eu tinha condições de fazer a mais [...] Tu é caveira, quando tu chega no final tu sabe o porquê de tudo, tu entende tudo e tu conhece todos os teus limites e tu consegue superar todos os teus limites, tu não vai ter uma situação que tu não vai conseguir superar porque tu já passou por tudo." (Participante A)*

> *"Para nós isso é um estilo de vida, não consigo descrever com palavras, talvez vocês não vão conseguir entender o que a gente sente usando essa farda, podendo vivenciar o dia a dia aqui dentro." (Participante B)*

> *"A gente consegue enxergar melhor, entendeu, o vidro tá embaçado daí tu liga o ar quente e consegue enxergar, é mais ou menos isso. A tua vida, tu tem alguma motivação, alguma coisa pra botar pra fora, tu vem, faz um curso aqui, tu sai com outra visão de mundo." (Participante G)*

Essa noção de identidade é sustentada pela representação social do operador de forças especiais, alimentada também pelo cinema brasileiro nos dois volumes do filme "Tropa de Elite" (Padilha, 2007; Padilha, 2010). Estes figuram listas dos mais vistos do Brasil (Menezes, 2013) e apresentam o BOPE do Rio de Janeiro e sua atuação. Os filmes foram instrumento para a construção de diversas análises, tais como a de Menezes (2013) que discutiu a construção das imagens cinematográficas do filme, apontando a forma homogênea e coesa com que três grupos sociais são apresentados: "os estudantes", "os policiais corruptos" e "os traficantes". Estes grupos não abarcam tensões, são todos iguais. Por outro lado, o filme explora o grupo "policiais do BOPE" por meio do personagem "Capitão Nascimento", único grupo/personagem que abarca complexidades e contradições, construído de forma humana, predispondo processos de identificação e empatia. O filme Tropa de Elite é mencionado por participantes deste estudo em falas que versam sobre a aproximação com o BOPE através do filme e na doutrina dos cursos que é estabelecida em conformidade com a doutrina do Rio de Janeiro.

Na fala exposta acima, o participante A diz que sempre quis fazer parte do BOPE "*Mas não para usar uma farda",* apontando que a construção do desejo de ser policial de operações especiais é atravessada mais por valores imateriais que materiais. Entretanto, ao pensarmos na lógica da franquia, produz-se uma "aura", uma identidade, de forma que não se vende/consome apenas o produto, mas o que ele representa e oferta (Lazzarato & Negri, 2013), o mesmo parece ser possível ao pensarmos no uniforme: não é a materialidade de um uniforme preto que importa, mas a representação deste, como apontado na fala do sujeito K: *"quando vi os caras entrando de preto, passaram sem olhar pra ninguém, passaram por todos e foram lá na primeira linha. A partir dali foi o meu objetivo de vida.".*

Agregam-se a essas falas diversas outras que remetem às vivências de um trabalho pleno de sentido e que satisfaz gerando prazer. O BOPE como "casa-mãe" parece oferecer um lugar que atende à necessidade dos sujeitos de pertencer, de constituir-se em um grupo, de partilhar uma identidade. A busca por algo maior é apontada, bem como a sensação de não pertencimento à sociedade e suas formas de organização. Como é exposto a seguir na fala do participante H, em que menciona não entender o conceito de "sextou" operado por muitos(as). Parece haver uma sensação de desajustamento social, que é "resolvida" com a identidade compartilhada no BOPE.

> *"A gente fala tanto em pertencimento, talvez vocês não estão enxergando isso, mas se der espaço podemos até começar a chorar aqui de tanto que a gente fala, não temos vergonha, não temos medo, nem receio."*
>
> *"Pra mim é um lugar que dá gosto de vir todo dia. Eu sempre tive dificuldade pra entender aquele conceito do "sextou", aquela coisa da segunda-feira, da pessoa ficar cabisbaixa. Pra mim não combina com estar aqui, com trabalhar aqui." (Participante H)*
>
> *"são meus irmãos, esse sentimento de família, é uma sensação que é difícil de explicar. É algo que é complexo. Cria a síndrome de Estocolmo porque gostamos de estar aqui. A gente se gosta, eu gosto de estar aqui. O serviço começa agora às 10h e não vejo a hora porque eu gosto de estar aqui, quando vejo já terminou." (Participante L, novo no batalhão)"*

A fala do participante L exposta acima remete também ao sofrimento vivenciado no curso e os destinos dados a este. Ao mencionar a "Síndrome de Estocolmo", termo associado à vinculação afetiva ou empatia de uma vítima por um sujeito abusador, este participante fala sobre a intensidade do que é vivido no curso e, ao mesmo tempo, a sublimação de uma situação estressora pelo humor que esta frase pode representar. No momento do grupo ela foi dita entre risadas do próprio participante e dos demais. E, foi seguida da seguinte frase: "*fazer de tudo para eles não se formarem",* sobre o próximo curso a ser ministrado pelo BOPE. Em um mesmo fluxo essa frase parece conjugar pertencimento e servidão voluntária mantida pela ideia de partilha do poder (La Boétie, 2020).

O processo de formação para ingresso no BOPE ocorre através de curso realizado durante cerca de três meses em que os sujeitos são expostos à exaustão física e emocional. No curso os participantes são convidados a viver uma experiencia de convocação da alma, em sua essência uma mobilização subjetiva de incorporação de um modo específico de ser para pertencer (Gomes, 2016). A experiência de viver o curso é descrita como processo de dominação do corpo, da mente e até de produção de novas pessoas, no sentido de que a transformação vivida por aquele sujeito é extrema (Silva, 2019; Storani, 2008).

Ao iniciar o curso de especialização em operações especiais, o sujeito é convocado a renunciar de sua "identidade civil" para construir uma nova e, caso desista do curso, precisa enterrar sua "alma" no cemitério de cruzes com a numeração que o identifica no curso (Storani, 2008). Nesse sentido, Silva (2019) entende que apesar de vivenciarem experiências de dor e sofrimento, não há uma dominação completa dos sujeitos participantes, pois a desistência pode ser realizada em qualquer momento. Ainda que um processo de "dominação completa" não pareça possível, existe um processo no curso que busca dominar a dimensão humana daquele sujeito, como nos moldes do capitalismo a subjetividade não é "toda" aliciada pela produtividade, ainda assim é. Ao serem questionados sobre a forma como o curso ocorria, os policiais responsáveis pela realização e coordenação deste apontam o filme Tropa de Elite (Padilha, 2007) como modelo e exemplo para compreensão, apontado também a importância que percebem nos rituais. Como exposto nas falas a seguir:

> *"Enfim, 2007 ali, não se tinha muitas informações, tava bem na época do filme Tropa de Elite, então algumas coisas que se via se achava fantasiosa, a gente não sabia da realidade, mas aí fui aprendendo e a partir dali... minha visão de que a doutrina é necessária." (Participante S1)*
>
> *"A nossa doutrina vem do Rio de Janeiro, que é um curso muito puxado, muito pesado." (Participante D)*
>
> *"E aí o curso começa na dedicação, no abandono, nesse abandono de família, abandono de vaidade, abandono de tudo, em busca de..." (Participante E)*
>
> *"Vejo as coisas separadas, uma coisa é o curso e outra é trabalhar aqui. [O curso] é um rito para trabalhar aqui." (Participante A)*
>
> *"Não viemos buscar uma valorização financeira, se não estaríamos estudando outra coisa, mas sim algo que o dinheiro não paga, que é a experiência, essa valorização ética, moral, algo interno que acaba sendo uma autoconfirmação de algo que viemos buscar aqui..." (Participante J)*

A sensação de diferenciação moral e superação daqueles que conseguem finalizar o curso é apontada por outros estudos ("nós" *versus* "eles"). Conjuntamente à noção do fornecer a totalidade de quem se é e para sustentar essa noção, cria-se a ideia de um grupo tão coeso e resiliente que pode superar, inclusive, a condição humana de sua existência. Nesse fluxo, a sobre humanidade é chave para compreensão da forma de ser e estar no mundo dos policiais vinculados ao BOPE. As falas a seguir remetem a visões heroicas de si e do outro que não necessariamente se traduzem por ações ocorridas, mas que são sentidas como se não houvesse limitação de si e dos pares.

> *"pode perguntar para qualquer um deles, pois sempre vamos conseguir de um jeito ou de outro, nada é impossível." (Participante R)*

> *"a senhora vai achar um absurdo [...] tu foi colocado a prova, tu sabe que tu consegue muito mais do que aquilo ali e isso é um diferencial grande pro efetivo do BOPE, dos caveiras. Porque vai ter coisas que para a maioria vai incomodar, [...] "Ah, deu a pandemia, tu vai colocar a máscara com medo de morrer" tu sabe que tu não vai morrer, tu sabe que tu consegue enfrentar muito mais do que aquilo ali." (Participante I)*

> *"Mas aquilo é teu, tu é caveira, agora tu sabe tudo o que tu pode fazer e o que tu não pode, que é praticamente nada, tu consegue fazer tudo, dentro dos teus limites, né?" (Participante A)*

Articula-se teoricamente estas falas ao discurso da autoprodução ilimitada: "capital humano" que deve aprimorar sua *performance* continuamente (Alves, 2011; Dardot & Laval, 2016). A fala do participante I remete também à possível exposição a riscos que essa lógica de funcionamento pode trazer: numa pandemia *"saber que tu não vai morrer"* não é algo que, de forma isolada, proteja o sujeito. Nesse sentido as vivências tão intensas descritas pelos participantes remetem a aproximações com crenças ritualísticas e comportamentos religiosos/com vertente messiânica, como exposto aseguir.

> *"é difícil olhar para fora disso aqui e achar que outras pessoas possam estar certas sem nunca ter visto isso aqui."* (Participante B)

> *"Superação física, psicológica e até espiritual, porque o negócio é uma coisa de outro planeta. O cara sai dessa dimensão e vai pra outra dimensão. Sem beber nada, sem se chapar, o troço é loucurada. O cara vai se conhecendo melhor, é um autoconhecimento que a gente tem." (Participante G)*

> *"Mas assim, tem coisas que a gente fala e o outro entende e isso parece que cria uma tribo muito forte que às vezes essa questão de pertencimento a gente não se encaixa muito numa vida externa." (Participante A)*

> *"Se ele [Deus] colocou a gente aqui para isso, sei que não foi por acaso. [...] Somos a lança na mão dele." (Participante B)*

> *"Tu se lembra a vez que tu mais teve fome e tu comeu? Tu entende? Não tava delicioso aquilo ali? É tipo isso aí [...] depois que o camarada termina o curso, tu começa a enxergar com outros olhos a tua vida, entendeu? Gosto, cheiro, tudo melhora, tudo aguça. E a tua vida fica diferente..." (Participante G)*

As falas acima remetem a experiências oceânicas pautada no princípio do prazer que ativam dinâmicas inconscientes, como o desejo pela onipotência (Freud, 1915; Gaulejac, 2007). Essa sensação de ser ilimitado e sem fronteiras, de *"estar chapado"* sem substância alguma remete o quanto à vivência do curso e do batalhão adentram dimensões simbólicas e psíquicas. Aproximações religiosas e de ritos já foram apontadas por outros autores ao estudarem essa categoria profissional (Gomes, 2016; Storani, 2008). Nesse fluxo, diversas falas apontam para a sensação de não ser entendido por aqueles que não vivem o BOPE (humanos englobando a pesquisadora).

> *"a senhora nunca vai entender, só tem uma forma de entender, se a senhora quiser entender faz o curso" (Participante E)*

> *"Mulheres paisanas não entendem. Vários aqui tem relacionamentos com mulheres policiais que deveriam entender, mas elas não conseguem compreender o sistema aqui ou alcançar." (Participante B)*

> *"A gente fala tanto em pertencimento, talvez vocês não estão enxergando isso...Daqui a pouco até algo que a gente fala vocês podem usar para alguma outra coisa. Como vocês estão enxergando isso de falar com os operadores?" (Participante B)*

Nas falas acima outra temática chama a atenção: o mencionar que a pesquisadora nunca entenderia e que "mulheres paisanas" não entendem. O que remete às diferenças de gênero percebidas e marcadas pelos sujeitos e a masculinidade que aparece como um valor compartilhado em grupo. Outros estudos realizados com policiais especiais apontam para a construção da masculinidade entendida como virilidade e a confirmação desta encontrada no pertencer (Gomes, 2016; Storani, 2008).

Outro ponto a ser destacado é o engodo do monólogo: não é possível cumprir todas as prescrições opressivas de performance impostas pelo capital. Vencer a morte, ainda que seja lema utilizado pelo BOPE, é uma frase de efeito que não se traduz na realidade, não é possível transcender a dimensão humana. Como exposto na fala a seguir:

> *"Eu não fomento o militarismo nos meus filhos. Mas eu quero que eles vejam aquele policial, não como o cara que age de forma retilínea por ele ser policial, quero que ele veja que é uma pessoa de bem como qualquer outro. Quero que ele perca aquela ideologia de que ser policial é ser muito diferente dos demais." (Participante D)*

Soma-se a isso as formas de mal-estar e de sofrimento atreladas aos modos de ser do capitalismo e a cultura estabelecida no batalhão. As falas a seguir trazem exemplos das influências negativas do trabalho na vida desses policiais.

> *"Tínhamos uma situação em que a cobrança interna era muito grande, às vezes dava certo, mas internamente éramos tão detalhistas e nos cobramos tanto que começamos a não olhar para o resultado. Pensamos que deu certo, mas que poderia ter dado errado.] Às vezes alguém tem que parar e nos fazer olhar para o que conseguimos, pois nos cobramos muito." (Participante A)*

> *"no nosso dia a dia a gente fomenta isso* [fazer o impossível] *e não precisa, não precisa a gente fomentar tanto isso no dia a dia, que isso daí de certa forma é prejudicial pra pessoa." (Participante D)*

> *"Então a gente sabe que tem pessoas que flertam com o burnout, já tivemos 2 surtos num período de 2,3 anos [...] Isso a gente associa, não tem como desconectar da nossa realidade. Acho que tem um índice de divórcios no mínimo igual pra maior que da corporação, que até onde eu sei é mais alto do que a média da sociedade. [...]Então a gente sabe que o nosso pessoal está bastante no fio da navalha, é uma pressão." (Participante H)*

> *"Todos aqui são atletas, mas a parte mental com certeza, pois vemos e absorvemos muita coisa. Temos consciência de que nos cobramos muito e que vemos coisas que poucos viram no mundo e que a parte psicológica acarreta problema. Da parte física tem problemas de atletas, como lesões, mas tem saúde." (Participante C)*

> *"eu me sinto bem trabalhando no BOPE e o lado ruim é aquilo, é a pressão exacerbada às vezes né, situações que às vezes não precisam tanta pressão assim O BOPE tem que ser 100%, não pode ser 80%." (Participante I)*

Essas falas exemplificam as situações relacionadas ao mal-estar: a tentativa de totalizar a relação com o trabalho implica no afastamento de outros espaços/relacionamentos, o que, por vezes, leva a vivência de sofrimento. São apontadas como causadoras de mal-estar a pressão e as cobranças de excepcionalidade que, podem atrapalham o julgamento de situações que foram bem-sucedidas. Outro ponto a ser destacado é o empobrecimento dos relacionamentos externos ao BOPE, sejam eles relacionamentos afetivo-sexuais, familiares, amizades, como exposto a seguir.

> *"'Tá, mas os caras não vivem então', deve pensar, o leigo assim, que não conhece muito a função da gente e tudo, "Os caras não vivem", "Ah, e a família?' E buscar os filhos da escola, e não ir [...]E a mulher, esposa etc.". E realmente, o cara tenta se dividir" (Participante B)*

> *"Nós errarmos pagamos com a própria vida, um segundo e meio para a reação e pagamos com a vida, podemos colocar tudo a perder." (Participante J)*

> *"Os daqui que sei que posso contar, não vejo mais aqueles antigos como vejo os amigos daqui, é diferente, fomos perdendo esse vínculo e a culpa foi minha também por não manter o vínculo. Por essa responsabilidade de estar aqui, gostar daqui e dos locais acabamos nos afastando. É diferente, a conversa não é a mesma coisa que nem daqui, de fluir normal que nem aqui." (Participante B)*

> *"meus amigos são todos da polícia, não tenho uma relação com mais ninguém, lógico, tirando a família." (Participante N)*

> *"a gente fala "trabalho, trabalho, trabalho", mas, a gente tá envelhecendo aqui dentro. Porque no início, essa responsabilidade, eu abracei ela, era muito boa pra mim porque, aliada com o prazer, né [...] é muito satisfatória. Mesmo a gente cansado "dormi 3h e meia, e tô aqui bem feliz". Isso, há 8 anos atrás eu vinha muito mais feliz ainda, mas hoje eu não venho com aquela felicidade porque eu cheguei em casa e os meus filhos estavam dormindo e a minha esposa tava dormindo; saí e eles estavam dormindo. [...] eu aprendi que essas responsabilidades, se a gente não souber lidar com elas, isso se torna pesado com o decorrer do tempo. Isso aconteceu comigo." (Participante D)*

Ainda que a competição interindividual seja o discurso majoritário do neoliberalismo, no BOPE ela não parece prevalecer e sim a ideia que se articula, muitas vezes, com uma noção de sobre humanidade da "vitória sobre a morte" (Storani, 2006), vitória que não é exercida por um sujeito, e sim por um grupo (Gomes, 2016). A vitória e as conquistas são exercidas por um grupo e sustentadas por relações de amizade. A amizade pode se colocar distante de um projeto de poder dominante (Blanchot, 2007). A fala a seguir se conecta neste sentido:

> *"Aprendemos no curso que somos um grupo. Se um de nós errar significa que todos erraram. Se ele errou eu tenho culpa*

> *disso, ou não cobrei o que ele tinha que treinar, tenho participação. O erro é coletivo, não apontamos o culpado. Sabemos quem foi, mas não olhamos para ele, pensamos no que nós fizemos que erramos, se foi falta de treino ou algo." (Participante A)*
>
> *"Os meus amigos estão aqui dentro, fazemos churrascos, tudo. Todos os amigos da vida estão aqui. Fora do Bope eu não tenho pelo menos." (Participante A)*

Nesse ínterim, a noção de fratria é retomada pelos participantes e associada às vivências prazerosas no trabalho. A sensação de poder dar a vida pelo outro e saber que o outro também faria isso remete a confiança, amizade. Como exposto na fala a seguir:

> *"Entre tu ter amigos ou ter irmãos tu vai escolher o quê? A gente tem camaradas que vão te dizer que o cara ali tá com arma e pode atirar nele, vamos lá. Quem é o amigo ou irmão que dá a vida por ti? Nós não deixamos o outro morrer sozinho." (Participante C)*

Nesse sentido algumas falas dos sujeitos se conectam com o trabalho vivo, o qual compreende o trabalho como ação constituinte do sujeito que extrapola as prescrições e se apropria de dimensões invisíveis do cotidiano, alcançando aspectos físicos, subjetivos, intersubjetivos (Ferreira et al., 2016). Sujeitos que se reconhecem em seus trabalhos podem ativar em si instâncias produtoras de outras formas de relação. No BOPE dentro e atravessados pelo capitalismo esses sujeitos vivenciam uma sustentação coletiva que por vezes se apresenta como pertencimento, por vezes como adesão à uma franquia. Qual a medida de o quanto esses processos dizem respeito à saúde ou ao adoecimento? Não parece haver uma resposta única, mas são aqueles que vivem o trabalho em seu cotidianos que indicam caminhos. As falas a seguir remetem à percepções de vivências de saúde e prazer relacionadas ao trabalho.

> *"Se tivesse que voltar e passar de novo sabendo o que ia passar, passaria… Alguém deve estar no controle." (Participante A)*
>
> *"eu só tenho filha, acho que seria a melhor coisa da vida dela." (Participante J)*

> *"E tá bom. Enquanto tiver bom eu vou ficando." (Participante P)*

> *"Então assim, é uma transformação do ser humano e essa visão de "tudo mudou e mudou para melhor" é o crescimento da pessoa". (Participante O)*

> *"eu só tenho filha, acho que seria a melhor coisa da vida dela." (Participante J)*

Considerando o exposto a amizade entre os policiais parece auxiliar a sustentar e possivelmente mitigar os aspectos negativos presentes nesse cotidiano de trabalho. Quando a vida humana se resume exclusivamente ao trabalho, ela se converte em um algo penoso, alienante (Antunes, 2010), mas quando o trabalho se constitui como instancia concreta, com sentido, pode ser meio para a realização humana (Marx, 2020). O reconhecimento de um comum que seja espaço de relações de diferença e criativas, diz respeito ao conceito de multidão que não convoca apenas identidades iguais e nem a pura exaltação das diferenças (Hardt & Negri, 2006). O comum que parece pode ser conjugado no BOPE ao unir dimensões alienadas e criativas presentes neste trabalho. Que mundos e que políticas poderiam emergir se a ética do contemporâneo pudesse contemplar tensões sem submissões a jogos binários? (Blanchot, 2007).

> *"cada camarada que eu conheço aqui, eu tenho 100% de confiança nele, então qualquer situação, pra qualquer um deles aqui, eu deixaria por exemplo, meus filhos a cuidado de qualquer um deles aqui. Então pra mim isso é de uma importância extrema, [...] aqui eu pego do camarada do cofre até o comandante do batalhão e eu tenho essa confiança. Então isso aí é um aspecto muito positivo." (Participante L)*

> *"o sentimento de irmandade aqui dentro é muito grande, a gente tem um sentimento muito forte de irmandade". (Participante Q)*

Krenak (2019) aponta o consumo de subjetividades do tempo atual, convocando a ampliação de um horizonte existencial que enriqueça a vida como potência. La Boétie (2020), já havia convocado a amizade como saída para a servidão voluntária. Guattari (2009) propõe que cada devir minoritário, isto é, cada processo do desejo que consiga escapar do majoritário exalta as dimensões de singularidade podendo romper com a

exploração do capital e sua realidade dominante. Fazer parte do BOPE parece abrigar uma possibilidade de alinhar amizade com essas dimensões que se colocam em tensão com o capitalismo e suas formas de gestão alienante da vida.

Esse estudo teve por objetivo conhecer vivências e percepções de policiais militares vinculados a um Batalhão de Operações Especiais no que diz respeito às relações entre seu contexto laboral e mobilização subjetiva. Ao tomar como foco as formas de subjetivação apresentadas pelos sujeitos foi possível constatar que este é um trabalho constituído por diversas contradições que se conjugam numa trama complexa. A polícia militar e o BOPE exercem papel importante na sociedade e sua existência já indica uma contradição: combate-se a violência e, ao mesmo tempo, legitima-se seu uso em determinadas situações. Os policiais do BOPE expressaram diversas questões que podem ser causadoras de sofrimento e que advém da natureza do trabalho policial especial, tais como: cobranças, pressão e prejuízo aos vínculos externos ao trabalho. Na mesma medida, apontaram para processos ligados ao prazer e à saúde: vivências de amizade e forte senso de pertencimento. Todas essas percepções parecem atravessadas por uma construção de si ligada às mobilizações subjetivas, ao batalhão e seu modo de ser. As contradições só podem aparecer em ambientes onde haja espaço para a heterogeneidade e, nesse sentido, reflete-se que apesar de haver o desejo de construir identidades homogêneas totalmente mobilizadas pelo trabalho, há sempre algo que escapa e constrói contradições que são estruturantes de um trabalho concreto em realização. Considera-se ainda que os fluxos de análise construídos compuseram contradições que não parecem anular-se, mas sim constituírem fluxos e processualidades que materializam o que este trabalho convoca a cada dia.

Ao ingressar na Polícia Militar, o policial é convidado a um processo de mudanças pessoais para tornar-se parte. Há exigências atreladas à cultura organizacional e à natureza do trabalho que conduzem os sujeitos a adquirirem traços próprios da corporação e da atividade profissional (Lustoza, 2017). No BOPE essas exigências aparecem de forma extremada no convite e no desejo de construção de um novo sujeito. Esta construção pode se dar de maneira a convocar o sujeito a construir a sensação de sobre humanidade, criando clivagens entre ser humano e ser policial do BOPE, mas também pode favorecer relações de amizade e coletividades. O próprio processo de pesquisa parece ter se configurado como espaço de compartilhamento e reflexão sobre a atuação profissional e ao mesmo tempo de demarcação da diferença entre as pesquisadoras e os policiais, como

foi exposto em algumas falas. Não houve pretensão de esgotar a temática sobre subjetividade e trabalho, mas demonstrou-se a complexidade dos processos de trabalho e as repercussões positivas e negativas deste nos processos de subjetivação.

Estudos que abarcam a questão do trabalho articulado com os processos de transformação capitalistas contribuem tanto para a denúncia de sua ineficácia, como para a compreensão das formas como os sujeitos percebem e se posicionam em suas vivências de trabalho. Esta análise, apesar de se constituir em dois fluxos, diz respeito mais a complexidade indicando que para os trabalhadores do BOPE há uma existência compartilhada e contraditória de valores do capitalismo e valores que se colocam para além dele e engendram outros modos de existir e subjetivar. Neste sentido este trabalho parece configurar-se como espaço de pertencimento pautado na amizade e no modelo de ser da subjetividade franquiada. Esse "e" parece ser a chave para habitar a complexidade e conjuga-se em somas de contradições, saúde, adoecimento, alienação e autonomia.

Além disso, do ponto de vista político, pensar a forma como o trabalho de sujeitos que atuam na segurança pública é vivenciado é de relevância para toda a sociedade – as formas de organização da polícia impactam não apenas os trabalhadores, mas, também, e de forma direta, a sociedade como um todo. Compreender os processos pelos quais os sujeitos inventam e vivenciam seus trabalhos diz respeito também a habitar a complexidade e por vezes a contradição estruturante. Cada situação em que as dimensões de singularidade podem surgir no mundo tem o potencial de romper com a exploração do capital, aposta-se não no consumo de subjetividades dos tempos atuais, mas na ampliação do horizonte da vida consolidada pelo viver com a liberdade que se for capaz de inventar (Guattari, 2009, Krenak, 2019).

Referências

Alves, G. (2011). Terceirização e acumulação flexível do capital: Notas teórico-críticas sobre as mutações orgânicas da produção capitalista. *Estudos de Sociologia*, 16(31), 409-420.

Antunes, R. (2010). Trabalho uno ou omni: a dialética entre o trabalho concreto e o trabalho abstrato. *Argumentum*, *2*(2), 1-7. https://doi.org/10.18315/argumentum.v2i2.941

Antunes, R. (2018). *O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. Boitempo.

Aristóteles (2017). *Ética a Nicômaco*. Principis.

Bendassoli, P. F. (2007). O mal-estar na sociedade de gestão e a tentativa de gestão do mal-estar. In V. Gaulejac. *Gestão como doença social* (pp. 11-25). Editora Ideias e Letras.

Blanchot, M. (2007). *La Amistad*. Trotta.

Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101.

Braun, V., & Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative research in sport, exercise and health, 11(4), 589-597.*

Cangi, A., & Penissi, A. (2015). Spinoza libertário. In A. Negri. *Biocapitalismo* (pp. 13-56). Iluminuras.

Chanlat, A., & Bédard, R. (1996). Palavras: a ferramenta do executivo. *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*, *3*, 125-148.

Cattani, A. D. (2011). Capital Humano, Teoria do. In A. Cattani & L. Holzmann (Eds.), Dicionário de trabalho e tecnologia(2a ed., pp.74-78). Zouk.

Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Boitempo.

Dejours, C. (2012). *Trabalho Vivo - Tomo I: Sexualidade e Trabalho*. Paralelo 15.

Ferreira, J. B. O., Martins, S. R., & Vieira, F. O. (2016). Trabalho vivo como apropriação do inapropriável e criação de formas de vida. *Trabalho (En)Cena*, 1(1),29-49. Recuperado de https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/2336

Foucault, M. (1977). Introdução à vida não-fascista. In G. Deleuze & F. Guattari. Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia (pp. 11-14). Viking Press. Traduzido por wanderson flor do nascimento.

Foucault M. (1999). A psicologia de 1850 a 1950. In M. Foucault. Ditos e Escritos I (pp. 122-139). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1957).

Freud, S. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Imago.

Gagnebin, J. M. (2006). O método desviante. Rev Trop [Internet]. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4455290/mod_resource/content/0/GAGNEBIN_O_metodo_desviante.pdf

Gaulejac, V. (2007). *Gestão como doença social: Ideologia, poder gerencialista e fragmentação social.* Ideias & Letras.

Gomes, M. M. (2016). *BOPE, o fardo da farda: narrativas sobre grupos especiais de polícia*. Insular.

Gorz, A. (2005). *O trabalho imaterial: conhecimento, valor e capital*. Annablume.

Grisci, C. L. I. (2011). Controle rizomático. In A. Cattani & L. Holzmann (Eds.), Dicionário de trabalho e tecnologia(2a ed., pp. 85-88). Zouk.

Guattari, F. (2009). *As três ecologias.* Papirus.

Hardt, M., & Negri, A. (2001). *Império*. Record.

Heloani, R. (2003). *Gestão e Organização no Capitalismo Globalizado: História da Manipulação Psicológica no Mundo do Trabalho*. Atlas.

Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.

La Boétie, E. (2020). Discurso sobre a servidão voluntária. Edipro. Publicado originalmente em 1576.

Lacan, J. (1998). *Escritos*. Jorge Zahar.

Lapis, N. L. (2011). Acumulação flexível. In A. Cattani, & L. Holzmann (Eds.), *Dicionário de trabalho e tecnologia* (2a ed.). Zouk.

Latour, B. (2005). *Reassembling the Social: a introduction to actor-network-theory*. Oxford University Press.

Lazzaratto, M., & Negri, A. (2013). *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Lamparina

Legendre, P. (1983). *O amor do censor: ensaio sobre a ordem dogmática.* Forense Universitária.

Lustoza, D. B. S (2017). Psicologia na Polícia Militar: desafios no âmbito da cultura organizacional. *Rev. Psicologia: Saúde Mental e Seg. Pública*, 6, 35-50.

Marx, K (2020). *O Capital [Livro I]: crítica da economia política. O processo de produção do capital.* Boitempo. Originalmente publicado em 1967.

Menezes, P. (2013). Tropa de elite: perigosas ambiguidades. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 28, 63-75.

Minayo, M., & Tôrres, J. (2013). Visão complexa para uma forma complexa de agir. *Vigilância Sanitária Em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia*, *1*(1), 12-20. https://doi.org/10.3395/vd.v1i1.14

Mizoguchi, D. H. (2015). Modulações da amizade: os conceitos e a produção do mundo. *Mnemosine*, *11*(1), 190-207.

Nardi H. C. (2011) Subjetividade e Trabalho. In A. Cattani, & L. Holzmann (Eds.), *Dicionário de trabalho e tecnologia* (2a ed. pp. 375-378). Zouk.

Nardi, H. C. (2006). *Ética, trabalho e subjetividade*. UFRGS.

Negri, A., & Guattari, F. (2017*). As verdades nômades: por novos espaços de liberdade*. Politeia.

Padilha, J. B. (Diretor) (2007). Tropa de Elite. Zazen Produções; The Weinstein Company.

Padilha, J. B. (Diretor) (2010). Tropa de Elite – O inimigo agora é outro. Zazen Produções.

Pagès, M., Bonetti, M., Gaulejac, V., & Descendre, D. (1993). *O poder das organizações: A dominação das multinacionais sobre os indivíduos.* Atlas. (Trabalho original publicado em 1987).

Pelegrini, A., Cardoso, T. E., Claumann, G. S., Pinto, A. D. A., & Felden, E. P. G. (2018). Percepção das condições de trabalho e estresse ocupacional em policiais civis e militares de unidades de operações especiais. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, *26*, 423-430.

Sato, L., Coutinho, M. C., & Bernardo, M. H. (2017) A Perspectiva da Psicologia Social do Trabalho (pp.11-25) In M. C. Coutinho, M. H Bernardo, & L. Sato (orgs.) *Psicologia social do trabalho.*

Sennett, R. (2001). *A corrosão do caráter*. Record.

Silva, J. P. F. (2019). Como nasce um "Caveira": O Sofrimento como Instrumento na Formação de um Policial de Operações Especiais de uma Corporação Policial Militar do Brasil. *O Alferes*, 29(75), 98-119.

Souza, L. K. D. (2019). Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, *71*(2), 51-67. http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267.ARBP2019v71i2p.51-67

Storani, P. (2008). Vitória sobre a morte: O rito de passagem na construção da identidade dos operações especiais do Bope. *Eduff*

Tavares, J. P., Vieira, L. S., Pai, D. D., Souza, S. B. C. D., Ceccon, R. F., & Machado, W. D. L. (2021). Rede de correlações entre qualidade de vida, resiliência e desequilíbrio esforço-recompensa em policiais militares. *Ciência & Saúde Coletiva*, *26*, 1931-1940. https://doi.org/10.1590/1413-81232021265.10702019

Terry, G., & Braun, V. (2016). "I think gorilla-like back effusions of hair are rather a turn-off":'Excessive hair'and male body hair (removal) discourse. *Body image*, *17*, 14-24.

Venturini, T. (2010). Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. *Public understanding of science*, *19*(3), 258-273.

7 CONCLUSÃO GERAL

Este trabalho teve como objetivo principal investigar a relação entre saúde e mobilização subjetiva associadas ao contexto de trabalho de policiais militares vinculados a um Batalhão de Operações Especiais de um estado do Sul do país. Ao longo dos dois artigos, foram apresentados e analisados os resultados do estudo em suas etapas. Os objetivos deste trabalho foram atendidos e o conjunto dos dados expostos nessa dissertação indicam um grupo de trabalhadores coeso, com senso de pertencimento, e que apresenta bons índices de saúde.

Foram apresentados e discutidos os resultados das avaliações de personalidade, impulsividade, saúde geral, estresse, qualidade de vida, *coping* e fatores psicossociais do trabalho, bem como dois modelos preditivos do bem-estar psíquico desse grupo ocupacional. Além disso, foram apresentados os resultados provenientes da coleta de natureza qualitativa sobre as vivências e percepções de policiais do BOPE no que diz respeito às relações entre seu contexto laboral e mobilização subjetiva. Expôs-se a construção da análise temática dos dados e refletiu-se acerca dos fluxos de análise construídos.

A partir do conjunto dos dados quantitativos e qualitativos analisados, reforça-se a complementaridade destes, especialmente no que diz respeito à importância do olhar atento para os determinantes sociais e históricos dos processos de saúde-adoecimento relacionados ao trabalho. Nesse sentido, os modelos preditivos do bem-estar psíquico propõem-se a contribuir com subsídios para possíveis intervenções realizadas nesse contexto. Entende-se que a amostra reduzida não possibilita a generalização desses resultados e, portanto, sugere-se que novos estudos sejam conduzidos contemplando amostras maiores e outras categorias profissionais, de forma a avaliar a interação das medidas e a possibilidade de generalização de dados. Os dados qualitativos também apontaram a importância dos aspectos grupais para os processos relacionados à saúde, identidade e subjetividade. Outrossim, sugere-se que outros estudos qualitativos possam ser realizados, de forma a cotejar os resultados quantitativos com as percepções dos trabalhadores.

Ao longo do processo de pesquisa, foi possível constatar a complexidade de significados relacionados ao trabalho, bem como de possibilidades de análise dos determinantes sociais e históricos dos processos de saúde-adoecimento. Neste sentido, este estudo propõe-se também a contribuir e aprofundar o debate sobre o bem-estar no trabalho dos profissionais atuantes na segurança pública, sua complexidade e a

elaboração de políticas públicas de prevenção e promoção à saúde. Os estudos com estes grupos ocupacionais têm relevância para os próprios sujeitos trabalhadores, seus gestores e para a sociedade como um todo que é impactada diretamente pela forma como esta política pública é articulada e exercida.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa *"Formação e cotidiano laboral de policiais militares do Batalhão de Operações Especiais do Rio Grande do Sul: dimensão psicossocial do trabalho, saúde mental e qualidade de vida"*, vinculada à Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), tendo como pesquisadora responsável a Prof. Dra. Mayte Raya Amazarray. A pesquisa tem como objetivo estudar potencialidades e dificuldades na formação e no cotidiano de trabalho de policiais militares do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) do Rio Grande do Sul (RS), no que diz respeito à dimensão psicossocial do trabalho, saúde mental e qualidade de vida. Dois grupos de policiais estão sendo convidados a participar: policiais em formação no 14º Curso de Especialização em Operações (Grupo 1), organizado pelo BOPE/RS, e policiais que já fazem parte do corpo funcional do BOPE/RS (Grupo 2).

O presente estudo tem desenho longitudinal de pesquisa, isto é, os participantes serão convidados a contribuir em diferentes momentos ao longo do tempo. Entretanto, a sua participação em uma etapa não traz qualquer tipo de obrigação de participar das etapas seguintes. Se você participar em um determinado momento e não tiver disponibilidade para seguir participando posteriormente, não há problema algum, isso não trará nenhum tipo de prejuízo. Sua participação é voluntária em todas as etapas e você tem liberdade para recusar ou interromper sua participação em qualquer momento e sem penalidades ou prejuízos.

Sobre as etapas e formas de participação: Caso aceite participar desta pesquisa, sua participação, na primeira etapa, ocorrerá por meio das respostas a alguns instrumentos que avaliam características psicológicas, saúde mental, qualidade de vida e contexto de trabalho. Em um primeiro dia, serão respondidos três testes psicológicos, na modalidade presencial, na sede do BOPE/RS, em horário a ser combinado previamente entre você e a equipe de pesquisa. Em um segundo momento, serão respondidos questionários estruturados autoaplicáveis, pela modalidade *online*, mediante um link enviado ao seu e-mail que o direcionará para o ambiente virtual do *Google Forms*. Você poderá responder a esse formulário *online* no momento e local que melhor lhe convier, em um prazo previamente combinado com a equipe de pesquisa. É estimado que em cada um desses momentos (o presencial e o online), você deve levar entre 40 a 60 minutos para responder. Ademais, para os participantes do Grupo 1, também serão feitos convites para responder de modo *online* a um questionário autoaplicável sobre estresse, pelo *Google Forms*, uma vez por mês, durante três meses (de modo a abarcar todo o tempo do Curso). A resposta a esse instrumento é rápida, estimada em aproximadamente dois minutos.

Ao final do Curso, os participantes do Grupo 1 serão contatados para convidá-los à reaplicação dos questionários autoaplicáveis, pela modalidade *online*, no *Google Forms*. O preenchimento deve levar em torno de 40 a 60 minutos. Nos eventuais casos de desistência do Curso, independentemente do momento em que isso ocorrer, os policiais serão contatados pela equipe de pesquisa, convidando-os para responder a um questionário *online,* com o objetivo de compreender os motivos de desistência. Este preenchimento deve levar aproximadamente 20 minutos.

Considerando que este estudo tem o intuito de estudar a saúde mental e a qualidade de vida dos participantes ao longo do tempo, todos os participantes serão contatados ao passar de um ano, e, depois, ao passar do ano seguinte (ou seja, no segundo semestre dos

anos 2022 e 2023), para reaplicação dos mesmos questionários, na modalidade *online*, com estimativa de tempo para responder entre 40 e 60 minutos.

Exlusivamente ao Grupo 2 será feito um convite para participar de grupos focais, a fim de aprofundar informações que tenham sido analisadas na etapa anterior. Serão convidados os participantes e agendados os grupos de acordo com os policiais que demonstrarem disponibilidade. Cada grupo focal terá duração aproximada de 1h30 minutos. O roteiro englobará a rotina do trabalho policial em operações especiais e as estratégias utilizadas para fazer frente às demandas laborais. Os grupos focais ocorrerão na sede do BOPE/RS ou de forma *online* mediante plataforma de vídeo (*Google Meet*), conforme disponibilidade dos participantes e pesquisadores. Os grupos serão gravados para possibilitar para análise posterior.

Somente as pesquisadoras terão acesso ao material coletado nas diferentes fases da pesquisa, ficando sob os cuidados da pesquisadora responsável durante o período de cinco anos e, após, será inteiramente eliminado (conforme Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde). Está assegurada a confidencialidade e o completo anonimato dos participantes desta pesquisa, durante todo seu desenvolvimento e nos relatórios e publicações científicas decorrentes. Os resultados serão sempre analisados de forma coletiva, sua participação é anônima. Entretanto, sempre será solicitado seu nome, para que a equipe de pesquisa possa registrar as respostas de uma mesma pessoa e compará-las ao longo do tempo.

Os riscos para participar da presente pesquisa são mínimos. Entretanto, considerando-se que os participantes refletirão sobre questões pessoais, de saúde e de trabalho ao responder aos testes, aos questionários e ao participar dos grupos focais, algum eventual desconforto pode ocorrer. Caso isso ocorra, o participante terá acesso à equipe de pesquisa para receber orientações e o apoio psicológico que se fizer necessário. Em qualquer momento e diante de qualquer dúvida, a pesquisadora responsável pode ser contatada (Profª. Mayte Raya Amazarray, Departamento de Psicologia da UFCSPA, no endereço Rua Sarmento Leite, 245, sala 610, Porto Alegre, fone 3303-8839, e-mail: mayter@ufcspa.edu.br). Caso você solicite apoio ou mediante identificação de situações de risco psicológico por parte da equipe de pesquisa, tais participantes serão contatados e acolhidos pelo serviço de Psicologia do BOPE (cuja psicóloga responsável integra o projeto de pesquisa), para avaliação e eventual realização de encaminhamento(s) à rede de assistência em saúde da Brigada Militar.

Os benefícios em participar da pesquisa estão relacionados com a contribuição para o incremento do conhecimento científico dos fenômenos em estudo e, partir disso, subsídios para que a instituição e organizações similares implementem melhorias relacionadas ao trabalho policial em operações especiais. Portanto, os participantes não têm um benefício individual direto, mas há um potencial benefício indireto coletivo decorrente do estudo. Não haverá nenhum tipo de despesa requerida para os participantes, bem como nada será pago pela sua participação. Caso o entrevistado sofra por eventuais danos comprovadamente causados pela pesquisa, asseguram-se as devidas indenizações. Toda coleta de dados presencial será organizada em virtude da sua ida à sede do BOPE/RS por ocasião de sua rotina junto ao curso de formação ou em sua jornada laboral cotidiana, não exigindo qualquer tipo de despesa adicional ou extraordinária relacionada ao seu deslocamento.

Os resultados desse estudo serão restituídos ao BOPE/RS, direcionadas aos participantes, em reuniões a ser organizadas em comum acordo e possibilitando o amplo acesso às informações. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa

(CEP) da UFCSPA, e para qualquer pergunta sobre os seus direitos como participante da pesquisa você pode entrar em contato com o CEP/UFCSPA (Rua Sarmento Leite, 245, Porto Alegre, fone 3303-8804, e-mail: cep@ufcspa.edu.br.).

Ao assinar este termo, você declara que autoriza a sua participação no projeto de pesquisa e que seus dados coletados serão utilizados como parte de um relatório de pesquisa científica. Você também declara que foi informado, de forma clara e detalhada, dos objetivos e dos procedimentos a serem utilizados para a coleta de dados, assim como esclarecido o fato de que sua participação sigilosa não acarretará nenhum prejuízo para a sua situação profissional e pessoal.

Consentimento Livre e Esclarecido

Declaro que obtive todas as informações e esclarecimentos necessários, bem como tive o tempo desejado para apreciação do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e ponderação sobre a minha participação na pesquisa. Por estar de acordo, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa e autorizo a divulgação dos resultados obtidos, desde que preservado o sigilo da minha identidade. Assino o documento em duas vias de igual teor, ficando uma em minha posse.

_____,_____de_____de 202_.

Nome do Participante:

Assinatura do Participante:

Pesquisadora responsável:

_____

Profa. Mayte Raya Amazarray (Pesquisador responsável)

APÊNDICE B – Questionário Online

Formação e cotidiano laboral de policiais militares do Batalhão de Operações Especiais do Rio Grande do Sul: dimensão psicossocial do trabalho, saúde mental e qualidade de vida

Bem vindo ao questionário online de participação na pesquisa vinculada ao Batalhão de Operações Especiais (BOPE) do Rio Grande do Sul (RS) e à Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), tendo como pesquisadora responsável a Prof. Dra. Mayte Raya Amazarray.

Essa pesquisa tem como objetivo estudar potencialidades e dificuldades na formação e no cotidiano laboral do trabalho de policiais militares do BOPE do RS, no que diz respeito à dimensão psicossocial do trabalho, saúde mental e qualidade de vida.

Somente as pesquisadoras terão acesso ao material coletado nas diferentes fases dessa pesquisa. Está assegurada a confidencialidade e o completo anonimato de sua participação, durante todo seu desenvolvimento e nos relatórios científicos. Os resultados serão analisados de forma coletiva.

Entretanto, sempre será solicitado seu código de participante, para que a equipe de pesquisa possa registrar as respostas de uma mesma pessoa e compará-las ao longo do tempo.

Para iniciar a responder este formulário, você deve preencher seu código de participante. Logo depois disso, você será direcionado ao preenchimento dos questionários. Por favor, responda com atenção e da forma que melhor o descreva. Não se trata de uma prova, não existem respostas corretas ou incorretas. Apenas assinale as alternativas que mais se aproximem da sua realidade.

Caso tenha alguma dúvida ou encontre alguma dificuldade no preenchimento, você pode contatar a equipe de pesquisa que está de plantão acompanhando a aplicação da pesquisa.

Desde já, muito obrigada por sua participação!

APÊNDICE C – Questionário sociodemográfico e laboral

Questionário sociodemográfico e laboral

Abaixo você responderá a questões que o caracterizam e dizem respeito à sua atividade exercida na PM e no BOPE.

* (obrigatório resposta)

Gênero:*

( ) Masculino

( ) Feminino

( ) Outro:

Idade (em anos):*

Cidade onde reside:*

Escolaridade:*

( ) Ensino médio
( ) Ensino técnico/profissionalizante
( ) Ensino superior incompleto
( ) Ensino superior completo

Caso tenha respondido ensino técnico/profissionalizante ou ensino superior, qual seria o curso?

Você é:*

( ) Solteiro(a)
( ) Casado(a)
( ) Em união estável
( ) Separado(a)/Divorciado(a)
( ) Viúvo(a)

Se tiver respondido algum tipo de relacionamento conjugal/amoroso, qual é o tempo dessa união?

Tem filho(s)? (quantos, idade(s) e com quem mora(m))*

Qual seu cargo atual no BOPE?*

Idade de ingresso na BM:*

Há quanto tempo está na BM? (em anos)*

Há quanto tempo está no BOPE? (em anos)*

Tem algum familiar na BM?*

( ) Não
( ) Sim

Caso tenha respondido sim na pergunta anterior, qual o grau de parentesco?

Exerce alguma atividade profissional fora da BM?*

( ) Não
( ) Sim

Caso tenha respondido sim na pergunta anterior, qual seria essa atividade profissional?

Qual a sua renda familiar?*

( ) Até três salários mínimos
( ) Quatro a seis salários mínimos
( ) Acima de sete salários mínimos
( ) Outro:

Tem algum problema de saúde?*

( ) Não
( ) Sim

Caso tenha respondido sim na pergunta anterior, qual seria este problema de saúde?

Faz algum tipo de acompanhamento médico?*

( ) Não
( ) Sim

Caso tenha respondido sim na pergunta anterior, que tipo de acompanhamento médico é este?

Faz ou já fez algum acompanhamento psicológico?*

( ) Não
( ) Sim

Caso tenha respondido sim na pergunta anterior, foi por quanto tempo, ou vem fazendo há quanto tempo?

Você já esteve afastado do trabalho por licença saúde?*

( ) Não
( ) Sim

Caso tenha respondido sim na pergunta anterior, este afastamento foi em decorrência do trabalho?

( ) Não
( ) Sim

Você já sofreu acidente de trabalho no BOPE?*

( ) Não
( ) Sim

Caso tenha respondido sim na pergunta anterior, qual foi a natureza deste?

( ) Acidente de trabalho típico (exemplos: quedas, cortes, ferimentos, acidente de trânsito em operação...)
( ) Acidente de trajeto (exemplos: deslocamento casa/trabalho/casa)
( ) Doença relacionada ao trabalho (exemplos: lesões por esforços repetitivos, perda auditiva, sofrimento psíquico...)
( ) Outro motivo

Caso tenha respondido "Outro motivo" na pergunta anterior, indique abaixo o que seria.

Você sente que o trabalho interfere negativamente em outras áreas da sua vida (exemplo: família, lazer, relações sociais)?*

( ) Nunca
( ) Poucas Vezes
( ) Às vezes
( ) Muitas vezes
( ) Sempre

Já passou por alguma experiência com desfecho de morte em decorrência da sua atividade profissional como policial militar? (exemplo: perda de civis, perda de colegas, perda de familiares etc.)

( ) Não
( ) Sim

Caso tenha respondido sim à pergunta anterior, pode nos contar brevemente como foi essa vivência?

Em situações adversas no trabalho, a quem você recorre?*

( ) Serviço de Psicologia
( ) Sindicato da Categoria
( ) Serviços de Saúde
( ) Família
( )Amigos
( ) Outros

Caso tenha respondido "Outros" na pergunta anterior, a quem você costuma recorrer?

Qual foi a sua principal motivação para fazer parte do BOPE?*

O que você sente que mudou na sua vida após a entrada no BOPE?*

APÊNDICE D – Escala de Estresse Percebido

As questões desta escala perguntam sobre seus sentimentos e pensamentos durante o último mês. Em cada caso, você deverá indicar a frequência com que sentiu/pensou sobre estes acontecimentos:

No último mês, com que freqüência você...	Nunca	Quase Nunca	Às Vezes	Pouco Freqüente	Muito Freqüente
1 ...**ficou aborrecido** por causa de algo que aconteceu inesperadamente?	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
2 ...sentiu que **foi incapaz de controlar** coisas importantes na sua vida?	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
3 ...esteve **nervoso ou estressado**?	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
4 ...esteve **confiante em sua capacidade** de lidar com seus problemas pessoais?	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
5 ...sentiu que as **coisas aconteceram** da maneira que você esperava?	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
6 ...achou que **não conseguiria lidar** com todas as coisas que tinha por fazer?	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
7 ...foi **capaz de controlar** irritações na sua vida?	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
8 ...sentiu que todos os aspectos de sua vida **estavam sob controle**?	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
9 ...esteve **bravo** por causa de coisas que estiveram fora de seu controle?	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
10 ..sentiu que os problemas acumularam tanto que você não conseguiria resolve-los?	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)

APÊNDICE E – ***Coping Orientation to Problems Experienced Inventory*** **(COPE)**

Versão Reduzida

Existem muitas formas de tentar lidar com situações estressantes. Nos itens abaixo, você deve indicar o que geralmente faz quando experimenta uma situação de estresse. Responda a cada um dos itens marcando o número que corresponda às opções de resposta indicadas, de acordo com sua forma de agir.

7.1 Não costumo fazer isso nunca
7.2 Costumo fazer isso um pouco
7.3 Costumo fazer isso várias vezes
7.4 Costumo fazer isso muito

1.	Realizo uma ação direta em torno do problema	(1)	(2)	(3)	(4)
2.	Faço passo a passo o que tem que ser feito	(1)	(2)	(3)	(4)
3.	Penso profundamente sobre que passos devo tomar	(1)	(2)	(3)	(4)
4.	Tento encontrar uma estratégia sobre o que fazer	(1)	(2)	(3)	(4)
5.	Concentro-me em lidar com o problema e se for necessário, afasto outros temas da minha mente	(1)	(2)	(3)	(4)
6.	Deixo de lado outras atividades para concentrar-me no problema	(1)	(2)	(3)	(4)
7.	Falo dos meus sentimentos com alguém	(1)	(2)	(3)	(4)
8.	Falo com alguém sobre como me sinto	(1)	(2)	(3)	(4)
9.	Peço a ajuda de Deus	(1)	(2)	(3)	(4)
10.	Tento encontrar conforto na religião	(1)	(2)	(3)	(4)
11.	Sinto-me angustiado e deixo aflorar minhas emoções	(1)	(2)	(3)	(4)
12.	Deixo aflorar meus sentimentos	(1)	(2)	(3)	(4)
13.	Recuso-me a acreditar que a situação tenha acontecido	(1)	(2)	(3)	(4)
14.	Ajo realmente como se o problema não tivesse acontecido	(1)	(2)	(3)	(4)
15.	Reduzo a quantidade de esforço que dedico para resolver o problema	(1)	(2)	(3)	(4)
16.	Admito para mim mesmo que não posso lidar com a situação e deixo de tentar	(1)	(2)	(3)	(4)
17.	Sonho acordado com outras coisas diferentes da situação	(1)	(2)	(3)	(4)
18.	Bebo álcool ou tomo drogas (ou medicação) para pensar menos na situação	(1)	(2)	(3)	(4)

APÊNDICE F – WHOQOL BREF (Qualidade de Vida)

As próximas questões são sobre como você se sente a respeito de sua qualidade de vida, saúde e outras áreas de sua vida. Por favor, responda a todas as questões. Se você não tem certeza sobre que resposta dar em uma questão, por favor, escolha entre as alternativas a que lhe parece mais apropriada. Esta, muitas vezes, poderá ser sua primeira escolha. Por favor, tenha em mente seus valores, aspirações, prazeres e preocupações. Nós estamos perguntando o que você acha de sua vida, tomando como referência as duas últimas semanas.

Por favor, leia cada questão e assinale no número que lhe parece a melhor resposta.

1. Como você avaliaria sua qualidade de vida?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Muito ruim	Ruim	Nem ruim nem boa	Boa	Muito boa
2. Quão satisfeito(a) você está com a sua saúde?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Muito Insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito

As questões seguintes são sobre o quanto você tem sentido algumas coisas nas duas últimas semanas.

3. Em que medida você acha que sua dor (física) impede você de fazer o que o que você precisa?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
4. O quanto você precisa de algum tratamento médico para levar sua vida diária?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
5. O quanto você aproveita a vida?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
6. Em que medida você acha que a sua vida tem sentido?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
7. O quanto você consegue se concentrar?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
8. Quão seguro(a) você se sente em sua vida diária?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente
9. Quão saudável é o seu ambiente físico (clima, barulho, poluição, atrativos)?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Nada	Muito pouco	Mais ou menos	Bastante	Extremamente

As questões seguintes perguntam sobre quão completamente você tem se sentido ou é capaz de fazer certas coisas nestas duas últimas semanas.

10. Você tem energia suficiente para seu dia-a-dia?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
11. Você é capaz de aceitar a sua aparência física?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
12. Você tem dinheiro suficiente para satisfazer suas necessidades?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
13. Quão disponível para você estão as informações que precisa no seu di				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente
14. Em que medida você tem oportunidades de atividade de lazer?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Nada	Muito pouco	Médio	Muito	Completamente

As questões seguintes perguntam sobre quão bem ou satisfeito você se sentiu a respeito de vários aspectos de sua vida nas últimas duas semanas.

15. Quão bem você é capaz de se locomover?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Muito ruim	Ruim	Nem ruim Nem bom	Bom	Muito bom
16. Quão satisfeito(a) você está com o seu sono?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito Nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
17. Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade de desempenhar as atividades do seu dia-a-dia?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito Nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
18. Quão satisfeito(a) você está com sua capacidade para o trabalho?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito Nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
19. Quão satisfeito(a) você está consigo mesmo?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito Nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
20. Quão satisfeito(a) você está com suas relações pessoais (amigos, parentes, conhecidos, colegas)?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito Nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
21. Quão satisfeito(a) você está com sua vida sexual?				

1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito Nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
22. Quão satisfeito(a) você está com o apoio que você recebe de seus amigos?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito Nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
23. Quão satisfeito(a) você está com as condições do local onde mora?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito Nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
24. Quão satisfeito(a) você está com o seu acesso aos serviços de saúde?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito Nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito
25. Quão satisfeito(a) você está com o seu meio de transporte?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito Nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito

A questão seguinte refere-se a com que frequência você sentiu ou experimentou certas coisas nas últimas duas semanas

26. Com que frequência você tem sentimentos negativos, tais como mau humor, desesp ansiedade, depressão?				
1 ( )	2 ( )	3 ( )	4 ( )	5 ( )
Nunca	Algumas vezes	Frequentemente	Muito frequentemente	Sempre

APÊNDICE G – Questionário de Saúde Geral (GHQ-12)

Responda as perguntas da forma que mais se encaixa na sua realidade.

1. Tens conseguido te concentrar no que fazes?

( ) Mais que o de costume	( ) O mesmo que o de costume	( ) Menos que o de costume	( ) Muito menos que o de costume

2. Tens perdido o sono com preocupações?

( ) Não	( ) Não mais que o de costume	( ) Mais que o de costume	( ) Muito mais que o de costume

3. Tu te sentes útil na vida?

( ) Mais que o de costume	( ) O mesmo que o de costume	( ) Menos que o de costume	( ) Muito menos que o de costume

4. Tu te sentes capaz de tomar decisões?

( ) Mais que o de costume	( ) O mesmo que o de costume	( ) Menos que o de costume	( ) Muito menos que o de costume

5. Tu te sentes constantemente sob pressão?

( ) Não	( ) Não mais que o de costume	( ) Mais que o de costume	( ) Muito mais que o de costume

6. Tens tido prazer em fazer tuas atividades normais, do dia-a-dia?

( ) Mais que o de costume	( ) O mesmo que o de costume	( ) Menos que o de costume	( ) Muito menos que o de costume

7. Tens a sensação de não poder superar as dificuldades?

( ) Não	( ) Não mais que o de costume	( ) Mais que o de costume	( ) Muito mais que o de costume

8. Tens te sentido capaz de enfrentar teus problemas?

( ) Mais que o de costume	( ) O mesmo que o de costume	( ) Menos que o de costume	( ) Muito menos que o de costume

9. Tens te sentido infeliz e deprimido?

( ) Não	( ) Não mais que o de costume	( ) Mais que o de costume	( ) Muito mais que o de costume

10. Tens pensado em ti mesmo como uma pessoa sem valor?

( ) Não	( ) Não mais que o de costume	( ) Mais que o de costume	( ) Muito mais que o de costume

11. Tens perdido a confiança em ti mesmo?

( ) Não	( ) Não mais que o de costume	( ) Mais que o de costume	( ) Muito mais que o de costume

12. Em geral, tens te sentido feliz?

( ) Mais que o de costume	( ) O mesmo que o de costume	( ) Menos que o de costume	( ) Muito menos que o de costume

APÊNDICE H – Copenhagen Psychosocial Questionnaire II - Versão média

Parte 2. COPSOQ II

Por favor, preencha com atenção e ***responda a todas as questões***.
Das seguintes afirmações indique **(X)** a que mais se adequa à sua resposta de acordo com as alternativas.

As perguntas a seguir se referem a qualidade do seu líder, reconhecimento e justiça em seu ambiente de trabalho.

1- Quase sempre ou Sempre 2- Frequentemente 3- Às vezes 4- Raramente 5- Quase nunca ou Nunca

	1	2	3	4	5
1. As suas tarefas no trabalho fazem sentido para você?					
2. No seu local de trabalho você é informado com antecedência sobre as decisões importantes, mudanças e projetos futuros?					
3. Você recebe todas as informações que precisa para realizar um bom trabalho?					
4. Seu superior imediato está disposto a ouvir seus problemas de trabalho?					
5. Recebe ajuda e apoio de seu chefe imediato na realização do seu trabalho?					
6. Seu trabalho é valorizado pelo seu chefe imediato?					
7. Seu chefe imediato respeita o seu trabalho?					
8. Você recebe um tratamento justo em seu trabalho?					
9. Seu chefe imediato confia que os trabalhadores fazem um bom trabalho?					
10. Você pode confiar nas informações fornecidas pelo seu chefe imediato?					
11. Os trabalhadores podem expressar suas opiniões e emoções?					
12. As discussões e conflios são resolvidos de maneira justa?					
13. Os trabalhadores são reconhecidos quando fazem trabalhos bem feitos?					
14. Seu chefe imediato dá a mesma importância para as propostas de todos os trabalhadores?					
15. As tarefas são distribuídas de forma justa?					
16. Seu atual chefe imediato dá segurança a cada um dos seus subordinados para que tenham boas oportunidades de crescimento profissional?					
17. Seu atual chefe imediato planeja bem o trabalho?					
18. Seu atual chefe imeadiato distribui bem o trabalho?					
19. Seu atual chefe imediato resolve bem as discussões e os conflitos?					

Você se preocupa com possíveis mudanças em suas condições de trabalho.

1- Quase sempre ou Sempre 2- Frequentemente 3- Às vezes 4- Raramente 5- Quase nunca ou Nunca

	1	2	3	4	5
20. Transferência para outro endereço de trabalho, unidade, área ou departamento contra a tua vontade?					
21. Mudança do seu horário (turno, dia da semana, hora de entrada e de saída) contra a tua vontade?					
22. Mudanças nas suas tarefas contra a tua vontade?					
23. Demissão ou não renovação do seu contrato?					

24. Dificuldade de encontrar outro trabalho, no caso de ficar desempregado(a)?					

Com relação às exigências e ao conteúdo do seu trabalho.

1- Quase sempre ou Sempre 2- Frequentemente 3- Às vezes 4- Raramente 5- Quase nunca ou Nunca

	1	2	3	4	5
25. Em seu trabalho, ocorrem momentos ou situações emocionalmente desgastantes?					
26. Em seu trabalho, você tem que cuidar de problemas pessoais de outros colegas?					
27. O seu trabalho afeta você emocionalmente?					
28. Você atrasa na entrega do seu trabalho?					
29. A distribuição das tarefas é irregular e faz com que ocorra o acúmulo de trabalho?					
30. Você tem tempo suficiente para fazer seu trabalho?					
31. Parece impossível terminar as suas tarefas no seu trabalho?					
32. O seu trabalho lhe dá oportunidade para melhorar os seus conhecimentos e habilidades?					
33. Seu trabalho permite que você aplique suas habilidades e conhecimentos?					
34. O seu trabalho permite que você aprenda coisas novas?					
35. O seu trabalho exige que você tenha iniciativa?					
36. Há momentos em que você precisaria estar na empresa e em casa ao mesmo tempo?					
37. Você sente que o trabalho na empresa consome tanta energia que prejudica suas tarefas domésticas e familiares?					
38. Você sente que o trabalho na empresa ocupa tanto tempo que prejudica seu trabalho doméstico e familiar?					
39. Você pensa sobre as tarefas domésticas e familiares quando está na empresa?					
40. Você precisa trabalhar muito rápido?					
41. O seu ritmo de trabalho é agitado o dia todo?					
42. No seu trabalho não é permitido que você expresse a sua opinião?					
43. No seu trabalho é exigido que você trate todos de maneira igual, embora não se sinta satisfeito com isso?					
44. O seu trabalho exige que você esconda suas emoções e seus sentimentos?					
45. No seu trabalho é exigido que você seja simpático com todos, independente da forma como te tratam?					

Estas perguntas abordam sobre a definição de suas tarefas.

1- Quase sempre ou Sempre 2- Frequentemente 3- Às vezes 4- Raramente 5- Quase nunca ou Nunca

	1	2	3	4	5
46. Você se sente comprometido com o seu trabalho?					
47. Você sabe exatamente quais tarefas são de sua responsabilidade?					
48. O trabalho tem objetivos claros?					
49. Você sabe exatamente o que é esperado de você no seu trabalho?					
50. Você sabe exatamente que grau de independência você tem em seu trabalho?					
51. As tarefas que você faz parecem importantes?					
52. Você tem que fazer tarefas que você acha que deveriam ser feitas de					

outra forma?					
53. Você tem que fazer tarefas que parecem desnecessárias?					
54. Você faz coisas em seu trabalho que são aceitas por algumas pessoas, porém não por outras?					
55. Exigem que você faça coisas contraditórias em seu trabalho?					

As perguntas a seguir se referem ao apoio e às relações em seu local de trabalho.

1- Quase sempre ou Sempre 2- Frequentemente 3- Às vezes 4- Raramente 5- Quase nunca ou Nunca

	1	2	3	4	5
56. Você recebe ajuda e poio dos seus colegas de trabalho pra realizar suas tarefas?					
57. Os colegas estão dispostos a ouvir os seus problemas de trabalho?					
58. Os seus colegas falam com você sobre o seu desempenho no trabalho?					
59. Você ajuda nas tarefas dos colegas de trabalho?					
60.Seu chefe imediato fala com você sobre como é realizado o seu trabalho?					
61. Você tem um bom ambiente com os seus colegas de trabalho?					
62. Sente em seu trabalho que você faz parte de um grupo?					

Estas perguntas são sobre a sua influência no trabalho.

1- Quase sempre ou Sempre 2- Frequentemente 3- Às vezes 4- Raramente 5- Quase nunca ou Nunca

	1	2	3	4	5
63. Você pode definir seu ritmo de trabalho?					
64. Você pode interferir sobre as decisões que afetam o seu trabalho?					
65. Você tem influência sobre o modo de fazer suas tarefas no seu trabalho?					
66. Você tem influência sobre o tipo de tarefas que você faz no trabalho?					

Responda se tem sofrido algum dos comportamentos abaixo nos últimos 12 meses, no seu local de trabalho.

1- Quase sempre ou Sempre 2- Frequentemente 3- Às vezes 4- Raramente 5- Quase nunca ou Nunca

Durante os últimos 12 meses você:	1	2	3	4	5
67. Tem sido alvo de insultos ou provocações verbais?					
68. Tem sido exposto a assédio sexual?					
69. Tem sido exposto a ameaças de violência?					
70. Tem sido exposto a violência física?					

As próximas perguntas são sobre a sua saúde, bem estar e satisfação.

	1 – Excelente	2 – Muito boa	3 - Boa	4 - Regular	5 – Ruim
71.Em geral, sente que a sua saúde é:					

Como você tem se sentido durante as últimas 4 semanas.

1- Quase sempre ou Sempre 2- Frequentemente 3- Às vezes 4- Raramente 5- Quase nunca ou Nunca

Durante as últimas 4 semanas,	1	2	3	4	5
72. Você se sentiu exausto/a?					
73. Você se sentiu fisicamente esgotado/a?					
74. Você se sentiu emocionalmente esgotado/a?					
75. Você se sentiu cansado/a?					
76. Você teve problemas para relaxar?					
77. Você se sentiu irritado/a?					
78. Você se sentiu tenso/a?					
79. Você se sentiu estressado/a?					
80. Você se sentiu muito nervoso/a?					
81. Você se sentiu com a moral tão baixa que nada pode animá-lo/a?					
82. Você se sentiu calmo/a e tranquilo/a?					
83. Você se sentiu desanimado/a e triste?					
84. Você se sentiu feliz?					

Como você tem se sentido durante as últimas 4 semanas.

1- Muito satisfeito/a 2- Satisfeito/a 3- Moderadamente satisfeito/a 4- Insatisfeito/a 5- Muito insatisfeito/a

	1	2	3	4	5
85. Qual é o seu nível de satisfação com o seu trabalho, levando tudo em consideração?					

Este questionário foi adaptado a partir da versão do COPSOQ-Sesi/PR.
Serviço Social da Indústria do Paraná – SESI/PR. **Modelo Sesi de avaliação de Riscos Psicossociais:** Cuide-se + / Curitiba: SESI/PR, 2015.

APÊNDICE I – Roteiro Grupos Focais

Roteiro Grupos Focais

RAPPORT: Inicialmente, gostaria de agradecer a presença de todos, é importante pra nossa pesquisa poder conhecer a experiência de vocês para além dos questionários que já foram preenchidos. Essa etapa dá sustentação aos dados que foram colhidos no ano passado, de forma que vocês estão auxiliando a pesquisa estando aqui hoje. Esse grupo será gravado para facilitar a análise dos dados posteriormente. Vou iniciar a gravação agora. A idéia é que a gente possa ouvir e conversar sobre a experiência de ser um policial trabalhador do BOPE e tudo que ela envolve. Pretendemos ficar aqui, 1 hora e 30 minutos, e é importante que vocês possam falar abertamente durante o grupo. Não há respostas certas ou erradas, o que importa é a opinião e o compartilhamento no grupo. Por isso também, gostaria que combinássemos que o que for falado aqui hoje não será levado para outros espaços. Essa combinação tem o intuito de que todos possam se sentir o mais à vontade possível. Lembrando que a participação na pesquisa é anônima. No momento de análise desses dados vocês não serão identificados. O roteiro que tenho comigo serve para mantermos a conversa acontecendo. Tudo que vocês tiverem para compartilhar é válido.

Alguém tem alguma pergunta?

Então para iniciarmos... Gostaria que cada um se apresentasse, uma breve apresentação.

TRABALHO:

1- **Como é que vocês veem o trabalho na vida de vocês? Falar sobre o que que é ser policial do BOPE, a importância do trabalho na vida... qual é o sentido que tem pra vocês o trabalho.**

2- Como percebem o curso de especialização em operações especiais? (caminhada, sentir-se pronto, competência - operadores especiais, como quem não fez o curso percebe? Dar suporte, quem não está na linha de frente)

3- Então, (retomar falas) quais, que vocês percebem que são os aspectos positivos e os aspectos negativos relacionados ao trabalho?

4- E como isso influencia outros âmbitos da sua vida? (Em que medida – *exemplos dados* – interfere na sua saúde *física e/ou mental*?)

5- **O grupo considera que seu trabalho interfere na sua saúde física, ou mental? Como?**

FATORES PSICOSSOCIAIS:

6- **Um número alto do grupo respondeu nos questionários que sentiram que tudo mudou em suas vidas desde que ingressaram no BOPE. O que mudou? Quais foram as principais mudanças?**

7- Vocês acham que este trabalho traz exigências emocionais? Quais seriam? Como lidam com elas?

MOBILIZAÇÃO SUBJETIVA:

8- Muitos policiais quando questionados dizem que quando uma pessoa se torna policial o é 24 horas do dia. De forma que isso se torna uma parte muito importante de quem se é. Como vocês enxergam isso? Implicações?

9- Como o grupo aproveita o tempo quando não está trabalhando?

10- Lazer? Quantos amigos também são policiais? (a minoria, a maioria, todos?)

11- E, considerado todos esses aspectos que abordamos hoje aqui, se pudessem vocês ainda escolheriam essa profissão?

FUTURO E SATISFAÇÃO:

12- Imaginam filhos/filhas na profissão? Como isso seria? <u>Porquês</u>

13- Quais os planos para o futuro?

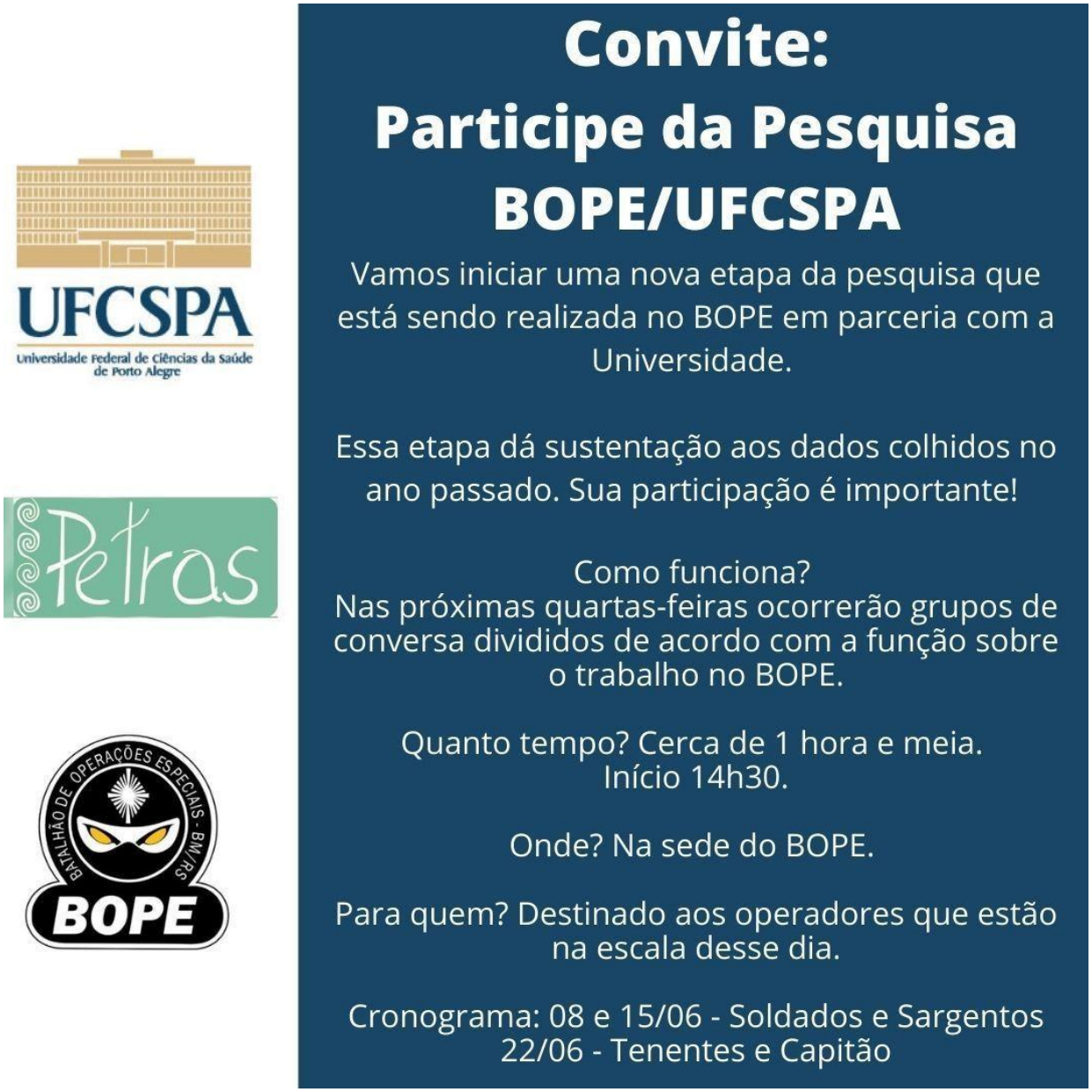
14- Há espaço para falar sobre alguns tópicos que abordamos hoje no batalhão? Já tentaram falar sobre esses aspectos em outros momentos? Como foram recebidos?

15- Se vocês fossem pensar sobre o trabalho e a forma como ele é organizado aqui no BOPE, que sugestões vocês teriam?

APÊNDICE J – Convite Participação Pesquisa



APÊNDICE K – CONVITE GRUPOS FOCAIS



ANEXO - Parecer Consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Formação e cotidiano laboral de policiais militares do Batalhão de Operações Especiais do Rio Grande do Sul:dimensão psicossocial do trabalho, saúde mental e qualidade de vida

Pesquisador: MAYTE RAYA AMAZARRAY

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 47533321.7.0000.5345

Instituição Proponente: Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.838.210

Apresentação do Projeto:

O policial militar desempenha um papel primordial na sociedade em termos de manutenção da ordem social necessária para o convívio harmonioso
e equilibrado entre os cidadãos. Para tanto, o trabalho do policial militar demanda um alto nível de preparo físico e mental para lidar com situações
de tensão e estresse. A exigência é ainda maior entre os policiais vinculados ao Batalhão de Operações Especiais (BOPE), que lidam com situações
de violência com potencial traumático para a sociedade. Para que um policial militar possa desenvolver seu trabalho, integrando o BOPE, é
necessário passar por um intenso treinamento, que abrange habilidades e competências tanto técnicas quanto relacionais, até ser considerado apto
ao trabalho. Com base no referencial teórico das Clínicas do Trabalho, o presente projeto visa estudar o contexto de trabalho, as características de
personalidade e o processo de formação de policiais militares do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) do Rio Grande do Sul. Com vistas a
avaliar e contribuir para o aprimoramento da formação desses profissionais, em nível psicossocial, serão também avaliados aspectos psicossociais
do trabalho, estresse, saúde mental e qualidade de vida de policiais efetivos e em processo de

Endereço: Rua Sarmento Leite ,245
Bairro: Sarmento **CEP:** 90.050-170
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3303-8804 **E-mail:** cep@ufcspa.edu.br

formação para integrarem-se ao BOPE. Trata-se de
um estudo de caráter longitudinal prospectivo, de natureza descritiva e correlacional, combinando abordagens quantitativas e qualitativas. Serão
convidados a participar do estudo os 60 policiais efetivos no estado e os 90 policiais inscritos no curso de formação para o ingresso no BOPE. A
todos será garantido o caráter voluntário da participação, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e demais
procedimentos éticos. Como instrumentos sobre aspectos psicossociais serão utilizados: Questionário sociodemográfico e laboral (com os dados
laborais adaptados à realidade de cada grupo), Escala de Estresse Percebido, Coping Orientation to Problems Experienced Inventory (COPE),
WHOQOL-bref, Questionário de Saúde Geral – GHQ-12 e Copenhagen Psychosocial Questionnaire COPSOQ II. Para a análise da personalidade
serão utilizados os testes psicológicos: Bateria Fatorial de Personalidade (BFP), Inventário Fatorial de Personalidade (IFP II) e a Escala de Avaliação
da Impulsividade Formas A-B (Esavi A-B). Também foi elaborado um questionário dirigido aos participantes que não concluírem o curso, a respeito
das dificuldades encontradas e as percepções que tiveram no processo da formação; e um roteiro de grupo focal para aprofundar a compreensão
das informações coletadas quantitativamente, investigando as percepções dos participantes acerca das estratégias de enfrentamento por eles
adotadas frente às demandas laborais. A coleta de dados foi estabelecida em uma programação temporal, considerando a adequação dos
instrumentos aos grupos, conforme os objetivos do estudo. A análise de dados será realizada utilizando-se estatística descritiva, bivariada e
multivariada no que se refere aos instrumentos padronizados e testes psicológicos. Será realizada análise temática de conteúdo em relação aos
dados obtidos por meio de questões abertas no questionário de dados laborais, no questionário para os policiais não concluintes do curso e os
grupos focais. Esse estudo, de interesse da instituição Brigada Militar, pretende avaliar o contexto de trabalho dos policiais do BOPE e a formação
requerida para esse trabalho em termos de aspectos psicossociais. Com isso, visa subsidiar informações que contribuam para um processo mais



saudável e efetivo de formação e qualidade de vida no trabalho entre esses trabalhadores, o que repercute na qualidade do serviço prestado pelo
BOPE à sociedade.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Estudar potencialidades e dificuldades na formação e no cotidiano laboral de policiais militares do Batalhão de Operações Especiais do Rio Grande
do Sul (BOPE), no que diz respeito à dimensão psicossocial do trabalho, saúde mental e qualidade de vida.

Objetivo Secundário:

Identificar perfil psicológico, variáveis psicossociais e de saúde mental (qualidade de vida, saúde geral, estresse percebido e estratégias de
enfrentamento) e fatores psicossociais do trabalho dos policiais militares em treinamento no curso de especialização organizado pelo BOPE e dos
policiais militares que já integram o quadro funcional do BOPE;

Comparar as medidas de perfil psicológico, variáveis psicossociais e de saúde mental e fatores psicossociais do trabalho entre os dois grupos
(policiais militares em treinamento e policiais militares já atuantes no BOPE);

Comparar perfil psicológico, variáveis psicossociais e de saúde mental e fatores psicossociais do trabalho entre policiais militares concluintes e não
concluintes do curso;

Avaliar indicadores de estresse junto aos policiais militares em formação no curso de especialização do BOPE em medidas repetidas ao longo do
treinamento (início, meio e final do curso);

Estudar as relações entre perfil psicológico, variáveis psicossociais e de saúde mental e fatores psicossociais do trabalho junto aos policiais militares
participantes do estudo;

Conhecer os modos de enfrentamento e o impacto psicológico da atuação policial do BOPE em situações extremas, como na mediação em casos
de cárcere privado por motivos passionais;

Acompanhar longitudinalmente os participantes do estudo no que diz respeito à avaliação das variáveis psicossociais e laborais;

Fornecer subsídios para a formulação de estratégias preventivas e de promoção à saúde dos policiais militares vinculados ao BOPE.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos para o participante da presente pesquisa são mínimos. Entretanto, considerando-se que os entrevistados refletirão sobre questões pessoais, de saúde e de trabalho ao responder aos testes, aos questionários e ao participar dos grupos focais, algum eventual desconforto pode ocorrer. Caso isso ocorra, o participante terá acesso à equipe de pesquisa para receber orientações e o apoio psicológico que se fizer necessário.

Ademais, caso sejam identificadas situações de risco psicológico por parte da equipe de pesquisa, tais participantes serão contatados e acolhidos pelo serviço de Psicologia do BOPE (cuja psicóloga responsável integra o projeto de pesquisa), para avaliação e eventual realização de encaminhamento(s) à rede de assistência em saúde da Brigada Militar.

Benefícios:

Os benefícios em participar da pesquisa estão relacionados com a contribuição para o incremento do conhecimento científico do fenômeno em estudo e, partir disso, subsídios para que a instituição e organizações similares implementem melhorias relacionadas ao trabalho policial em operações especiais. Portanto, os participantes não têm um benefício individual direto, mas há um potencial benefício indireto coletivo decorrente do estudo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta relevância acadêmica, tem potencial de revelar conhecimentos que beneficiarão a população representada pelos participantes da pesquisa além de possuir interesse estratégico em termos de saúde pública.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória foram adequadamente anexados.

Recomendações:

Não se aplica.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado. A pesquisadora deve retirar junto à secretaria do CEP tanto o parecer de aprovação quanto o TCLE assinado e carimbado para uso na pesquisa. Data de término do projeto: junho/2025.

Considerações Finais a critério do CEP:

De acordo com o parecer do Relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1764815.pdf	30/06/2021 16:46:26		Aceito
Outros	AoCEPpendencias.pdf	30/06/2021 16:46:07	MAYTE RAYA AMAZARRAY	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoBOPEv2.pdf	30/06/2021 16:44:24	MAYTE RAYA AMAZARRAY	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_BOPEv2.docx	30/06/2021 16:41:57	MAYTE RAYA AMAZARRAY	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TermoCompromissoRelatorios.pdf	31/05/2021 21:31:18	MAYTE RAYA AMAZARRAY	Aceito
Declaração de concordância	TermoanuenciaBOPEassinado.pdf	31/05/2021 21:30:12	MAYTE RAYA AMAZARRAY	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	31/05/2021 21:29:24	MAYTE RAYA AMAZARRAY	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_BOPE.docx	31/05/2021 21:27:52	MAYTE RAYA AMAZARRAY	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoBOPE.pdf	31/05/2021 21:27:35	MAYTE RAYA AMAZARRAY	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE

Continuação do Parecer: 4.838.210

PORTO ALEGRE, 09 de Julho de 2021

Assinado por:
Fernanda Bordignon Nunes
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Sarmento Leite ,245
Bairro: Sarmento **CEP:** 90.050-170
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3303-8804 **E-mail:** cep@ufcspa.edu.br